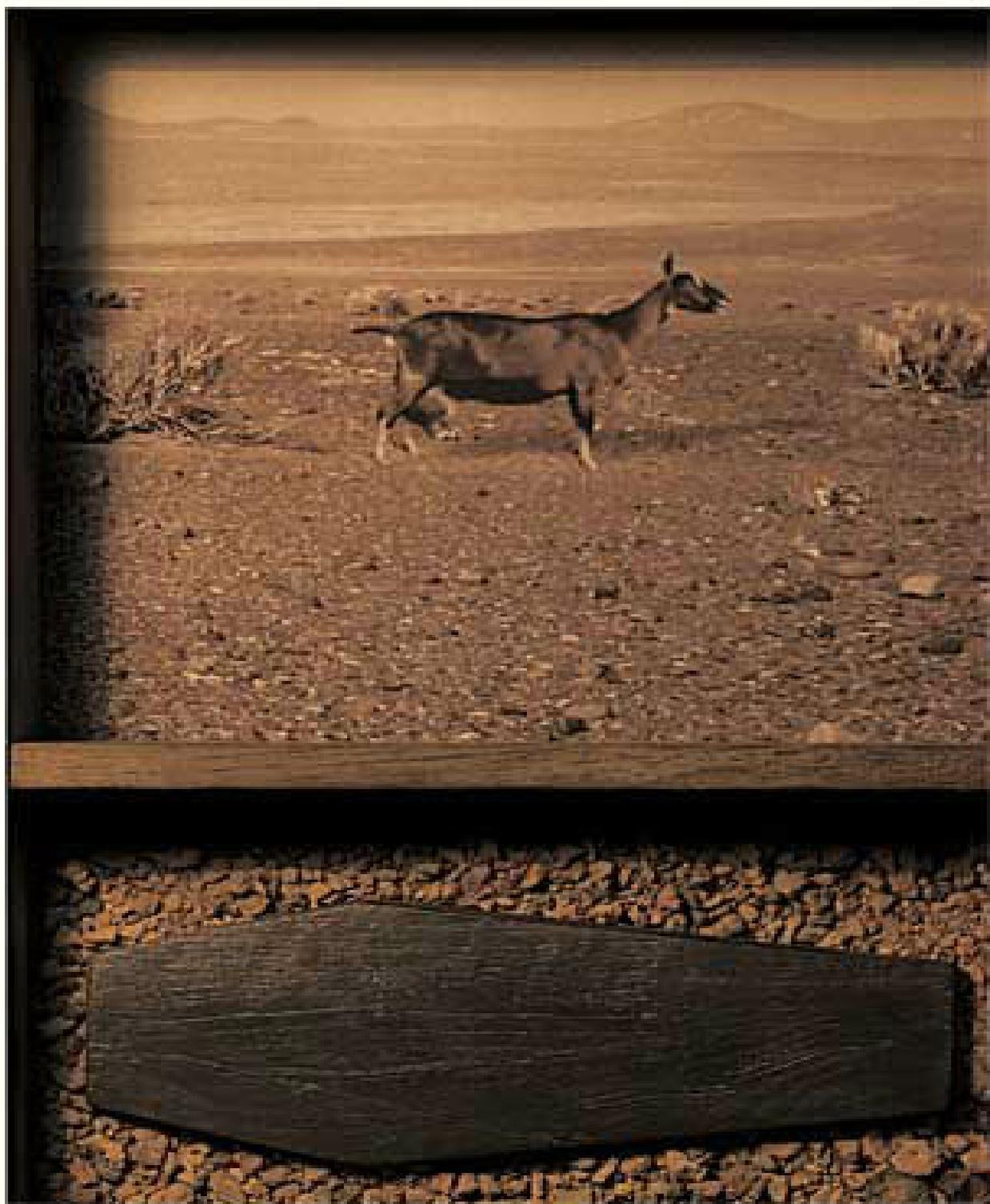


MARIO VARGAS LLOSA

# Quem matou Palomino Molero?



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**QUEM MATOU  
PALOMINO MOLERO?**

**Mario Vargas Llosa**

Tradução  
*Remy Gorga Filho*

Livraria Francisco Alves Editora  
1986

# I

– Filhosdumagrandíssima – balbuciu Lituma, sentindo que ia vomitar. – O que fizeram com você, magrinho.

O rapaz estava ao mesmo tempo enforcado e enfiado na velha algarobeira, em uma posição tão absurda que mais parecia um espantalho ou um No Carnavalón<sup>[1]</sup> escarrapachado que um cadáver. Antes ou depois de matá-lo haviam cortado seu corpo em tiras com uma crueldade sem limites: tinha o nariz e a boca cortados, coágulos de sangue ressequido, equimoses e cortes, queimaduras de cigarro, e, como se não fosse bastante, Lituma compreendeu que também haviam tentado capá-lo, porque os ovos pendiam até a entreperna. Estava descalço, despido da cintura para baixo, com uma camiseta em pedaços. Era jovem, magro, moreninho e ossudo. Na confusão de moscas que revolteavam ao redor de sua cara reluziam seus cabelos pretos e crespos. As cabras do moleque remanchavam à volta, esgravatando os pedregulhos do descampado em busca de alimentos e Lituma pensou que a qualquer momento começariam a morder os pés do cadáver.

– Quem porra fez isto? – balbuciu, contendo a náusea.

– E eu sei? – disse o moleque. – Por que me diz palavrão, que culpa eu tenho? Agradeça por eu ter avisado.

– Não é com você, moleque – murmurou Lituma. Só estou praguejando porque parece mentira que haja no mundo gente tão perversa.

O moleque deve ter levado o susto de sua vida essa manhã, ao passar com suas cabras por este pedregal e topar com semelhante espetáculo. Tinha se portado como um cidadão exemplar, o moleque. Deixou o rebanho pastando pedras junto ao cadáver e correu a Talara para dar parte à polícia. Tinha mérito porque Talara estava no mínimo a uma hora a pé daqui. Lituma lembrou dessa carinha suada e a voz de assombro quando apareceu na porta do Posto:

– Mataram um sujeito lá, no caminho de Lobitos. Se quiserem, levo vocês, mas agorinha mesmo. Deixei as cabras soltas e podem roubá-las.

Não tinha roubado nenhuma, felizmente; ao chegar, enquanto ainda não se recuperava do pavor que fora para ele ver o estado do morto, o guarda vira o moleque contando com os dedos o rebanho e o ouviu suspirar, aliviado: "Todinhas".

– Mas, pela Santíssima Virgem – exclamou o taxista às suas costas. – Mas, mas, que é isto?

No caminho, o moleque descrevera mais ou menos o que veriam, mas uma coisa era imaginá-lo, outra vê-lo e cheirá-la. Porque também fedia muitíssimo. Não era para menos, com esse sol que parecia perfurar pedras e crânios. Estaria se decompondo rapidamente.

– Me ajuda a tirar ele daí, Dom?

– Que remédio – grunhiu o taxista, persignando-se. Cuspiu em direção à algarobeira. – Se me tivessem dito para que o Ford ia servir, não o compraria nem de brincadeira.

Você e o Tenente abusam porque pensam que eu sou muito bonzinho.

Dom Jerônimo era o único taxista de Talara. Seu velho calhambeque, preto e grande como uma carroça funerária, podia passar quantas vezes quisesse pela cerca que separava o povoado da zona reservada, onde estavam os escritórios e as casas dos gringos da International Petroleum Company. O Tenente Silva e Lituma utilizavam o táxi toda vez que deviam fazer um trajeto longo demais para os cavalos e a bicicleta, únicos meios de transporte do Posto da Guarda Civil. O taxista resmungava e protestava toda vez que o chamavam, dizendo que o faziam perder dinheiro, apesar de que, nestes casos, o Tenente pagava a gasolina.

– Espere, Dom Jerônimo, agora me lembro – disse Lituma, quando já iam tirar o morto. – Não podemos tocar nele até que o Juiz venha para o reconhecimento.

– Meada: isso quer dizer que vou ter que fazer essa viagensinha outra vez – pigarreou o velho. – Mas eu já lhe previno: o Juiz me paga a corrida ou vai procurar outro bobo.

E, quase imediatamente, se deu uma palmadinha na testa. Abrindo muito os olhos, aproximou a cara do cadáver.

– Mas, claro, este eu conheço! – exclamou.

– Quem é?

– Um desses aviadores<sup>[2]</sup> que vieram para a Base Aérea na última leva – animou-se a expressão do velho.

– É ele. O piuraninho que cantava boleros.

## II

– Cantava boleros? Então é o que lhe falei, primo garantiu o Mono.

– É ele – concordou Lituma. – Nós investigamos e é. Palomino Molero, de Castilla. Só que isso não resolve o mistério de quem o matou.

Estavam no barzinho da Chunga, nas vizinhanças do Estádio, onde devia haver uma luta de boxe, porque até eles chegavam, bem claros, os gritos dos torcedores. O guarda viera a Piura aproveitando seu dia de folga; um caminhoneiro da International o trouxera de manhã e o levaria de volta a Talara a meia-noite. Sempre que vinha a Piura, matava o tempo com seus primos León – José e Mono – e com Josefino, um amigo do bairro de La Gallinacera. Lituma e os León eram da Mangacheria, e havia uma rivalidade tremenda entre mangaches e gallinazos<sup>[3]</sup>, mas a amizade entre os quatro superara essa barreira. Eram unha e carne, tinham seu hino e chamavam a si mesmos os inconquistáveis.

– Resolva este mistério e o promoverão a general, Lituma – Mono fez uma careta.

– Vai ser difícil. Ninguém sabe nada, ninguém viu nada, e, o pior de tudo, a autoridade não colabora.

– Por acaso a autoridade lá em Talara não é você, compadre? – se surpreendeu Josefino.

– O Tenente Silva e eu somos a autoridade policial. Quem não coopera é a Aeronáutica.

E como o magrinho era aviador, se eles não cooperam, quem porra vai cooperar.

– Lituma soprou a espuma do copo e bebeu um gole de cerveja abrindo a boca como um crocodilo. – Filhosdumagrandíssimaputa. Se vocês tivessem visto como o deixaram, não estariam tão contentes, planejando ir a um puteiro. E entenderiam por que não consigo pensar em outra coisa.

– Entendemos – disse Josefino. – Mas é que chateia ficar só falando de um cadáver. Não foda mais a nossa paciência com o seu mortinho, Lituma.

– Isso só acontece a você porque se meteu a tira disse José. – Trabalhar é se fuçar. E, depois, você não dá para isso. Um tira deve ter coração de pedra, ser um filho da puta se for preciso. E você é um sentimental de merda, isso é o que é.

– É verdade, sei que sou – admitiu Lituma, abatido.

– Mas não posso tirar o magrinho da cabeça. Tenho pesadelos, parece que estão arrancando meus ovos como fizeram com ele. Coitadinho: morreu com eles pelos joelhos e achatados como ovos fritos.

– Você tocou neles, primo? – riu o Mono.

– A propósito de ovos, o Tenente Silva já comeu a gorda? – perguntou José.

– Essa foda está nos deixando aflitos – acrescentou Josefino. – Já a comeu?

– Do jeito que vai, morrerá sem comê-la – suspirou Lituma.

José se levantou da mesa:

– Muito bem, vamos ao cinema para matar tempo. Antes da meia-noite aquele puteiro é um velório. No Variedades dão uma de

folclore, com Rosinha Quintana. O tira convida, naturalmente.

– Não tenho grana nem para esta cerveja – disse Lituma. – Você vai me fiar, não é, Chunguita?

– Você sabe quem é que vai lhe fiar – respondeu a Chunga, do balcão, com ar aborrecido.

– Eu sabia muito bem o que você ia me responder disse Lituma. – Só falei para sacanear, só por isso.

– Então vá sacanear aquela que você conhece bem bocejou a Chunga.

– Dois a zero para a Chunga – Mono fez uma careta.

– Não esquente a cabeça, Chunguita – disse Lituma.

– Olhe aqui o que lhe devo. E não se meta com minha mãezinha, a coitada está morta e enterrada em Simbilá.

A Chunga, mulher alta e irritadiça, sem idade, pegou as notas, contou-as e deu o troco quando o guarda, os León e Josefino já saíam.

– Uma pergunta, Chunguita – desafiou-a Josefino.

– Um cliente ainda não quebrou uma garrafa na sua cabeça por responder desse jeito?

– Desde quando deu para curioso? – replicou a Chunga, sem se dignar a olhá-lo.

– Pois algum dia alguém vai lhe quebrar a cabeça, só por ser tão simpática.

– Aposto que não será você – bocejou a Chunga, acomodada de novo no balcão, uma fileira de barris com uma tábua por cima.

Os quatro inconquistáveis atravessaram o areal até a estrada, passaram frente ao Clube dos branquinhos de Piura e caminharam

em direção ao Monumento a Grau<sup>[4]</sup>. A noite estava morna, quieta e com muitas estrelas.

Cheirava a algarobeiras, a cabras, a cocô de burro, a fritura, e Lituma, sem poder tirar da cabeça a imagem de Palomino Molero enfiado e despedaçado, pensou se agora se arrependia por ter virado tira e não viver mais na boêmia de um inconquistável. Não, não se arrependia. Mesmo que fosse uma merda trabalhar, agora comia todos os dias e sua vida estava livre da incerteza de antes. José, Mono e Josefino assobiavam uma valsa, fazendo contraponto, e ele tentava imaginar o tom apaixonado e a melodia envolvente com que, segundo todos, o magrinho cantava boleros. Na porta do Variedades ele se despediu dos primos e de Josefino. Mentiu: o caminhoneiro da International retornaria a Talara mais cedo que de outras vezes e ele não queria ficar sem carona. Tentaram lhe filar algum dinheiro, mas ele não soltou nem um tostão.

Começou a andar em direção à Praça de Armas. No caminho, divisou em uma esquina o poeta Joaquim Ramos, de monóculo, puxando a cabra a quem chamava de, gazela. A Praça estava cheia de gente, como se fosse haver retreta. Lituma não prestou atenção nos transeuntes e, depressa, como quem vai a um encontro amoroso, atravessou a Velha Ponte até Castilla. A idéia tinha tomado corpo enquanto bebia cerveja na Chunga. E se a senhora não estava? E, para esquecer sua desgraça, se mudara para outra cidade?

Encontrou, porém, a mulher na porta de sua casa, sentada em um banquinho, tomando a fresca da noite enquanto debulhava espigas de milho em uma bacia. Pela porta aberta da casinha de barro se via, na peça iluminada por um lampião de querosene, o escasso mobiliário: cadeiras de palha, algumas desfundadas, uma

mesa, uns porongos, um caixote que devia fazer às vezes de guarda-louça, e uma fotografia colorida. “O magrinho”, pensou.

– Boa noite – disse, detendo-se frente à mulher. Percebeu que estava descalça e com o mesmo vestido preto daquela manhã no Posto de Talara.

Ela murmurou “Boa noite” e olhou sem reconhecê-lo. Uns cachorros esqueléticos andavam se cheirando e ganiam por ali. Longe se ouviam acordes de guitarras.

– Posso conversar um pouquinho com a senhora, Dona Assunta? – perguntou com voz respeitosa. – Sobre seu filhinho Palomino.

Na meia penumbra, Lituma conseguiu ver a cara sulcada de rugas e os olhinhos quase cobertos pelas avultadas pálpebras, examinando-o com desconfiança. Seus olhos tinham sido sempre assim ou se incharam de tanto chorar nos últimos dias?

– Não me reconhece? Sou o guarda Lituma, do Posto de Talara. O que estava lá quando o Tenente Silva tomou seu depoimento.

A senhora persignou-se, grunhindo alguma coisa incompreensível, e Lituma viu-a se levantar, trabalhosamente. Entrou na casa arrastando a bacia cheia de grãos de milho e o banquinho. Seguiu-a, e, tão logo se viu debaixo do teto, tirou o quepe.

Impressionava-o pensar que este tinha sido o lar do magrinho. O que estava fazendo não era uma diligência ordenada por seu superior, mas por iniciativa própria; desde que não lhe desse dores de cabeça.

– Encontraram? – murmurou a mulher, com a mesma voz trêmula que em Talara, enquanto prestava seu depoimento. Deixou-

se cair em uma cadeira, e como Lituma a olhava sem compreender, aumentou a voz: — A guitarra do meu filho. Encontraram?

— 'Ainda não — disse Lituma, lembrando. A senhora Assunta insistira muitíssimo, enquanto soluçava e respondia às perguntas do Tenente Silva, para que lhe entregassem a guitarra do magrinho. Mas, depois que a senhora partiu, nem ele nem o Tenente se lembraram do assunto. — Não se preocupe. Cedo ou tarde nós a encontraremos e eu a trarei pessoalmente.

Ela voltou a persignar-se e Lituma achou que o exorcizava. "Eu lembro a ele sua desgraça", pensou.

— Ele quis deixar aquela guitarra aqui e eu lhe disse leve, leve — ouviu-a salmodiar, com a boca em que quase nenhum dente sobrevivia. — Não, mãezinha, na Base não terei tempo de tocar, não sei se haverá um roupeiro para guardá-la. Pode ficar aqui, tocarei quando vier a Piura. Não, não, filhinho, leve a sua guitarra, para você se entreter, para se acompanhar quando cante. Não se prive da guitarra, você gosta tanto dela, Palomino. Ai, ai, ai, pobre do meu filhinho.

Começou a chorar e Lituma lamentou ter vindo trazer más lembranças àquela mulher. Balbuciou algumas palavras de consolo, coçando o pescoço. Para fazer alguma coisa, sentou-se. Sim, a fotografia era ele, fazendo a primeira comunhão. Contemplou um bom tempo a carinha comprida e angulosa do menino moreno, com o cabelo bem assentado, vestido de branco, uma vela na mão direita, um missal na esquerda e um escapulário no peito. O fotógrafo tinha avermelhado suas bochechas e seus lábios. Um moleque magrela, carinha arrebatada, como se estivesse vendo o Menino Jesus.

– Já nessa época cantava maravilhosamente – choramingou Dona Assunta, apontando a fotografia. – O Padre Garcia o fazia cantar no coro, sozinho, e na própria missa o aplaudiam.

– Todos dizem que tinha uma voz incrível – comentou Lituma. – Que acabaria um artista, um desses que cantam no rádio e viajam. Todos dizem. Os artistas não deveriam fazer serviço militar, deveriam ser dispensados.

– Palomino não precisava fazer o serviço militar disse a senhora Assunta. – Estava dispensado.

Lituma buscou os olhos dela. A senhora persignou-se e se pôs a chorar de novo –. Enquanto a ouvia chorar, Lituma observava os insetos revoloteando em torno do lampião.

Eram dezenas, se precipitavam zumbindo contra o vidro, uma e muitas vezes, tentando alcançar a chama. Queriam suicidar-se, os burros.

– O bruxo disse que quando encontrarem a guitarra, vão encontrar eles – choramingou Dona Assunta. – Os que ficaram com a guitarra dele são os assassinos. Assassinos! Assassinos!

Lituma concordou. Tinha vontade de fumar, mas, acender um cigarro, diante da dor desta senhora, parecia um desrespeito.

– Seu filhinho estava dispensado do serviço militar? – perguntou timidamente.

– Filho único de mãe viúva – recitou Dona Assunta. – Palomino era o único porque eu perdi os outros dois. É a lei.

– É verdade, mas se cometem muitos abusos. – Lituma voltou a coçar o pescoço, convencido de que ela ia recomeçar com o choro. – Quer dizer que não tinham direito de levá-lo? Que desmando. Se não o levam, estaria vivo, na certa.

Dona Assunta negou, enquanto secava os olhos com a barra da saia. Longe continuava ouvindo os acordes de guitarra e Lituma teve a fantástica idéia de que quem tocava, lá na escuridão, talvez na margem do rio, olhando a lua, era o magrinho.

– Não o levaram, foi de voluntário – choramingou Dona Assunta. – Ninguém o obrigou. Se fez aviador porque quis. Ele mesmo procurou a desgraça.

Lituma ficou observando-a, em silêncio. Era uma mulher baixinha, os pés descalços mal roçavam o chão.

– Pegou um ônibus, foi a Talara, se apresentou na Base e disse que queria fazer seu serviço militar na Aviação. Coitadinho! Procurou sua morte, senhor. Ele sozinho, ele sozinho. Pobre Palomino!

– Mas por que não contou isso ao Tenente Silva, lá em Talara?  
– disse Lituma.

– Por acaso me perguntou? Eu respondi a tudo que me perguntaram.

Era verdade. Se Palomino tinha inimigos, se o haviam ameaçado, se o tinha ouvido discutir ou brigar com alguém, se sabia de alguém que tivesse motivo para lhe fazer mal, se lhe dissera que pensava fugir da Base. A senhora respondeu documente a todas as perguntas: não, ninguém, nunca. Mas, era verdade, o Tenente não se lembrara de lhe perguntar se o magrinho fora servir por ter sido sorteado ou como voluntário.

– Ou seja, gostava da vida militar? – se espantou Lituma. A idéia que fizera do cantor de boleros era, pois, falsa.

– Isso é o que eu não entendo – soluçou Dona Assunta. – Por que você fez isso, filhinho? Você, de aviador? Você, você! E lá, em

Talara? Os aviões caem, quer me matar de medo? Por que fez uma coisa assim, sem me consultar? Porque se a consultasse, mãezinha, a senhora teria me dito que não. Mas então por quê, Palomino? Porque preciso ir para Talara. Porque é coisa de vida ou morte, mãezinha.

"Foi mais de morte", pensou Lituma.

— Mas por que era de vida ou morte para seu filho ir para Talara, senhora?

— Isso eu nunca fiquei sabendo — se persignou pela quarta ou quinta vez Dona Assunta. — Não quis me dizer e levou pro céu o segredo. Ai, ai! Por que me fez isto, Palomino?

Uma cabrinha parda, com pintas brancas, metera a cabeça na peça e olhava para a mulher com seus olhos grandes e piedosos. Uma sombra a levou, puxando pela corda que a continha.

— Teria se arrependido com pouco tempo de alistado — fantasiou Lituma. — Quando descobriu que a vida militar não era coisa leve nem mulherezinhas de graça, como talvez tivesse pensado. Pelo contrário, é uma coisa muito dura. Quem sabe desertou por isso. Isso, pelo menos, eu posso entender. O que não compreendo é por que o mataram. E daquela maneira tão bárbara.

Havia pensado em voz alta, mas Dona Assunta não parecia ter notado. Ou seja, se alistou para sair de Piura, porque isso para ele era de vida ou de morte. Alguém o teria ameaçado aqui na cidade e ele pensou, então, que estaria seguro em Talara, no interior de uma Base Aérea. Mas não pôde agüentar a vida militar e desertou.

Aquele ou aqueles de quem fugia o encontraram e o mataram. Mas por que assim? É preciso estar louco ou ser um monstro para torturar daquele modo um rapaz que há bem pouco deixara de ser

um menino. Muitos entravam no Exército por penas de amor, também. Podia ter sido por uma decepção amorosa, talvez.

Podia estar muito apaixonado por uma moça que lhe deu o fora, ou o enganou, e, amargurado, decidiu ir para longe. Para onde? Para Talara.

Como? Entrando na Aeronáutica. Achava possível e ao mesmo tempo impossível. Voltou a coçar o pescoço, nervoso.

– Por que o senhor veio a minha casa?—encarou-o de repente Dona Assunta, com aspereza.

Sentiu-se em uma posição falsa. Por que viera, mesmo? Por nada, por pura curiosidade doentia.

– Para ver se a senhora podia me dar alguma pista balbuciou.

Dona Assunta olhava-o desgostosa e o guarda pensou: "Percebeu que estou mentindo."

– Já não me fizeram ficar lá três horas, dizendo tudo o que sabia?— murmurou, desconsolada. Que mais querem? Que mais, que mais? Pensam, por acaso, que eu sei quem matou meu filho?

– Não se zangue, senhora — se desculpou Lituma. Não quero incomodá-la, já estou de saída. Muito obrigado por me receber. Nós avisaremos qualquer coisa.

Levantou-se, murmurou "Boa noite" e saiu, sem lhe dar a mão, porque temeu que Dona Assunta a deixasse estendida. Pôs o quepe de qualquer jeito. Dera ainda poucos passos pela terrosa ruazinha de Castilla, sob as estrelas nítidas e incontáveis, e já estava sereno. Já não ouvia mais a remota guitarra; apenas vozes esganiçadas de meninos, brigando ou jogando, o tagarelar das famílias às portas de suas casas e alguns latidos. Que é que há com você?, pensou. Por que está tão indeciso? Pobre magrinho. Não voltaria a ser o mangache de

antes, até que entendesse como podia haver no mundo gente tão malvada. Principalmente porque, não importa o modo como encarasse a coisa, a vítima parecia ter sido boa gente, incapaz de matar uma mosca.

Chegou à Velha Ponte e, em lugar de atravessá-la, para voltar à cidade, entrou no Riobar, erigido com madeiras sobre a própria estrutura da antiqüíssima ponte que unia as duas margens do rio Piura. Sentia a garganta áspera como lixa. O Riobar estava vazio.

Logo que sentou na banquetta, Moisés, o dono da cantina, se aproximou dele, com suas grandes orelhas desabadas. Era chamado de Dumbo.

– Não me acostumo ver você fardado, Lituma brincou, servindo-lhe um suco de lúcumã. – Parece que está disfarçado. E os inconquistáveis?

– Foram ver Rosita Quintana – disse Lituma, bebendo com avidez. – Eu tenho que voltar a Talara agorinha mesmo.

– Que merda o que aconteceu com o Palomino Molero – disse Moisés, oferecendo-lhe um cigarro. – É verdade que cortaram os ovos dele?

– Não cortaram, botaram para fora com um puxão murmurou Lituma, chateado.

Era a primeira coisa que todos queriam saber. Agora também Moisés começaria a fazer brincadeiras com os ovos do magrinho.

– Bem, dá no mesmo. – Dumbo moveu as enormes orelhas como se fossem as asas de um grande inseto. Era também narigudo e de queixo protuberante. Um completo fenômeno.

– Você conheceu aquele rapaz? – perguntou Lituma.

– E você também, tenho certeza. Não se lembra dele? Os branquinhos o contratavam para fazer serenatas. Cantava em festas, na procissão, no Clube Grau. Cantava como um Leo Marini<sup>[5]</sup>, eu lhe garanto. Você deve tê-lo conhecido, Lituma.

– É o que todos dizem. Os León e o Josefino dizem que estivemos juntos uma noite em que o fizeram cantar na Chunga. Mas eu não me lembro.

Semicerrou os olhos e, uma vez mais, passou em revista essa série-de-noites, tão parecidas, ao redor de uma mesinha de madeira eriçada de garrafas, com fumaça que fazia os olhos arderem, cheiro a álcool, vozes embriagadas, silhuetas confusas e cordas de guitarra compondo valsas e tonderos<sup>[6]</sup>. Distinguia, de imediato, na turbamulta dessas noites a voz juvenil, delicada e acariciadora que impelia a dançar, a abraçar uma mulher, a lhe sussurrar coisas bonitas?

Não, não aparecia em sua memória em nenhuma parte. Seus primos e Josefino estavam enganados. Ele não estava ali, ele nunca tinha ouvido Palomino Molero cantar.

– Estão investigando para saber quem são os assassinos?  
– disse Moisés, atirando fumaça pelo nariz e a boca.

– Ainda – disse o guarda. – Você era amigo dele?

– Vinha, às vezes, tomar um suco – respondeu Moisés. – Não éramos grandes amigos. Mas a gente conversava, – Era alegre, conversador? Ou metido a sério e antipático?

– Calado e muito tímido – disse Moisés. – Um romântico, uma espécie de poeta. Pena que o levaram, deve ter sofrido com a disciplina do quartel.

– Não o levaram, estava dispensado do serviço disse Lituma, saboreando as últimas gotas do suco de lúcumã. – Ele se apresentou como voluntário. Nem a mãe dele entendeu.

E eu também não.

– Isso é coisa de amantes desenganados. – Dumbo moveu as orelhas.

– Eu também penso assim – assentiu Lituma. – Mas isso não esclarece quem o matou nem por quê.

Um grupo de homens entrou no Riobar e Moisés foi atendê-los. Era hora de ir procurar o caminhoneiro da International que o levaria de volta a Talara, sentia, porém, uma grande preguiça. Não se mexeu.

Via o magrinho afinando a guitarra, via-o na penumbra das ruas onde moravam os brancos de Piura, ao pé das janelas e sacadas de suas noivas e namoradas, enfeitiçando-as com sua linda voz. Via-o, depois, recebendo as gorjetas que lhe davam pela serenata. Teria comprado a guitarra juntando essas gorjetas ao longo de quantos meses? Por que era de vida ou morte para ele sair de Piura?

– Agora me lembro que sim – disse Moisés, abanando furiosamente as orelhas.

– Que sim o quê? – Lituma pôs sobre o balcão o dinheiro do suco de lúcumã.

– Que estava apaixonado até as últimas. Ele me contou alguma coisa sobre isso. Um amor impossível. Ele me falou disso.

– Alguma mulher casada?

– E eu sei, Lituma! Há muitos amores impossíveis. Apaixonar-se por uma freira, por exemplo. Mas eu me lembro bem que uma vez ouvi ele dizer isso. Por que está com essa cara tão azeda, magro

cantor? Porque estou apaixonado, Moisés, e meu amor é impossível. Foi por isso que se meteu na Aviação, claro.

– Não lhe disse por que seu amor era impossível? Nem quem era ela?

Moisés negou com a cabeça e as orelhas ao mesmo tempo:

– Só que a via às escondidas. E que fazia serenatas para ela, mas de longe, e de noite.

– Estou entendendo – disse Lituma. Imaginou o magrinho fugindo de Piura por temor de um marido ciumento que o ameaçara de morte. "Se a gente soubesse de quem estava apaixonado, por que seu amor era impossível, isso ajudaria muito." Talvez a ferocidade com que o haviam maltratado tinha essa explicação: a raiva de um marido ciumento.

– Se isso o ajuda, posso lhe dizer que o amorzinho dele morava aí pelo aeroporto – acrescentou Moisés.

– Pelo aeroporto?

– Uma noite a gente estava conversando aqui, e Palomino Molero sentado onde você está. Ouviu um amigo meu dizer que ia a Chiclayo e perguntou se podia ir com ele até o aeroporto. Mas o que é que você vai fazer no aeroporto a estas horas, magro cantor? "vou fazer uma serenata pró meu amorzinho, Moisés." Ou seja, ela morava por lá.

– Mas por aqueles lados não mora ninguém, lá só tem areia e algarobeiras, Moisés.

– Pense um pouco, Lituma – Dumbo agitou as orelhas. – Procure. Procure direitinho.

– É verdade – o guarda coçou o pescoço. – Bem ali, do lado, está a Base Aérea, as casas dos aviadores.

### III

– Sim, sim, as casas dos aviadores – repetiu o Tenente Silva. – É uma pista. Agora o puto não poderá dizer que vamos lhe fazer perder tempo.

Lituma, porém, percebeu que o Tenente, embora o ouvisse falar e falasse da audiência com o comandante da Base Aérea, tinha corpo e alma concentrados no revolutear de Dona Adriana, que varria a pensão. Seus movimentos, rápidos e decididos, levantavam às vezes a barra de sua saia acima dos joelhos, deixando entrever a coxa grossa e ousada, e, quando se inclinava para recolher o lixo, descobriam o começo de seus seios, soltos e altaneiros sob o leve vestido de algodão. Os olhinhos do oficial não perdiam um movimento da dona da pensão e brilhavam com a luz da cobiça. Por que Dona Adriana dava tanto tesão no Tenente Silva? Lituma não o entendia.

O Tenente era branquicento, jovem e pintoso, com um bigodinho loiro e uns óculos de sol que raramente tirava; teria posto no bolso qualquer mocinha talarenha. Mas ele só se interessava por Dona Adriana. Ele o confessara a Lituma: "Eu me amarro nesta gorda, porra." Quem pode entender isso? Tinha idade para ser mãe dele, mostrava os fios brancos entre os cabelos lisos, e, além disso, era uma gorda com redondezas por todas as partes, uma dessas que chamam "cintura de pneu". Estava casada com Matias, um pescador que pescava de noite e dormia de dia. Os fundos de sua pensão eram seu lar. Tinham vários filhos, já grandes, que viviam por sua conta

e dois deles trabalhavam como operários na International Petroleum Company.

– Se continua olhando assim para Dona Adriana, seus olhos vão se gastar, meu Tenente. Ponha, pelo menos, os óculos.

– É que cada dia fica mais bonitona – murmurou o Tenente, sem afastar os olhos das cordas dá vassoura de Dona Adriana. Esfregou o anel dourado do anular na calça e acrescentou: – Não sei o que faz, mas a verdade é que cada dia fica mais bonita e mais fêmea.

Tinham tomado uma grande xícara de leite de cabra e comido um sanduíche de queijo amanteigado enquanto esperavam o taxista.

O Coronel Mindreau dissera às oito e meia. Eram os únicos fregueses da pensãozinha, uma frágil armação de bambus, esteiras e folhas de zinco, com prateleiras cheias de garrafas, caixas e latas, umas mesinhas cambaias e, a um canto, o fogareiro Primus em que Dona Adriana cozinhava para os seus pensionistas.

Por uma abertura na parede, sem porta, via-se, ao fundo, o quartinho onde dormia Matias, depois da noite em altomar.

– Não sabe quantas flores o Tenente estava lhe atirando enquanto varria, Dona Adriana – disse Lituma, com sorriso meloso. A dona da pensão regressava sacudindo os quadris, a vassoura no alto. – Disse que, apesar dos seus anos e seus quilinhos a mais, a senhora é a mulher mais tentadora de Talara.

– Digo porque acredito – sussurrou o Tenente Silva, fazendo cara de conquistador. – E, além disso, é verdade. A Dona sabe disso de sobra.

– Em vez dessas baboseiras com uma mãe de família, diga a esse Tenente que faça o seu trabalho – suspirou Dona Adriana,

sentando em um banquinho, junto ao balcão, e mostrando cara de infortúnio. – Diga a ele que, em vez de estar incomodando senhoras casadas, procure os assassinos daquele rapaz.

– E se eu os encontro, o quê? – O Tenente estalou a língua com obscenidade. – Me dá de prêmio uma noitezinha? Por esse prêmio eu acho os assassinos e os ponho algemados a seus pés, juro.

"Ele fala como se já a tivesse na mão", pensou Lituma. Estivera se divertindo com as brincadeiras do Tenente, mas lembrou do magrinho e se acabou a sua diversão. Se esse desgraçado do Coronel Mindreau cooperasse, seria mais fácil. Se ele, que devia ter informações, antecedentes, que podia interrogar o pessoal da Base, quisesse dar força, alguma pista apareceria e eles botariam a mão nos filhos da puta. O Coronel Mindreau, entretanto, era um egoísta. Por que se negava a ajudá-los? Porque os aviadores pensavam ser uns príncipes de sangue azul. Tratavam os da Guarda Civil como se fossem uns pobres caboclos e os olhavam por cima do ombro.

– Solte, seu atrevido, ou acordo o Matias – se enfureceu Dona Adriana, puxando. Entregara-lhe um maço de Inca e o Tenente Silva continuava com a mão dela presa.

– Vá bolinar sua criada, seu fresco, não a uma mãe de família.

O Tenente soltou-a, para acender seu cigarro, e a braveza de Dona Adriana se foi. Era sempre assim: ficava como um pavio pronta a explodir com os gracejos e a mão-boba, mas, no fundo, talvez até gostasse. "Todas são um pouco putas", pensou Lituma, deprimido.

– Todo mundo aqui não fala de outra coisa – disse Dona Adriana. – Vivo aqui desde que nasci e nunca jamais, em todos estes anos, se viu matar uma pessoa com tanta maldade em Talara. Aqui as pessoas se matam como Deus quer, lutando como iguais, homem

contra homem. Mas assim, crucificando, torturando, nunca na vida. E vocês não fazem nada, que vergonha.

– Estamos fazendo, mãezinha – disse o Tenente Silva. – Mas o Coronel Mindreau não nos ajuda. Não me deixa interrogar os companheiros do Palomino Molero. Eles devem saber de alguma coisa. Andamos perdidos por culpa dele. Mas a verdade será descoberta, mais cedo ou mais tarde.

– Coitada da mãe desse rapaz – suspirou Dona Adriana. – O Coronel Mindreau pensa que é o rei de Roma, basta vê-lo quando vem ao povoado de braço dado com a filha. Não cumprimenta nem olha para ninguém. E ela é pior ainda. Quanta presunção!

Não eram ainda as oito e o sol já queimava. Raios dourados atravessavam as esteiras e se filtravam pela junção dos bambus e das folhas de zinco. A pensão parecia alanceada por esses dardos luminosos nos quais flutuavam corpúsculos de pó e revolteavam dezenas de moscas. Não havia muita gente na rua. Lituma podia ouvir baixinho, o quebrar das ondas e o murmurar da ressaca. O mar estava pertinho e seu cheiro impregnava o ar. Era um cheiro magnífico, que fazia bem, mas enganoso, pois sugeria praias engalanadas, de águas transparentes, e o mar de Talara andava sempre impregnado de resíduos de petróleo e das sujeiras das embarcações do porto.

– Diz o Matias que o rapaz tinha uma voz divina, era um artista – exclamou Dona Adriana.

– Dom Matias conhecia o Palomino Molero? – perguntou o Tenente.

– Ouviu cantar duas ou três noites, enquanto preparava as redes – disse Dona Adriana.

O velho Matias Querecotillo e seus dois ajudantes estavam carregando as redes e as iscas no El León de Talara quando, de repente, os acordes de uma guitarra chamaram sua atenção. A lua estava tão clara e lúcida que não fazia falta acender a lanterna para ver que aquele grupinho de sombras na praia era meia dúzia de aviadores.

Fumavam sentados na areia, entre os botes. Quando o rapaz começou a cantar, Matias e seus ajudantes abandonaram às redes e se aproximaram. O rapaz tinha uma voz quente, de reverberações que faziam sentir vontade de chorar e arrepiavam a coluna. Cantou *Dos Almas*<sup>[7]</sup> e, quando terminou, o aplaudiram. Matias Querecotillo pediu licença para apertar a mão do cantor. "Você me fez recordar a juventude – felicitou-o. – Me fez ficar triste." Só então ficou sabendo que era Palomino Molero, um da última leva, um piuraninho. "Você podia cantar na Rádio Piura, Palomino", Matias ouviu um dos aviadores dizer. E desde então, o marido de Dona Adriana o vira umas duas vezes mais, na mesma praia, entre os botes varados, na hora de preparar o El León de Talara. Nas duas vezes, interrompera o trabalho para ouvi-lo.

– Se Matias fez isso e disse isso, não há dúvida que o rapaz tinha uma voz de anjo – assegurou Dona Adriana.

– Porque Matias não se emociona fácil, ele é uma pessoa até bem fria.

"Essa ela lhe deu de bandeja", pensou Lituma, e, com efeito, o Tenente lambeu os lábios como um gato:

– Quer dizer que não apita mais, Dona Adrianinha? Eu poderia esquentá-la, se quiser. Eu sou uma brasa.

– Não preciso que me esquentem –'riu Dona Adriana. – Quando faz frio, esquento minha cama com garrafas de água fervendo.

– O calor humano é mais rico, mãezinha – ronronou o Tenente Silva, inflando os lábios em direção a Dona Adriana, como se fosse chupá-la.

E nisso apareceu Dom Jerônimo para buscá-los. Não podia chegar com o táxi até a pensão, a rua era um areal onde se teria atolado, por isso tinha deixado o Ford na pista, a uns cem metros. O Tenente Silva e o guarda assinaram o vale pelo lanche e se despediram de Dona Adriana. Fora, o sol bateu neles sem misericórdia. Apesar de ser oito e quinze, fazia um calor de meio-dia. Na luz cegante, parecia que as coisas e as pessoas iriam se derreter a qualquer momento.

– Talara está cheia de murmurações – disse Dom Jerônimo, enquanto andavam, os pés afundando no solo macio. – Encontre esses assassinos ou o lincharão, Tenente.

– Pois que me linchem – encolheu os ombros o Tenente. – Juro que não o matei.

– Andam dizendo coisas – cuspiu Dom Jerônimo, quando chegaram ao táxi. – Suas orelhas não arderam?

– Não ardem nunca – retrucou o Tenente. – Mas o quê, por exemplo?

– Que estão escondendo tudo porque os peixes são gordos. – Dom Jerônimo girava a manivela para ligar o motor. Repetiu, piscando um olho: – É verdade que há peixes gordos, meu Tenente?

– Não sei se são gordos ou magros, não sei se são peixes ou tubarões. – O Tenente se instalou no banco da frente. – Mas vão se

foder do mesmo jeito. O Tenente Silva caga olímpicamente nos peixes gordos, Dom Jerônimo. E, — agora, depressa, não quero chegar tarde ao encontro com o Coronel.

Certo, o Tenente era homem direito e, por isso, Lituma sentia por ele, além de apreço, admiração. Era tagarela, boca suja, um pouco simplório, quando se tratava da gorda cantineira, perdia a cabeça, mas Lituma, por todo o tempo que levava trabalhando sob suas ordens, vira-o se esforçar sempre, em todas as denúncias e disputas que chegavam ao Posto, por fazer justiça. E sem demonstrar preferência por este ou aquele.

— O que descobriram até agora, Tenente? — Dom Jerônimo tocava a buzina, mas os moleques, os cachorros, os porcos, os burros e as cabras que atravessavam à frente do táxi não tinham a menor pressa.

— Merda nenhuma — admitiu o Tenente, com uma careta.

— Não é muito — zombou o taxista.

Lituma ouviu que o chefe repetia o que tinha dito essa manhã:

— Mas hoje descobriremos alguma coisa, eu sinto no ar.

Já estavam nos limites do povoado, e, à direita e à esquerda, podiam ver as torres dos poços petrolíferos, ericando o terreno pelado e pedregoso. À distância, titilavam os tetos da Base Aérea. "Tomara que, pelo menos, alguma coisa", disse a si mesmo Lituma, como um eco. Saberiam alguma vez quem e por que tinham matado o magrinho?

Mais que uma necessidade de justiça ou de vingança, sentia uma curiosidade ávida por ver suas caras, por escutar os motivos que tinham tido para fazer o que haviam feito com Palomino Molero.

Na Guarda da Base, o oficial de serviço os revistou de cima a baixo, como se não os conhecesse. E os fez esperar, sob sol candente, sem se lembrar de os fazer passar à sombra do escritório. Enquanto esperavam, Lituma deu uma olhada pelos arredores. Porra, que sortudos! Viver e trabalhar em um lugar assim! À direita, alinhadas, as casas dos oficiais, igualzinhas, de madeira, empinadas sobre pilotis, pintadas de azul e branco, com pequenos jardins de gerânios bem cuidados e redinhas contra os insetos nas portas e janelas. Viu senhoras com crianças, moças regando flores, ouviu risos. Os aviadores viviam quase tão bem como os gringos da International, porra! Dava inveja ver tudo tão limpo e ordenado. Tinham até uma piscina, ali, atrás das casas. Lituma nunca a vira mas a imaginou, cheia de senhoras e moças de maiô, tomando sol e se molhando.

À esquerda estavam as dependências, hangares, escritórios, e, ao fundo, a pista. Havia muitos aviões formando um triângulo. "Eles se tratam bem", pensou. Como os gringos da International, estes, atrás de seus muros e cercas, viviam como nos filmes. E gringos e aviadores podiam se olhar de frente, por cima das cabeças dos talarenhos, que se assavam de calor lá embaixo, no povoado apertado na margem do mar sujo e oleoso. Porque, da Base, sobrevoando Talara, via-se um promontório rochoso, atrás de cercas protegidas dia e noite por vigilantes armados, as casinhas dos engenheiros, técnicos e altos funcionários da International. Também eles tinham piscina, com trampolins e tudo, e no povoado se dizia que as gringas tomavam banho ali meio peladas.

Por fim, depois de uma longa espera, o Coronel Mindreau os fez passar a seu gabinete. Enquanto para lá se dirigiam, entre oficiais e

soldados, Lituma pensou:” Alguns desses caras sabem o que aconteceu, porra.”

– Adiante – disse-lhes o Coronel, de sua escrivaninha.

Fizeram bater os calcanhares, na entrada, e avançaram até o centro da peça. Na escrivaninha havia uma bandeirinha peruana, um calendário, uma agenda, processos, lápis, e várias fotografias do Coronel Mindreau com a filha e desta sozinha. Uma moça de carinha comprida e atrevida, muito séria. Tudo estava arrumado com rigor, como os armários, os diplomas e o grande mapa do Peru que servia de pano de fundo à silhueta do Comandante da Base Aérea de Talara. O Coronel Mindreau era um homem baixinho, fortudo, com umas entradas que avançavam por ambos os lados até o meio da cabeça e um bigode grisalho, milimetricamente aparado. Dava a mesma impressão de esmero que sua escrivaninha. Ele os observava com uns olhinhos cinzentos e penetrantes, sem o menor vestígio de acolhida.

– Em que posso servi-los? – murmurou, com uma urbanidade que sua expressão glacial contradizia.

– Aqui estamos outra vez pelo assassinato de Palomino Molero – respondeu o Tenente, com todo respeito.

– Para solicitar sua, colaboração, meu Coronel.

– Então não tenho colaborado? – interrompeu-o o Coronel Mindreau. Em sua vozinha havia uma espécie de sedimento de troça.

– Não estiveram neste mesmo gabinete há três dias? Se perdeu a Comunicação que lhe dei, conservo uma cópia.

Abriu rapidamente um processo que tinha diante dele, tirou um papelzinho e leu, com voz arrastada.

“Molero Sánchez, Palomino. Nascido em Piura a 13 de fevereiro de 13, filho legítimo de Dona Assunta Sánchez e de Dom Teófilo Molero, defunto. Instrução primária completa e secundária até o terceiro ano ginasial no Colégio Nacional São Miguel, de Piura. Inscrito na classe de 1953. Começou a servir na Base Aérea de Talara a 15 de janeiro de 1954, na Terceira Companhia, onde, sob o comando do Tenente Adolfo Capriata, recebeu instrução junto com os demais recrutas que iniciavam seu serviço. Desapareceu da Base na noite de 23 para 24 de março, não se comunicando com sua companhia depois de haver gozado um dia de folga. Foi declarado desertor e se deu parte à autoridade competente.” O Coronel pigarreou e olhou para o Tenente Silva:

– Quer uma cópia?

"Por que nos odeia?", pensou Lituma. "E por que é tão déspota, seu filho da puta?"

– Não é preciso, meu Coronel – sorriu o Tenente Silva. – Não perdemos a Comunicação.

– E então? – o Coronel arqueou a sobrancelha, impaciente. – Em que quer o senhor que eu colabore? A Comunicação diz tudo o que sabemos de Palomino Molero. Eu mesmo fiz a investigação, com oficiais, soldados e recrutas de sua companhia. Ninguém o viu e ninguém sabe quem o matou nem por quê. Meus superiores receberam um informe detalhado e estão satisfeitos. O senhor não, pelo visto. Bem, mas este é um problema seu. O pessoal da Base está completamente limpo neste assunto e não há nada mais para investigar aqui dentro. Era um tipo calado, não se juntava a ninguém, não fazia confidências a ninguém. Pelo visto, não tinha amigos nem tampouco inimigos, na Base. Um pouco frouxo para a

instrução, segundo as partes. Desertou por isso, talvez. Procure lá fora, investigue quem o conhecia no povoado, com quem esteve desde que desertou até que o mataram. Aqui perde o seu tempo, Tenente. E eu não posso me dar o luxo de perder o meu.

Intimidaria seu chefe o tonzinho peremptório, sem concessões, do Coronel Mindreau? E o faria se retirar? Lituma, porém, viu que o chefe não se mexia.

– Não teríamos vindo molestá-lo se não tivéssemos um motivo, meu Coronel. – O Tenente continuava em posição de sentido e falava tranqüilo, sem se apressar.

Os olhinhos cinzentos piscaram uma vez, e houve em sua cara um esboço de sorriso.

– Devia começar por aí, então.

– O guarda Lituma fez umas investigações em Piura, meu Coronel.

Lituma teve a impressão de que o Comandante da Base corava. Sentia um desconforto crescente e achou que nunca conseguiria dar um informe bem dado a uma pessoa tão hostil. Mas, quase se engasgando, falou. Contou que em Piura tinha sabido que Palomino Molero se apresentara ao serviço militar sem a obrigação de fazê-lo, porque, segundo disse à mãe, era assunto de vida ou morte, para ele, sair da cidade. Fez uma pausa. Escutava-o? O Coronel examinava, entre chateado e benevolente, uma fotografia em que sua filha aparecia rodeada de dunas e algarobeiras. Por fim, viu-o virar-se para ele:

– Que quer dizer isso de vida ou morte?

– Pensamos que talvez ele tivesse explicado isso aqui na Base, ao se apresentar – interveio o Tenente.

– Que talvez tenha explicado por que precisava sair de Piura com tamanha urgência.

Fazia-se de bobo, seu chefe? Ou estava tão nervoso como ele pelos modos do Coronel?

O Comandante da Base passeou os olhos pela cara do oficial, como se quisesse contar suas espinhas. As bochechas do Tenente Silva deviam estar ardendo com tal olhar.

Mas não demonstrava a menor emoção; esperava, inexpressivo, que o Coronel se dignasse falar.

– Não supôs que se nós soubéssemos de tal coisa teríamos dito isso na Comunicação? – soletrou, como se os seus interlocutores desconhecêssem a língua ou fossem débeis mentais. – Não pensou que se nós, aqui na Base, tivéssemos sabido que Palomino Molero se sentia ameaçado e perseguido por alguém, teríamos comunicado imediatamente à polícia ou ao juiz?

Precisou calar-se, porque começou a roncar um avião, muito perto. O ruído cresceu, cresceu, e Lituma pensou que seus tímpanos arrebentariam. Não se atreveu, entretanto, a tapar os ouvidos.

– O guarda Lituma também investigou outra coisa, meu Coronel – disse, o Tenente, ao diminuir o ruído das hélices. Imperturbável, parecia não ter ouvido as perguntas do Coronel Mindreau.

– Ah, sim? – disse este, virando a cabeça para Lituma. – Que coisa?

Lituma limpou a garganta antes de responder. A expressão sardônica do Coronel o emudecia.

– Palomino Molero estava muito apaixonado – balbuciou. – E parece que...

– Por que gagueja? – perguntou o Coronel. – Está sentindo alguma coisa?

– Não eram amores muito santos – sussurrou Lituma. – Talvez por isso fugiu de Piura. Quer dizer...

A cara do Coronel, cada vez mais severa, fez com que se sentisse tonto e a voz se paralisou. Até entrar no gabinete, as conjeturas que fizera na véspera pareciam convincentes, e o Tenente lhe dissera que, com efeito, eram importantes. Mas, agora, diante dessa expressão cética, sarcástica, do Comandante da Base Aérea, se sentia inseguro e até envergonhado delas.

– Em outras palavras, meu Coronel, podia ser que Palomino Molero tivesse se chocado em seus amóricos com um marido ciumento que o ameaçasse de morte – veio ajudá-lo o Tenente Silva. – E que, por isso, o rapaz viesse alistar-se aqui.

O Coronel examinou um e outro, calado, pensativo. Que porrada daria ele agora? . – Quem é esse marido ciumento? – disse, por fim.

– Isso é o que gostaríamos de saber – replicou o Tenente Silva. – Se soubéssemos isso, saberíamos um montão de coisas.

– E pensa que eu estou a par dos amóricos das centenas de soldados e recrutas que temos na Base? – voltou a soletrar, com infinitas pausas, o Coronel Mindreau.

– O senhor talvez não, meu Coronel – se desculpou o Tenente.

– Mas pensamos que alguém na Base, talvez. Um companheiro de alojamento do Palomino Molero, algum instrutor, alguém.

– Ninguém sabe nada da vida privada de Palomino Molero – interrompeu-o de novo o Coronel. – Eu mesmo averigüei. Era introvertido, não falava com ninguém de suas coisas. Não está na Comunicação, por acaso?

Lituma pensou que a desgraça do magrinho não tinha a menor importância para o Coronel. Nem agora nem na última vez ele deixara transparecer a menor emoção por aquele crime. Agora mesmo se referia ao soldado como a um João-ninguém, com mal disfarçado desprezo. Era porque tinha desertado três ou quatro dias antes que o matassem?

Além de antipático, o Comandante da Base tinha fama de ser um monstro de retidão, um maníaco do Regulamento. Como o magrinho, seguramente farto de disciplina e de reclusão, fugira, o Coronel devia considerá-lo um réprobo. Pensaria, inclusive, que um desertor merecia o que aconteceu.

– É que, meu Coronel, há suspeitas de que Palomino Molero estava de amores com alguém da Base Aérea de Piura – ouviu o Tenente Silva dizer.

Viu, quase ao mesmo tempo, que as faces pálidas e bem barbeadas do Coronel se avermelhavam. Sua expressão se avinagrou e iluminou. Mas não chegou a dizer o que ia dizer porque, de repente, a porta se abriu e Lituma viu no marco, destacada contra a névea luz do corredor, a moça da fotografia.

Era magrinha, mais ainda que nas fotografias, cabelos curtos e encrespados, e um narizinho arrebitado e altivo. Usava uma blusa branca, uma saia azul, tênis e parecia tão mal-humorada como o próprio pai.

– Já vou – disse, sem entrar no gabinete e sem fazer sequer um sinal de cumprimento ao Tenente e a Lituma.

– O motorista me leva ou vou de bicicleta?

Havia em sua maneira de dizer as coisas um aborrecimento contido, como quando falava o Coronel Mindreau. "De tal pau tal

lasca", pensou o guarda.

– Para onde, filhinha? – se dulcificou instantaneamente o Comandante da Base.

“Não apenas não a repreende por interrompê-lo assim, por não cumprimentar, por lhe falar com essa grosseria”, pensou Lituma, “ainda por cima faz essa voz de pombinha cuculí<sup>[8]</sup>.”

– Já lhe disse esta manhã – replicou com selvageria a moça. – À piscina dos gringos, porque a daqui não fica cheia até segunda-feira, você esqueceu? O motorista me leva ou vou de bicicleta?

– O motorista leva você, Alicia – baliu o Coronel. Mas que retorne logo, está bem? Preciso dele. Diga a ele a que horas deve buscá-la.

A moça fechou a porta com um empurrão e desapareceu sem se despedir.

A filha dele nos vinga”, pensou Lituma.

– Quer dizer então – começou a dizer o Tenente, mas o Coronel Mindreau o impediu de continuar.

– Isso que o senhor disse é um disparate – sentenciou, recuperando o rubor das faces.

– Perdão, meu Coronel?

– Quais são as provas, as testemunhas? – O Comandante da Base se virou para Lituma e o examinou como a um inseto. – De onde tirou você que Palomino Molero andava de amores com uma senhora da Base Aérea de Piura?

– Não tenho provas, meu Coronel – balbuciou o guarda, assustado. – Averigüei que ele ia lá fazer serenatas em segredo.

– Na Base Aérea de Piura? – soletrou o Coronel. Sabe acaso quem mora lá? A família dos oficiais. Não a dos recrutas ou dos

soldados. Só as mães, esposas, irmãs e filhas dos oficiais. Está insinuando que esse soldado tinha amores adúlteros com a esposa de um oficial?

Um racista de merda. Isso é o que era: um racista de merda.

– Poderia ser com uma criada, meu Coronel – Lituma ouviu o Tenente Silva dizer. Agradeceu de todo o coração, porque se sentia encurralado e mudo ante o furor frio do aviador. – com alguma cozinheira ou babá da Base, Não estamos sugerindo nada, só tentando esclarecer este crime, meu Coronel. É nossa obrigação.

A morte desse moço provocou um forte mal-estar em toda Talara. Já estamos ouvindo falatórios, dizem que a Guarda Civil não faz nada porque alguns peixes gordos estão complicados no caso. Estamos um pouco perdidos e por isso investigamos qualquer indício que se apresente. Não é caso para levá-lo a mal, meu Coronel.

O Comandante da Base concordou. Lituma notou o esforço que fazia para aplacar seu mau humor.

– Não sei se o senhor sabe que eu fui comandante da Base Aérea de Piura até há três meses – disse, quase sem abrir a boca.

– Servi lá dois anos. Conheço a vida e os feitos naquela Base, por que foi meu lar. Que um recruta tenha tido amores adúlteros com a esposa de um dos meus oficiais é uma coisa que ninguém vai dizer em minha presença, a não ser que possa provar.

– Não disse que é a esposa de um oficial – se atreveu a ciciar Lituma. – Poderia ser uma criada, como disse o Tenente. Não há criadas casadas na Base? Ia lá dar serenatas, escondido. Disso, sim, temos provas, meu Coronel.

– Muito bem, encontrem essa criada, interroguem seu marido sobre as supostas ameaças a Molero e, se confessa, tragam-no a mim.

– A testa do Coronel brilhava com um suor que brotara desde a fugaz incursão da filha no gabinete. – Não voltem mais aqui em relação a este assunto, a não ser que tenham alguma coisa de concreto a me pedir.

Levantou-se, rapidamente, dando por encerrada a entrevista.

Mas Lituma notou que o Tenente Silva não fazia continência nem pedia licença para se retirar.

– Temos uma coisa de concreto a lhe pedir, meu Coronel – disse, sem vacilar. – Gostaríamos de interrogar companheiros de alojamento do Palomino Molero.

De vermelha, a pele do Comandante da Base Aérea de Talara passou outra vez a pálida. Umas olheiras violáceas circundaram seus olhinhos. "Além de filho da puta, é meio louco", pensou Lituma. Por que era assim? Por que tinha esses ataques de fúria interiores? – vou lhe explicar de novo, uma vez que, pelo visto, não entendeu na última vez. – O Coronel arrastava cada palavra como se pesasse muitos quilos. – As Forças Armadas gozam de foros especiais, têm tribunais próprios em que seus membros são julgados e sentenciados. Não lhe ensinaram isso na Escola da Guarda Civil? Muito bem, eu o ensino agora, então. Quando se suscitam problemas de índole delituosa, as investigações são realizadas pelas próprias Forças Armadas. Palomino Molero morreu em circunstâncias não esclarecidas, fora da Base, quando se encontrava na condição de desertor do serviço. Já encaminhei o informe devido a meus superiores. Se a chefia considerar oportuno, ordenará uma nova investigação, através de seus próprios organismos. Ou transferirá todo o processo para o Judiciário. Enquanto, porém, não vier uma ordem dessa natureza, do Ministério da Aeronáutica ou do Comando Supremo das Forças

Armadas, nenhum guarda civil violará os foros castrenses em uma Base sob meu comando. Está claro, Tenente Silva? Responda-me. Está claro?

– Muito claro, meu Coronel – disse o Tenente.

O Coronel Mindreau assinalou a porta com um gesto terminante:

– Então, os senhores podem se retirar.

Desta vez Lituma viu que o Tenente Silva fazia seus calcanhares baterem e pedia licença. Imitou-o e saíram. Do lado de fora, enfiaram os quepes na cabeça. Embora o sol batesse com mais força do que quando chegaram e o clima fosse mais sufocante que no gabinete, Lituma achou refrescante, liberador, estar ao ar livre. Respirou fundo. Era como sair da prisão, porra. Atravessaram os pátios da Base até a Guarda, calados. Será que o Tenente Silva se sentia tão abatido e maltratado como ele pela forma como o Comandante da Base os recebera?

Na Guarda, uma nova contrariedade os esperava. Dom Jerônimo já fora embora. Não tinham outro remédio senão retornar ao povoado a pé. Uma hora de caminhada, no mínimo, suando a bom suor e comendo pó.

Começaram a andar pelo meio da estrada, sempre mudos, e Lituma pensou: "Depois do almoço, dormirei uma sesta de três horas." Tinha uma capacidade ilimitada para dormir, a qualquer hora e em qualquer posição, e nada era melhor para curá-lo desses estados de ânimo que um bom sono. A estrada serpenteava lentamente, descendo em direção a Talara por um terreno ocre, sem uma única mata verde, entre pedregulhos e rochas de todas as formas e tamanhos.

O povoado era uma mancha lívida e metálica, lá embaixo, junto a um mar verde plúmbeo, sem ondas. Na intensa soalheira mal se distinguiam o perfil das casas e os postes de iluminação.

– Que mau momento ele nos fez passar, não é, meu Tenente? – disse, secando a testa com um lenço. – Não conheci nunca um sujeito tão desaforado. Acha que ele odeia a Guarda Civil por puro racismo ou alguma razão especial? Ou será que trata todo mundo com essa grosseria? Juro que ninguém me fez engolir tanto desaforo quanto este carequinha.

– Bobagem, Lituma – disse o Tenente, esfregando na camisa o anel de ouro maciço, com uma pedra vermelha, de sua promoção. – Para mim, a entrevista com Mindreau foi muito legal.

– Está me gozando, meu Tenente? Que bom que ainda tenha coragem para brincar. Veja só eu, estou com a alma nos pés por causa dessa entrevista.

– Você é muito inexperiente nestas lides, Lituma riu o Tenente. – Tem muito que aprender. Foi uma entrevista do caralho, eu lhe garanto. Utilíssima.

– Então, não entendi nada, meu Tenente. Para mim o Coronel nos tratou pior que aos seus criados. Por acaso aceitou o que fomos pedir?

– Mas isso é pura aparência, Lituma.

– O Tenente Silva voltou a dar uma gargalhada. – Para mim, o Coronel falou como uma papagaia de porre.

Tornou a rir, com a boca aberta, e fez soar os dedos, estalando-os.

– Antes, eu pensava que ele não sabia nada, que só queria nos encher o saco com essa história dos foros, por

suscetibilidade castrense – explicou o Tenente Silva.

Agora, estou certo que sabe muito e talvez até tudo o que aconteceu.

Lituma virou o rosto para olhá-lo. Adivinhou que, debaixo dos óculos escuros, os olhinhos do oficial estavam, como seu rosto e sua voz, pura alegria.

– Sabe quem matou Palomino Molero? – perguntou.

– Acha que o Coronel sabe?

– Não sei se sabe, mas sabe uma porrada de coisas assentiu o Tenente. – Está protegendo alguém. Por que ficaria tão nervoso, se não fosse assim? Por acaso não percebeu?

Você é pouco observador, Lituma, não merece estar na Benemérita. Esses ataques de fúria, essas grosserias, o que pensa que eram? Pretextos para disfarçar que se sentia mal. É isso, Lituma. Não foi ele que nos fez cagar em pé. Nós é que o fizemos passar maus momentos.

Riu, feliz da vida, e ainda estava rindo quando, um momento depois, ouviram um motor. Era uma camioneta com as cores azuis da Base Aérea. O motorista parou sem que eles o pedissem.

– Vão a Talara? – cumprimentou-os, da janelinha, um suboficial mocinho.

– Entrem, vou levá-los. Você aqui, comigo, Tenente. O guarda pode ir atrás.

Atrás estavam dois soldados, que deviam ser mecânicos, engraxados até o nariz. A camioneta estava cheia de latas de óleo, baldes de tinta e brochas.

– E então? – disse um deles. – Vão descobrir a sujeira ou enterrar o crime para proteger os peixes gordos?

Havia na pergunta uma grande raiva.

– Nós resolveríamos o mistério se o Coronel Mindreau nos ajudasse um pouco – respondeu Lituma. Mas o fato é que não nos ajuda, e ainda por cima, cada vez que a gente vem vê-lo, nos trata como cães raivosos. É assim também na Base, com vocês?

– Não é má pessoa – disse o aviador. – Mas é muito exigente e faz a Base inteira trabalhar demais. A culpa daquele mau humor é da filha.

– Ela o trata aos pontapés, não é? – falou entredentes Lituma.

– É uma mal-agradecida – disse o outro soldado. Porque o Coronel Mindreau tem sido seu pai e sua mãe. A velha morreu quando ela era uma menina. Ele a criou, sozinho.

A camioneta freou junto ao Posto. O Tenente e Lituma saíram.

– Se não descobrirem os assassinos, todo mundo vai pensar que receberam grana dos peixes gordos – se despediu o suboficial mocinho.

– Não se preocupe, rapazinho, estamos no caminho certo – Lituma ouviu o Tenente Silva falar quase mastigando as palavras, quando a camioneta já se perdia em uma poeirada cor de cerveja.

## IV

A notícia dos escândalos do tenentinho no puteiro de Talara chegou ao Posto pela boca de uma das putas. A Loba Marinha veio se queixar de que seu cafetão a surrava ultimamente mais que de costume.

– com o corpo todo roxo, não consigo clientes. Então não levo dinheiro e então me bate de novo. Explique a ele, Tenente Silva. Eu dou e é por prazer, mas ele não entende.

A Loba Marinha também contou que na noite anterior o tenentinho se apresentara sozinho no puteiro. Tomou um porre com uma seguidinha de mulitas<sup>[9]</sup> de pisco que trago como se fossem copos d'água. Não tomava pisco como alguém que quer se divertir, mas procurando se embriagar depressa. Quando ficou bêbado, abriu a braguilha e urinou nas putas que estavam mais perto, em clientes e cafetões. Em seguida, trepou no balcão e andou dando um show até que a Polícia da Aeronáutica veio levá-lo.

O Chinês Liau acalmava o pessoal para que não fizesse nada: "Se dão nele me fodem e vocês também se fodem, porque fecharão meu negócio. Eles ganham sempre."

O Tenente Silva não pareceu dar muita importância à história da Loba Marinha. No outro dia, enquanto almoçavam na pensão de Dona Adriana, um freguês contou que, na véspera, o avião tinha repetido aquelas gracinhas, aumentadas, pois desta vez deu de quebrar garrafas com o papo de que queria ver as estrelinhas de vidro voando pelo ar. A Polícia da Base também tinha precisado vir

buscá-lo. No terceiro dia, o próprio Chinês Liau se apresentou no Posto, choramingando:

– Ontem de noite bateu seu recorde. Baixou as calças; e quis fazer cocô na pista de dança. Está louco, Tenente. Vem só para provocar, como se quisesse que o esfriassem. Faça alguma coisa, porque, senão, eu lhe juro, alguém vai se encarregar dele. E não quero me meter com a Base.

– Vai então falar com o Coronel Mindreau, chinesinho – aconselhou o Tenente Silva. – É problema dele.

– Não vou falar com o Coronel por nada deste mundo – respondeu o Chinês. – Tenho um medo filho da puta do Coronel Mindreau, dizem que ele é muito exigente.

– Então você está fodido, Chinês. Porque eu não tenho autoridade sobre os aviadores. Se fosse um civil, com muito prazer.

O Chinês Liau olhou para Lituma e para o Tenente, consternado:

– Vocês não vão fazer nada?

– Rezaremos por você – despediu-o o oficial. Tchau, Chinês, me recomende ao mulherio.

Quando Liau partiu, porém, o Tenente Silva se virou para Lituma, que, teclando com um dedo só na velha Remington, redigia a parte do dia, e, com uma vizinha que deu cócegas no guarda, comentou:

– Esse negócio do avião não está muito claro, não acha, Lituma?

– Sim, meu Tenente – assentiu o guarda. Fez uma pausa, antes de perguntar: – Mas por que não está muito claro?

– Ninguém vai bancar o macho assim no puteiro, onde estão os sujeitos mais perigosos de Talara, só para se fazer de engraçadinho.

E quatro dias seguidos. Alguma coisa está cheirando mal. Você não acha?

– Sim, meu Tenente – assegurou Lituma. Não entendia a insinuação do chefe mas estava ansioso, puro ouvidos. – Ou seja, o senhor acha que...?

– Que você e eu deveríamos ir tomar uma cervejota lá no Liau, Lituma. Por conta da casa, é claro.

O puteiro do Chinês Liau havia deambulado por meio Talara, perseguido pelo pároco. O Padre Domingo, mal o detectava, fazia a Prefeitura fechá-lo. Poucos dias depois de fechado, o puteiro voltava a ressuscitar em uma cabana ou casebre, três ou quatro quarteirões mais adiante. O Chinês Liau venceu, afinal. Agora estava na saída do povoado, em um armazém de tábuas acomodadas de qualquer maneira. Era primitivo e frágil, com seu chão de terra regado todo o dia para evitar poeira e um teto de folhas de zinco soltas, que guinchavam com o vento. Os quatinhos das putas, nos fundos, estavam cheios de frestas por onde os moleques e os bêbados vinham espiar os casais.

O Tenente Silva e Lituma foram ao puteiro andando devagar, depois de terem assistido a um filme de cowboys no cinema ao ar livre do senhor Frias (a tela era a parede norte da Igreja, o que dava ao Padre Domingo direito de censurar os filmes). Lituma arrastava as botinas pela areia fofa quase sem levantá-las. O Tenente fumava.

– Me diga uma coisa pelo menos: em que é que pensou, meu Tenente? Por que acha que as loucuras desse aviador têm que ver com a morte do magrinho?

– Não pensei em nada. – O Tenente Silva atirou uma baforada de fumaça. – Só que, como neste assunto não acertamos um chute,

temos que chutar para todos os lados e ver se marcamos um gol, até por acaso.

Se não der em nada, pelo menos temos um pretexto para dar uma olhada no puteiro e passar em revista o material. Ainda que saiba que não encontrarei lá a mulher dos meus sonhos.

"Lá vem ele me falar da gorda", pensou Lituma. "Que mania."

– Ontem de noite eu mostrei a ela – recordou o Tenente Silva, com certa melancolia. – Quando saí para mijar, no pátio. Ela veio trazer água para a porca. Me olhou e eu mostrei. Agarrada com as duas mãos, assim. "Isto é para você, mãezinha. Até quando vai deixá-la com fome, hum?"

Riu, nervoso, como cada vez que falava de Dona Adriana.

– E ela o que fez, meu Tenente? – deu corda o guarda Lituma. Sabia que lhe falar de Dona Adriana era acertar bem no alvo.

– Saiu correndo, claro. E se fazendo de brava – suspirou o Tenente. – Mas ela viu. Estou certo que ficou pensando e até sonhou com ela. Deve ter comparado com a de Dom Matias, que já está morta, é pura pele. Isso vai amansá-la, Lituma. Terminará me dando. E nesse dia vou convidar você para um grande porre com bebida muito fina, prometo.

– A verdade é que o senhor é perseverante, meu Tenente. Merece que Dona Adriana lhe dê bola, mesmo que seja de prêmio por sua constância.

Havia pouca gente no puteiro. O Chinês Liau veio recebê-los, encantado.

– Como lhe agradeço por ter vindo, Tenente. Sabia que o senhor não me deixaria na mão. Entrem, entrem. Por que pensam que isto está assim tão vazio? Por causa do louquinho, por que seria? As

peessoas vêm se divertir, não para serem insultadas ou mijadas. A história correu e ninguém quer problemas com um aviador. Não é direito, não é verdade?

– Ainda não chegou? – perguntou o Tenente.

– Aparece aí pelas onze, em geral – disse o Chinês Liau. – Virá, esperem.

Sentou-os a uma mesinha do canto mais afastado e lhes serviu duas cervejas. Várias putas se aproximaram para conversar, mas o Tenente as despachou. Não podiam atendê-las, desta vez tinham vindo para resolver um assunto de homens. A Loba Marinha, agradecidíssima Lituma ameaçara seu cafetão de metê-lo no xadrez se continuasse batendo nela –, beijou o guarda na orelha. "Quando quiser vir comigo, é só dizer", sussurrou ela. Fazia três dias que não a surrava, disse.

O tenentinho pintou no puteiro perto da meia-noite. Lituma e seu chefe já tinham despachado quatro cervejas. Antes que o Chinês Liau os prevenisse, Lituma, que examinara a cara de todos os recém-chegados, soube que era ele. Bastante moço, magro, moreno, o cabelo cortado à cadete. Vestia a camisa e a calça caqui da farda, mas sem insígnias nem galões.

Entrou sozinho, sem cumprimentar ninguém, indiferente ao efeito que sua presença causou – cotoveladas, olhares, piscar de olhos, cochiches entre as putas e os escassos clientes – e foi direto se debruçar sobre o balcão do bar. "Um curto", ordenou. Lituma sentiu que o coração se apressara. Não tirava os olhos dele. Viu-o tomar o copinho de pisco de um gole e pedir outro.

– Assim é todas as noites – sussurrou a Loba Marinha, da mesa ao lado, com um marinheiro. – No terceiro ou quarto começa o

show.

Esta noite começou entre o quinto e o sexto. Lituma fizera a conta certinha das mulitas de pisco. Espiava-o por cima das cabeças dos casais que dançavam ao compasso de uma radiola de pilhas. O aviador estava com a cabeça apoiada nas mãos, olhando fixamente o copo que tinha entre os braços, como se o protegendo. Não se mexia. Parecia concentrado em uma meditação que o isolava das putas, dos cafetões e do mundo. Só se animava a levar o copo à boca, com um movimento automático, e imediatamente voltava a se converter em estátua. Mas entre a quinta e a sexta dose, Lituma se distraiu e quando o procurou de novo, já não estava no balcão. Olhou em todas as direções e o encontrou na pista de dança. Avançava, resoluto, em direção a um dos pares: a Ruiva e um baixinho engravatado, mas sem casaco, que se movimentava com muita disposição, agarrado a ela como se estivesse a ponto de se afogar.

O tenentinho pegou-o pela camisa e o afastou com um puxão, dizendo em voz tão alta que todo o puteiro o ouviu:

— Licença, agora me toca a senhorita.

O engravatado deu um pulo e olhou para todos os lados como que pedindo que lhe explicassem o que acontecia ou o aconselhassem o que fazer. Lituma viu que o Chinês lhe indicava com as mãos que ficasse tranqüilo. E foi o que o cliente optou por fazer, encolhendo os ombros. Foi até a parede das putas e tirou a Sardenta para dançar, com um ar compungido. Entretanto, o tenentinho, cheio de dengues, dava saltos, sacudia as mãos, fazia caretas. Mas não mostrava a mais mínima alegria em suas palhaçadas. Queria chamar a atenção apenas? Não, foder a paciência dos outros, também. Aqueles saltos e contorções, aquelas posições exageradas eram um pretexto para dar

cotoveladas, ombradas e bundadas nos que se punham ao seu alcance. "Que bom filho da puta", pensou Lituma. Quando interviriam? Mas o Tenente Silva fumava, muito tranqüilo, olhando para o avião com uma expressão divertida através das rodela de fumaça, como se festejasse as gracinhas dele. Que paciência tinha essa gente. Os clientes, com os encontrões que levavam do avião, punham-se de lado, sorriam, encolhiam os ombros com cara de estar pensando "cada louco com sua mania, calminha, calminha". Ao terminar a música, o tenentinho voltou ao bar e pediu outro pisco.

– Sabe quem é, Lituma? – ouviu o chefe dizer.

– Não. O senhor o conhece? O Tenente Silva concordou, com um tonzinho malicioso.

– O namorado da filha do Mindreau. É isso mesmo que você está ouvindo. Eu vi os dois de mãos dadas na quermesse do Dia da Aviação. E vários domingos, na missa.

– Será por isso que o Coronel agüenta essas estripulias dele? – murmurou Lituma. – Qualquer outro ele botaria no xadrez, a pão e água, por desprestigiar a instituição.

– E por falar de estripulias, não perca esta, Lituma disse seu chefe.

O tenentinho estava encarapitado no balcão, com uma garrafa de pisco na mão, em atitude de quem vai pronunciar um discurso. Abriu os braços e gritou: "Purinho e virado, pela puta que os pariu!" Levou a garrafa à boca e bebeu um gole tão longo que Lituma sentiu o estômago queimar só de pensar o que seria receber nas tripas semelhante fogo. Aquilo também devia queimar o tenentinho, pois fez uma careta e se encolheu como se tivesse recebido uma direita no queixo. O Chinês Liau se aproximou dele, todo reverências e sorrisos,

tentando convencê-lo a descer do balcão e a não fazer mais escândalos. O aviador, entretanto, puteou a mãe do Chinês e disse a ele ainda que se não enfiasse a língua no cu iria pulverizar todas as garrafas da casa. O Chinês Liau se afastou, com filosófica expressão no semblante. Veio se acocorar junto a Lituma e ao Tenente Silva.

– Vocês não vão fazer nada?

– Deixe ele se embriagar um pouco mais – decidiu o Tenente.

O aviador desafiava agora cafetões e clientes – que evitavam olhá-lo e continuavam dançando, conversando e fumando como se ele não estivesse ali – a se pelarem, se eram bem homens. Por que andavam vestidos?, gesticulava. Tinham vergonha de mostrar os ovos? Ou será que não tinham ovos? Ou eram tão pequenos que, com razão, se envergonhavam deles? Ele, porém, se orgulhava dos seus.

– Vejam e aprendam! – rugiu. Em um segundo abriu o cinturão e Lituma viu que a calça caqui escorregava, descobrindo umas pernas magricelas e cabeludas. Viu-o sapatear para livrar os pés, embrulhados na calça, mas, ou porque já estava muito bêbado ou porque fazia esses movimentos com raiva demais, enredou-se mais, cambaleou e desabou de bruços, do alto do balcão, na pista de dança. A garrafa que tinha na mão estilhaçou, o corpo repicou como um saco de batatas. Houve uma salva de gargalhadas. O Tenente se levantou:

– A hora é essa, Lituma.

O guarda o seguiu. Atravessaram a pista de dança. O tenentinho permanecia de costas, os olhos fechados, as pernas nuas, a calça enrascada em suas canelas, no meio de um círculo de pedaços e lascas de vidro.

Bufava, aturdido. “Deu com os cornos no chão”, pensou Lituma. Recolheram o tenentinho pelos braços e o levantaram. Começou a bracejar e a dizer palavrões, a meia-voz.

Babava, bêbado até os cornos. Levantaram sua calça, apertaram o seu cinturão, e, passando os braços pelas axilas dele, um de cada lado, eles o arrastaram até a saída. Putas, clientes e cafetões aplaudiram, felizes porque o levavam.

– Que fazemos com ele, meu Tenente? – perguntou Lituma, já do lado de fora. Ventava, as folhas de zinco do puteiro vibravam e havia mais estrelas que antes. As luzes de Talara pareciam, também, estrelinhas que tivessem baixado até o mar aproveitando a escuridão.

– Vamos levá-lo até aquela prainha – disse seu chefe.

– Me soltem, cachorros – articulou o tenentinho. Mas se manteve tranqüilo, sem fazer a menor tentativa de se livrar dos braços deles.

– Logo, logo nós o soltamos, meu irmão – disse o Tenente, carinhosamente. – Calminha, não perca a cabeça.

Eles o arrastaram uns cinqüenta metros, por um areal com moitinhas de erva ressequida, até uma praia de cascalho e areia. E o reclinaram no solo, sentando-se a seu lado. As cabanas da vizinhança estavam às escuras. O vento levava mar adentro a música e os ruídos do puteiro. Cheirava a sal e a peixe e o runrum da ressaca adormecia como um sonífero. Lituma sentiu vontade de se aninhar na areia, tapar a cara com o quepe e se esquecer de tudo. Mas estava ali para trabalhar, porra. Estava ansioso e atemorizado, pensando que esse corpo semi-estendido a seus pés faria uma revelação terrível.

– Está se sentindo melhor, compadre? – disse o Tenente Silva. Levantou o aviador até sentá-lo e o apoiou em seu corpo,

passando os braços por seus ombros, tal e qual como se fosse seu amigo de toda a vida. – Ainda está de pilequinho ou já está passando?

– Quem porra é você, e a puta que o pariu? – balbuciou o aviador, recostando a cabeça no ombro do Tenente Silva. O tom agressivo de sua voz não harmonizava em nada com a docilidade de seu corpo, mole e sinuoso, apoiado no chefe de Lituma como em um espaldar.

– Eu sou seu amigo, meu irmão – disse o Tenente Silva. – Me agradeça por lhe ter tirado do puteiro. Se continuava mostrando os ovos, eles iam cortá-los. O que faria no resto da vida capadinho? Pense bem.

Calou-se porque o aviador tinha sido sacudido por uma sucessão de engulhos, Não chegou a vomitar mas, por via das dúvidas, o Tenente afastou a cabeça dele e a manteve inclinada contra o chão.

– Você deve ser um puto – balbuciou, sempre raivoso, quando os espasmos passaram. – Você me trouxe aqui para que lhe faça o favor de lhe enfiar a piroca?

– Não, meu irmão – riu o Tenente Silva. – Eu o trouxe aqui para que me faça um favor. Mas não esse.

"Tem o seu estilo para arrancar o segredo das pessoas", pensou Lituma, admirado.

– E que favor quer que eu faça, seu porra? – soluçou e babou furiosamente o aviador, voltando a se apoiar no ombro do Tenente Silva com a maior confiança, como um gatinho que busca o calor da gata.

– Que me conte o que aconteceu com o Palomino Molero, meu irmão – sussurrou o oficial. Lituma se assustou.

O aviador não tinha reagido. Não se mexia, não falava e até parecia, pensou Lituma, ter ficado sem respiração. Esteve assim por um bom tempo, petrificado. O guarda espiava o seu chefe. Ia repetir a pergunta? Tinha entendido ou fazia que não?

– Que a puta da sua mãe conte o que aconteceu com o Palomino Molero – se lamentou, afinal, tão baixo que Lituma precisou esticar o pescoço. Continuava aninhado no Tenente Silva e parecia tremer.

– Minha pobre mãezinha não sabe nem quem é Palomino Molero – replicou o chefe, com o mesmo tom afável. – Você, em compensação, sabe. Ande, meu irmão, conte o que aconteceu.

– Eu não sei nada do Palomino Molero! – gritou o aviador, e Lituma saltou sobre a areia. – Não sei nada! Nada, nada!

Tinha a voz rouca e tremia dos pés à cabeça.

– Claro que sabe, meu irmão – consolou-o o Tenente Silva, afetuosamente. – Por isso você vem se embriagar no puteiro todos os dias. Por isso anda meio louco. Por isso provoca os cafetões como se estivesse cheio do próprio couro.

– Não sei nada! – uivou de novo o Tenente. – Nada de nada!

– Me conte o que houve com o magrinho, e vai se sentir melhor – prosseguiu o Tenente, como se lhe estivesse ronronando. – Juro que sim, meu irmão, eu sou um pouco psicólogo. Deixe que eu seja o seu confessor. Palavra de honra que lhe fará bem.

Lituma estava suando. Sentia a camisa grudada nas costas. Mas não fazia calor, estava até fresquinho. A brisa levantava umas ondinhas que se quebravam a poucos metros da margem, com uma crepitação enervante. "Por que se assusta, Lituma?", pensou. "Calma, calma." Continuava na cabeça com a imagem do magrinho, lá no pedregal, e pensava: "Agora vou saber quem o matou."

– Coragem, me conte – animava-o o Tenente Silva.

– Vai se sentir melhor. E não chore.

Porque o tenentinho havia começado a soluçar como um bebê mamão, a cara esmagada no ombro do Tenente Silva.

– Não estou chorando pelo que você pensa – balbuciou, engasgado, entre novos engulhos. – Bebo porque esse filho da puta me cravou um punhal.

Não deixa eu ver minha mulher! Me proibiu de vê-la. E ela também não quer me ver, porra. Você acha que é justo fazer uma coisa tão filho da puta?

– Claro que não, meu irmão. – O Tenente Silva deu uma palmada nas costas dele. – O filho da puta que o proibiu de ver sua mulher foi o Mindreau?

Agora, sim, o tenentinho levantou a cabeça do ombro do chefe de Lituma. No resplendor leitoso da lua, o guarda viu a cara dele rebocada de ranho e baba. Tinha as pupilas dilatadas e brilhantes, ébrias de desassossego. Mexia a boca sem articular palavra.

– E por que o Coronel proibiu que você veja a filha dele, meu irmão? – perguntou o Tenente Silva, com a mesma naturalidade de quem lhe tivesse perguntado se chovia. – Que foi que fez? Você a embarrigou?

– Psiu, psiu, porra! --babou o aviador. – Porra, porra, não fale no seu nome! Você quer me foder?

– Claro que não, meu irmão – acalmou-o o Tenente. – Quero é ajudar você. Estou preocupado por ver você assim, tão fodido, se embriagando, dando escândalos. Está arruinando sua carreira, não está vendo? Okay, não falaremos mais dele, palavra de honra.

– A gente ia casar logo que saísse minha promoção, no ano que vem – gemeu o tenentinho, desabando de novo sobre o ombro do Tenente Silva. – O filho da puta me fez acreditar que estava de acordo e que a gente ficaria noivo no Dia da Pátria. Me enganou, sabe?

Por acaso se permite que um homem seja tão traidor, tão esperto, tão canalha na vida, porra? Mexera-se um pouco e agora olhava para Lituma.

– Não, meu Tenente – murmurou o guarda, confuso.

– Mas quem é este babaca? – babou o aviador, se deixando cair novamente sobre o ombro do Tenente Silva. – Que está fazendo aqui? De onde saiu este outro filho da puta?

– Não é ninguém, meu auxiliar, gente de confiança tranqüilizou-o o Tenente Silva. – Não se preocupe com ele. Nem com o Coronel Mindreau, também.

– Psiu, psiu, psiu, porra, não fale no nome dele.

– Tem razão, esqueci. – O Tenente Silva deu outra palmada nas costas do tenentinho. – Qualquer pai sofre quando as filhas vão casar. Não querem perdê-las. Dê tempo ao tempo, depois ele se amansa e você casará com a mulher que ama. Quer um conselho? Bote barriga nela. Quando ele souber que está grávida, o velho não terá outro remédio senão autorizar o casamento. E agora, me conte o que houve com o Palomino Molero.

"Este cara é um gênio", pensou Lituma.

– Aquele não vai se amansar nunca, porque não é humano. Não tem alma, compreende? – gemeu o aviador. Teve outra de suas ânsias que se misturavam com os soluços do porre, e Lituma pensou

que a camisa do chefe devia estar um lixo. – Um monstro que brincou comigo como se fosse seu caboclinho, compreende?

Está entendendo por que ando cheio até os cornos? Está entendendo por que não tenho outra saída se não encher os cornos todas as noites?

– Claro que entendo, meu irmão – disse o Tenente Silva. – Está apaixonado e fica puto da vida porque não deixam você ver sua mulher. É o que acontece a quem se apaixonou pela filha do Mindreau, desculpe, queria dizer daquele déspota. Vamos, meu irmão, conte logo o que aconteceu com o Palomino Molero.

– Você pensa que é muito vivo, não é? – balbuciou o tenentinho, endireitando a cabeça. Era como se tivesse passado sua bebedeira. Lituma se apressou a segurá-lo, pois achou que ia agredir seu chefe. Mas, não, estava bêbado demais, não podia se manter ereto, desmoronara outra vez sobre o Tenente Silva.

– Vamos, irmão – ele o consolou. – Vai lhe fazer bem, vai fazer com que esqueça o seu problema. Você esquecerá a sua mulher por um tempo. Eles o mataram porque se meteu com a mulher de um oficial? Foi por isso?

– Não vou lhe contar nada do Palomino Molero – rugiu o tenentinho, aterrorizado. – Porra nenhuma, nem que me mate.

– Você é um mal-agradecido – repreendeu-o o Tenente, suavemente. – Eu o tirei do puteiro, e lá eles iam cortar seus ovos. Trouxe você aqui para que passe esse porre e volte à Base bonzinho e não o castiguem. Estou servindo até de lenço, de travesseiro e de toalha para você.

Olhe só como me deixou todo babado. E você nem sequer me conta por que mataram o Palomino Molero. Está com medo de

alguma coisa?

"Não vai tirar nada dele", revoltou-se Lituma. Tinham perdido tempo e, o pior, ele havia construído absurdas ilusões. Este bêbado não os livraria das trevas.

– Ela também não passa de uma grandíssima merda, e é pior até que o pai – se queixou confusamente. Teve uma ânsia de vômito e, mesmo se engasgando, continuou:

– Mas apesar de tudo o que me fez, eu a amo. Quem pode entender isso? Sim, porra, ela está aqui, dentro do coração. É uma merda!

– Por que você diz que sua mulher é uma merda também, meu irmão? – perguntou o Tenente Silva. – Ela tem que obedecer o pai, não é? Ou será que não gosta mais de você? Ela o abandonou?

– Ela não sabe o que quer, ela é a voz do seu dono, RC A Victor, o cachorrinho do disco, isso é o que é. Só faz e diz o que o monstro manda. Quem me abandonou foi ele, pela boca da filha.

Lituma tentava se lembrar da moça, tal como a vira, na breve aparição que fez no gabinete do pai. Tinha presente o diálogo entre ambos mas lhe custava lembrar se era bonita. Entrevia uma silhueta mais para a miúda, devia ser muito geniosa pela maneira como falava, e na certa era mimadíssima. Uma carinha feita para olhar todo mundo de um trono, não é?

Humilhara o pobre do aviador, em que estado o deixara.

– Me conte o que houve com o Palomino Molero, meu irmão – repetiu o Tenente Silva uma vez mais. – Alguma coisa, pelo menos. Pelo menos se o mataram por se envolver, lá em Piura, com a mulher de um oficial. Vamos, pelo menos isso.

– Posso estar bêbado, mas não sou nenhum babaca, a mim você não vai tratar como trata o seu caboclinho balbuciu o aviador.

Fez uma pausa e acrescentou, amargurado:

– Mas, se quer saber uma coisa, o que lhe aconteceu, ele mesmo procurou.

– Palomino Molero, você quer dizer? – sussurrou o Tenente.

– Você quer dizer o filho da puta do Palomino Molero, isto sim.

– Muito bem, o filho da puta do Palomino Molero, se prefere – ronronou o Tenente Silva, dando uma palmada nas costas do tenentinho. – Mas o que quer dizer com foi ele que procurou?

– Porque quis voar muito alto – pigarreou o tenentinho, irado.

– Porque se meteu em curral alheio. Essas coisas têm seu preço. Ele pagou por isso, e bem feito que tenha pago.

Lituma estava arrepiado. Este sujeito sabia. Este sujeito sabia quem e por que mataram o magrinho.

– É isso mesmo, meu irmão, quem voa alto demais, quem se mete no curral dos outros, geralmente paga – fez eco o Tenente Silva, mais misterioso que nunca. – Mas em que curral se meteu o Palomino?

– No da puta que te pariu – disse o aviadorzinho, se separando do espaldar. Fazia força para se endireitar. Lituma viu-o engatinhar, se levantar um pouco, se desequilibrar e ficar de quatro pés.

– Não, não foi nesse, meu irmão, e você sabe bem disso – prosseguiu o Tenente Silva, incansável e cordial.

– Foi lá, em Piura, em uma casa da Base Aérea. Numa dessas perto do aeroporto. Não é verdade?

O tenentinho levantou a cabeça, sempre de quatro pés, e Lituma teve a impressão de que ia latir. Olhava-os com um olhar embaciado

e angustiado e parecia fazer grandes esforços para dominar o porre. Piscava sem parar.

– E quem lhe contou isso, seu filho da puta?

– Aí está o detalhe, meu irmão, como diria o Cantinflas – riu o Tenente Silva. – Não é só você que sabe das coisas. Eu também sei algumas. Eu lhe digo as que sei, você as que sabe, e resolvemos juntos o mistério, melhor que Mandrake, o Mágico.

– Então me diga primeiro o que sabe da Base de Piura – articulou o aviador. Continuava de quatro pés e Lituma pensou que agora, sim, tinha passado a bebedeira. Pela maneira como falava e, principalmente, porque parecia não ter mais medo.

– Com muito prazer, meu irmão – disse o Tenente Silva. – Mas, venha, sente aqui, fume um dos meus. O pileque já está passando, não é? Melhor assim.

Acendeu dois cigarros e passou o maço a Lituma. O guarda tirou um e o acendeu.

– Olhe, eu sei que o Palomino tinha um amorzinho lá na Base de Piura. Fazia serenatas com guitarra para ela, e cantava com essa linda voz que dizem que tinha. De noite e escondido. Devia cantar boleros, parece que eram sua especialidade. Pronto, já lhe disse o que sei. Agora é sua vez. Para quem Palomino Molero cantava?

– Não sei de nada – exclamou o aviador. Estava assustadíssimo de novo. Os dentes continuavam batendo.

– Sim, sabe – animou-o o chefe de Lituma. – Sabe que o marido dessa a quem ele dava serenatas desconfiou ou descobriu alguma coisa, e sabe que Molero teve que se mandar de Piura. Por isso veio para cá, por isso se alistou em Talara. Mas o marido ciumento o descobriu, veio buscá-lo e acabou com ele. Pelo que você

disse, meu irmão. Por voar alto, por se meter no curral dos outros. Vamos, não fique aí tão caladinho. Quem fez aquilo com ele?

O aviador teve outro acesso. Desta vez vomitou, encolhido, fazendo um ruído espetacular. Quando acabou, limpou a boca com a mão e começou a fazer caretas. Terminou soluçando como um bebê. Lituma sentia nojo e também um pouco de pena. O coitado estava sofrendo, via-se.

– Você pode perguntar por que insisto tanto em que me diga quem foi – refletiu o Tenente, fazendo rodela com a fumaça. – Curiosidade, meu irmão, nada mais. Se quem acabou com ele foi alguém da Base de Piura, que é que eu posso fazer? Nada. Vocês têm foros especiais, prerrogativas, vocês julgam a si mesmos. Eu não poderia meter nem a minha colher. Pura curiosidade, sabe? E, além disso, vou lhe dizer uma coisa. Se eu estivesse casado com a minha gorda e alguém viesse para lhe fazer serenatas, para lhe cantar bolerinhos românticos, eu também dava um jeito nele. Quem foi que esfriou o Palomino, meu irmão?

Até nesse momento precisava lembrar de Dona Adriana, o Tenente. Era uma doença, porra. O tenentinho se virou, evitando a parte do chão suja por seu vômito, e se sentou na areia, uns centímetros à frente de Lituma e seu chefe. Pôs os cotovelos sobre os joelhos e afundou a cabeça entre as mãos. Devia estar sentindo os efeitos da bebedeira. Lituma recordou essa sensação de vazio com cosquinhas, o mal-estar não localizável, generalizado, que conhecia muito bem de seus tempos de inconquistável.

– Mas como é que sabe que ia fazer serenatas na Base de Piura?  
– perguntou o aviador, de repente. Em alguns momentos parecia

com medo, em outros, com raiva, e agora com as duas coisas ao mesmo tempo. – Qual foi o puto que lhe contou isso?

Nesse momento, Lituma notou a aproximação de umas sombras. Segundos depois, já estavam junto a eles, abertas em meio círculo. Eram seis. Levavam fuzis e cassetetes, e no resplendor da lua Lituma reconhece as braçadeiras. A Polícia da Aeronáutica. De noite, percorriam as cantinas, as festas e o puteiro em busca de gente da Base que estivesse promovendo distúrbios.

– Sou o Tenente Silva, da Guarda Civil. Que é que há?

– Vamos levar o Tenente Dufó – respondeu um deles. Não se via galões em sua farda, devia ser suboficial.

– Para dizer meu nome, primeiro lave a boca – rugiu o aviador. Conseguiu se levantar e se manter de pé, embora balançasse como se fosse perder o equilíbrio a qualquer momento. – Ninguém me leva a parte alguma, porra.

– Ordens do Coronel, meu Tenente – replicou o chefe da patrulha. – com seu perdão, mas temos que levá-lo.

O aviador pigarreou um pouco e como que deslizou até o chão, em câmara lenta. O que comandava a patrulha deu uma ordem e as silhuetas se aproximaram. Pegaram o Tenente Dufó pelos braços e pelas pernas e o carregaram. Ele se deixou levar resmungando alguma coisa incompreensível.

Lituma e o Tenente Silva viram patrulha e tenentinho desaparecerem na escuridão. Pouco depois, longe, arrancou um jipe.

A patrulha havia estacionado, sem dúvida, junto ao puteiro. Acabaram de fumar, concentrados em seus pensamentos. O Tenente foi o primeiro a se levantar, para empreender a volta. Ao passar perto do puteiro ouviram música, vozes e risos. Parecia cheio.

– O senhor é uma fera para fazer as pessoas falarem disse Lituma. – Como o levou direitinho, até o ponto de lhe tirar umas coisinhas.

– Não tirei tudo o que sabe – afirmou o Tenente. Se tivéssemos tido mais tempo, talvez tivesse desembuchado tudo. – Cuspiu e respirou com vontade, querendo encher os pulmões de ar marinho. – vou lhe dizer uma coisa, Lituma. Sabe o que estou sentindo?

– O que, meu Tenente?

– Que na Base Aérea todo mundo sabe o que aconteceu. Do porteiro até o Mindreau.

– Não estranharia nada – concordou Lituma. – Pelo menos, essa foi a impressão que o Tenente Dufó me deu. E que ele, sim, sabia, e muito bem, quem matou o magrinho.

Caminharam um bom tempo em silêncio, por uma Talara adormecida. A maioria das casinhas de madeira estava às escuras; apenas em uma ou outra se via brilhar um candeeiro. Lá em cima, atrás das cercas, na zona reservada, também era noite total.

De repente, o Tenente falou com uma voz diferente:

– Me faz uma gauchada, Lituma. Dê uma volta pela praia dos pescadores. Olhe se o El León de Talara já zarpou.

Se já saiu, vá dormir. Mas se estiver na praia, vá me avisar na pensão.

– Como, meu Tenente? – se assustou Lituma. Quer dizer que...

– Quer dizer que vou tentar – concordou o Tenente, com um quase sorriso nervoso. – Não sei se o milagre vai acontecer esta noite. Pode ser que não. Mas não se perde nada tentando. Tem sido muito mais difícil do que eu pensava. Mas um dia acontecerá. Porque, sabe de uma coisa?, este cristão aqui não morrerá sem

comer aquela gorda e sem saber quem matou o Palomino Molero. São minhas duas metas na vida, Lituma. Mais ainda que a promoção, mesmo que você não acredite. Vamos, ande logo.

"Como é que pode estar com tesão num momento como esse", refletiu Lituma. Pensou em Dona Adriana, encolhida em sua caminha, sonhando, inconsciente da visita que ia receber. Ah, merda, que bom porra-louca tinha saído o Tenente Silva. Ela lhe daria nessa noite? Não, Lituma estava certo de que Dona Adriana jamais daria ao Tenente. De entre cabanas às escuras saiu um cachorro latindo. Afugentou-o com um pontapé. Sempre cheirava a peixe em Talara, mas certas noites, como esta, o cheiro aumentava até se tornar insuportável. Lituma sentiu uma espécie de vertigem. Caminhou um tempo tapando o nariz com o lenço. Muitos barcos já haviam saído para pescar.

Só uma meia dúzia ainda estava na prainha e nenhum deles era El León de Talara.

Examinou-os um por um, para ter certeza. Quando se dispunha a ir embora, percebeu um vulto, recostado em um dos barquinhos sobre a areia.

– Boa noite – murmurou.

– Boa noite – disse a mulher, parecendo chateada por haver sido interrompida.

– Mas, veja só, o que a senhora faz aqui a estas horas, Dona Adriana? – A dona da pensão usava uma blusa preta sobre o vestido e andava descalça, como sempre.

– Vim trazer a comida do Matias. Depois que ele partiu, fiquei aqui para tomar um pouco de ar. Não estou com sono. E você, Lituma? Que foi que perdeu aqui? Um encontro amoroso?

O guarda riu. Acocorou-se diante de Dona Adriana e, enquanto ria, na escassa luz – uma nuvem envolvia a lua – examinava essas formas abundantes, generosas, que o Tenente Silva tanto cobiçava.

– Está rindo do quê? – perguntou Dona Adriana. Ficou louco ou está meio tocado? Ah, já sei, esteve no Chinês Liau.

– Nada disso, Dona Adriana – continuou rindo Lituma. – Se lhe conto, a senhora vai morrer de tanto rir, também.

– Me conte, então. E não fique aí rindo sozinho, até parece um babaca.

A dona da pensão estava sempre de bom humor e ativa, mas Lituma, esta noite, achou-a meio tristonha.

Estava com os braços cruzados sobre o peito e um dos seus pés escavava a areia.

– A senhora está chateada com alguma coisa, Dona Adriana? – perguntou, agora sério.

– Chateada, não. Preocupada, Lituma. Matias não quer ir à Assistência. É muito teimoso, não consigo convencê-lo.

Fez uma pausa e suspirou. Contou que, já fazia pelo menos um mês, o marido não se livrava de uma ronqueira, e que, quando tinha fortes acessos de tosse, cuspiam sangue. Ela havia comprado uns remédios na farmácia e o fizera tomar quase à força, mas não tinham dado resultado algum. Talvez tivesse alguma coisa grave, que não podia ser curada com remédios de farmácia. De repente necessitava de radiografias ou uma operação. Mas o teimosão não queria saber da Assistência e dizia que aquilo passava logo, imagine só ir ver um médico por causa de uma tosse, coisa de maricas. Mas ele não a enganava: ele se sentia pior do que aparentava, porque todas as noites ficava mais difícil sair para a pesca. Tinha lhe proibido de falar

com os filhos sobre as cuspidas de sangue. Mas ela contaria tudo a eles no domingo, quando viessem visitá-la. Vamos ver se eles o carregam para o médico.

– A senhora gosta muito de Dom Matias, não é, Dona Adriana?

– Vivo com ele há quase vinte e cinco anos – sorriu a dona da pensão. – Parece mentira, como passa o tempo, Lituma.

Matias me pegou novinha, eu tinha só quinze anos. Tinha medo dele, porque era bem mais velho que eu. Mas tanto andou atrás de mim que acabou conseguindo.

Meus pais não queriam que eu me casasse com ele. Diziam que era muito velho, que o casamento não duraria. Eles se enganaram, viu só? Durou, e, apesar de tudo, a gente tem vivido muito bem. Mas por que me pergunta se gosto dele?

– Porque agora estou um pouco envergonhado de lhe dizer o que vim fazer aqui, Dona Adriana.

O pé que brincava na areia se imobilizou, a milímetros de onde estava acorado o guarda.

– Pare com essa história de mistério, Lituma. Está querendo que eu adivinhe?

– O Tenente me mandou ver se Dom Matias já havia saído para pescar – sussurrou, baixando a voz e com um tonzinho malicioso. Ficou esperando, mas como ela não fez nenhuma pergunta, acrescentou: – Porque ele foi lhe fazer uma visita, Dona Adriana, e não queria que seu marido fosse pescá-lo. Agora mesmo deve estar batendo na sua porta.

Houve um silêncio. Lituma sentia o estalar das ondinhas que vinham morrer na margem perto dele. Passado um momento, ouviu Dona Adriana rindo, devagarinho, zombando, se contendo, como

para que ele não a ouvisse. Ele também voltou a rir. E assim ficaram um bom tempo, rindo, cada vez mais alto, contagiados.

– Que maldade estar gozando assim do rabicho do Tenente, Dona Adriana.

– Ainda deve estar batendo na porta e arranhando a janela, implorando, implorando que o deixe entrar – falou entre risos a dona da pensão. – Prometendo todo o ouro do mundo para eu lhe abrir a porta. Ah! Ah! Ah! Batendo só para os fantasmas! Ah! Ah! Ah!

Ainda riram um pouco mais. Quando se calaram, Lituma viu que o pé da dona da pensão voltava a escavar a areia, com método e obstinação. Longe souu a sereia da refinaria. Estavam mudando de turno, pois ali trabalhavam dia e noite. Ouviu, também, ruídos de caminhões na estrada.

– A verdade é que a senhora o deixa completamente louco, Dona Adriana. Se a senhora pudesse ouvi-lo. Não fala de outra coisa. Nem sequer olha para as outras mulheres. Para ele, a senhora é a rainha de Talara.

Ouviu Dona Adriana rir outra vez, muito contente.

– Ele não passa de um mão-boba, um dia destes vai levar um sopapo por causa das confianças que toma comigo – disse, sem o menor sinal de braveza. – Louco por mim? Puro capricho, Lituma. Meteu na cabeça de me conquistar e, como eu não lhe dou bola, agora teima. Pensa que vou acreditar que um rapaz como ele se apaixonou por uma mulher que poderia ser sua mãe? Nem se fosse louca, Lituma. Um capricho, nada mais. Se lhe fizesse a vontade uma única vez, pronto, acabaria sua paixonite.

– Mas a senhora vai lhe fazer a vontade, ainda que uma vez só, Dona Adriana?

– Claro que não, nem pela décima parte de uma vez respondeu imediatamente a dona da pensão, fingindo chateação. Lituma, porém, compreendeu que fingia. – Eu não sou dessas. Sou uma mãe de família, Lituma. Nenhum homem bota a mão em mim, a não ser meu marido.

– Então, o Tenente vai morrer, Dona Adriana. Porque eu lhe juro que nunca vi um homem tão vidrado em alguém como ele na senhora. Chega até a lhe falar em sonhos, imagine só.

– O que diz quando me fala em sonhos?

– Não posso lhe dizer, são coisas muito sujas, Dona Adriana.

Ela deu uma gargalhada. Quando a terminou, se levantou do bote, e, sempre com os braços cruzados, começou a caminhar. Pegou o rumo da pensão, seguida por Lituma.

– Gostei de me encontrar com você – disse. – Você me fez rir, me livrou da preocupação que tinha.

– Eu também gostei, Dona Adriana – disse o guarda.

– Nossa conversa me fez esquecer do magrinho que mataram. Ele está aqui, metido na minha cabeça desde que o vi, no pedregal. Às vezes tenho até pesadelos. Espero que esta noite não.

Despediu-se de Dona Adriana na porta da pensão e caminhou até o Posto. Ele e o Tenente dormiam ali, o oficial em um quarto amplo, contíguo à repartição, e Lituma em uma espécie de despensa pegada ao patiozinho dos xadrezes. Os outros guardas eram casados e moravam em casas do povoado. Enquanto percorria as ruas desertas, imaginava o Tenente arranhando os vidros da pensão e sussurrando palavras de amor ao vento.

No posto, viu um papel enfiado no trinco da porta. Tinha sido colocado ali com maestria, para que o vissem ao entrar.

Despreendeu-o cuidadosamente e, lá dentro uma peça de madeira, com um escudo, uma bandeira, duas escrivatinhas e um cesto de lixo —, acendeu a lâmpada. Estava escrito em tinta azul, por alguém de letra parelha e elegante, alguém que sabia escrever sem erros de ortografia:

"Os que mataram Palomino Molero foram tirá-lo da casa de Dona Lupe, em Amotape. Ela sabe o que aconteceu. Pergunte a ela."

O Posto recebia cartas e bilhetes anônimos com frequência, especialmente por assuntos de traições e negócios na Alfândega do porto. Este era o primeiro bilhete com referência à morte do magrinho.

## V

– Amotape, veja só que nome – zombou o Tenente Silva. – Será verdade que vem daquela história do padre e sua criada? Que é que a senhora acha, Dona Lupe?

Amotape está a meia centena de quilômetros ao Sul de Talara, em meio de pedregais calcinados e dunas ardentes. Pelos arredores há campos secos, matas de algarobeiras e um ou outro eucalipto, manchas de pálido verdor para alegrar o monótono acinzentado da paisagem. As árvores se encolheram, alargaram e arreesaram para absorver a escassa umidade da atmosfera e, a distância, parecem bruxas gesticulantes. Sob a sombra benfeitora de suas copas retorcidas há sempre rebanhos de esquálidas cabras, mordiscando as vagens estalantes que se desprendem de seus ramos; há, também, sonolentos burros; e há também algum pastor, geralmente um menino ou uma menina de poucos anos, pele queimada e olhos espertíssimos.

– A senhora acha que essa história do padre e sua criada sobre Amotape é verdadeira, Dona Lupe? – repetiu o Tenente Silva.

O povoado era um amontoamento de cabanas de barro e canabrava, com pequenos currais de estacas, e uma ou outra casa de material nobre, aglomerado em torno de uma antiga pracinha com coreto de madeira, amendoeiras, buganvílias e um monumento de pedra a Simón Rodríguez, o professor de Bolívar, que morreu nesta solidão. Os moradores de Amotape, gente pobre e empoeirada, vivem das cabras, dos algodoads e dos caminhoneiros e motoristas de

ônibus que se desviam da rota Talara Sullana para ali tomar um potinho de chicha<sup>[10]</sup> ou comer um piqueo<sup>[11]</sup>. O nome do lugar, conta a lenda piurana, vem dos tempos da Colônia, quando Amotape, povoado importante, tinha um pároco avaro, que odiava dar de comer aos forasteiros.

Sua criada, que o ajudava na sovínice, vendo aparecer um viajante alertava-o: "Amo, tape, tape a panela que vem gente."

Seria verdade?

– Quem sabe – murmurou, afinal, a mulher. – Talvez sim. Talvez não. Deus saberá.

Era muito magra, pele cor de azeitona e apergaminhada, afundada entre os ossos salientes dos pômulos e dos braços. Desde que os viu chegar, olhava-os com desconfiança.

"Com mais desconfiança ainda do que normalmente as pessoas nos olham", pensou Lituma. Examinava-o com uns olhos profundos e assustadiços, e, a toda hora, esfregava os braços como que surpreendida por um calafrio. Quando seu olhar encontrava o de um deles, o sorrisinho que experimentava saía tão falso que parecia uma careta.

"Como está com medo, comadre", pensava Lituma. "Você, sim, sabe coisas." Ela os olhara assim enquanto lhes servia uns pedaços de banana frita e salgada e um seco de chabelo<sup>[12]</sup>. Assim os olhava cada vez que o Tenente pedia que lhes renovasse a cabaça de "clarito"<sup>[13]</sup>. Quando é que o chefe começaria com as perguntas? Lituma sentia que a chicha começava a embotar seu cérebro.

Era meio-dia, fazia um calor dos diabos. Ele e o Tenente eram os únicos fregueses. Dali viam, meio de viés, a igrejinha de São Nicolau resistindo heróica à passagem do tempo, e, mais adiante, através do

areal, a uma centena de metros, os caminhões que andavam no rumo de Sullana ou Talara. Eles tinham pegado carona em um caminhão carregado de gaiolas de frangos.

Desceram na estrada. Enquanto atravessavam o povoado, viram brotar caras curiosas de todas as choças de Amotape. Várias cabanas tinham bandeirinhas brancas, drapejando no alto de uma estaca. O Tenente perguntou qual dessas cabanas que serviam chicha era a de Dona Lupe. O grupo de moleques que os rodeava apontou imediatamente a cabaninha onde agora estavam. Lituma suspirou, aliviado. Ora, pelo menos a mulher existia. Muito bem, a viagem não fora em vão. Tinham viajado sob a intempérie, cheirando cagada de frango, livrando-se das penas que se metiam em suas bocas e orelhas, ensurdecidos pelo cacarejo dos companheiros de viagem. O solação lhes dera dor de cabeça. Agora, ao retornar, teriam que caminhar de novo até a estrada, parar ali e esticar o braço, esperando que um motorista se oferecesse para levá-los a Talara.

– bom dia, Dona Lupe – dissera o Tenente Silva, ao entrar. – Estamos aqui para ver se sua chicha, os seus pedaços de banana frita e o seu seco de chabelo são tão bons quanto se comenta. Nos recomendaram. Espero que não desiludam a gente.

A julgar pela maneira como os olhava, a dona da pensão não engolira a história do Tenente. E, principalmente, pensou Lituma, considerando como era ácida sua chicha e insípidas as tiras de carne do seu seco. No começo, os moleques de Amotape estiveram andando à volta deles. Pouco a pouco, foram se aborrecendo e dando o fora. Agora só estavam na choça, à volta do fogão, dos vasos de barro, do catre e das três mesinhas cambaias plantadas sobre a terra, crianças seminuas, brincando com cabaças vazias. Deviam ser filhas

de Dona Lupe, embora parecesse difícil que uma mulher de sua idade tivesse filhas tão pequenas. Ou, quem sabe, não era tão velha? Todas as tentativas de iniciar uma conversa com ela tinham sido inúteis. Falaram do tempo, da seca, da colheita de algodão deste ano ou do nome de Amotape, respondia sempre do mesmo jeito, com monossílabos, silêncio ou evasivas.

– vou dizer uma coisa que vai lhe surpreender, Lituma. Você também acha que Dona Adriana é uma gorda, não é verdade? Pois se engana. É uma mulher bem acabada, o que é muito diferente.

Quando é que o Tenente começaria com as perguntas? E como ia fazê-lo? Lituma se sentia inquieto, dividido entre a surpresa e a admiração que as astúcias do chefe provocavam nele. Constava-lhe que o Tenente Silva estava tão ávido quanto ele por resolver o mistério da morte de Palomino Molero. Testemunhara a excitação que, na noite anterior, provocara nele o bilhete anônimo.

Cheirando o papel como um sabujo a presa, sentenciou: "Não é uma molecagem. Traz o cheiro de coisa verdadeira. Teremos que ir a Amotape."

– Sabe qual é a diferença entre uma gorda e uma mulher bem acabada, Lituma? A gorda é fofa, suada, molengona. Você toca nela e a mão afunda como no queijo amanteigado. Você se sente logrado. A mulher bem acabada é dura, cheinha, tem o que faz falta e mais. Tudo em seu lugar. É uma mulher bem distribuída e proporcionada. Você toca nela e resiste, toca e repica. Há sempre demais, de sobra, pra gente se fartar e até pra se regalar.

No caminho para Amotape, enquanto o sol do deserto penetrava nos seus quepes, o Tenente viera monologando sem cessar sobre o bilhete anônimo, especulando sobre o Tenente Dufó, o Coronel

Mindreau e a filha dele. Mas, desde que entraram na choça de Dona Lupe, era como se a curiosidade do Tenente Silva por Palomino Molero tivesse se eclipsado. Durante todo o almoço não fizera outra coisa que falar do nome de Amotape, ou, é claro, de Dona Adriana. Em voz alta, sem se importar que a senhora Lupe ouvisse a descrição dos seus arretos.

– É a diferença entre a gordura e a robustez, Lituma. A gorda é banha. A mulher bem acabada, um feixe de músculos. Umas tetas rijas são a coisa melhor que há no mundo, melhor mesmo que este seco de chabelo de Dona Lupe. Não ria, Lituma, é assim mesmo como estou lhe dizendo. Você não entende dessas coisas, eu, sim.

Uma bunda grande e rija, umas coxas bem firmes, uma boa paleta e uns quadris de mulher bem rijos, são manjares de príncipes, reis e generais. Ui, meu Deus! Ui, ui, ui! Assim é o meu amorzinho de Talara, Lituma. Não é gorda, é bem acabada. Uma mulher robusta, porra. E é disso que eu gosto.

O guarda ria, por disciplina, mas Dona Lupe ouvia toda essa conversa fiada do oficial muito séria, examinando-os detidamente. "Esperando", pensava Lituma, certamente tão aflita como ele mesmo. Quando se decidiria a começar o Tenente? Parecia não ter pressa nenhuma. E tome de tanto falar na gorda.

– Você perguntará: como é que o Tenente sabe que a Dona Adrianinha é bem acabada e não gorda? Por acaso já tocou nela? É verdade que mal a toquei, Lituma. Um pouco, pouquinho, um toquezinho aqui, de passagem, um roçar apressadinho. Sacanagens, eu sei, você tem razão se está pensando assim. Mas é que eu a vi, Lituma. Pronto, já lhe contei meu segredo. Eu a vi tomando banho, vestindo só uma anágua. Lá na prainha aonde vão as velhas de Talara

para que os homens não as vejam, aquela que fica atrás do farol, aquela de pedras e rochedos, junto ao penhasco dos caranguejos. Por que você acha que desapareço sempre aí pelas cinco, com meu binóculo, contando a história de ir tomar um cafezinho no Hotel Royal? Por que você acha que trepo no penhasco que está sobre aquela prainha? Por que será, Lituma?

Para olhar meu amorzinho enquanto se banha com sua anágua rosada. Logo que a anágua se molha é como se estivesse pelada, Lituma. Meu Deus, me dê água, Dona Lupe, estou me queimando por dentro! Apague este incêndio! Aí é que se vê o que é um corpo bem acabado, Lituma. As nádegas duras, as tetas duras, pura carne dura da cabeça aos pés. Um dia eu o levarei comigo e vou mostrá-la. E lhe empresto o binóculo. Vai ficar vesgo, Lituma. Vai ver que tenho razão. Verá o corpo mais saboroso de Talara. Sim, Lituma, eu não sou ciumento, pelo menos com meus subordinados. Se você se comportar bem, um dia vou levá-lo ao penhasco dos caranguejos. Vai ter um chique de felicidade só de ver aquela fêmea.

Era como se houvesse esquecido o que tinham vindo fazer em Amotape, porra. Mas quando a impaciência já começava a desesperar Lituma, o Tenente Silva, de repente, emudeceu. Tirou os óculos escuros – o guarda viu que o chefe estava com as pupilas brilhantes e enérgicas -, limpou-os com o lenço e os colocou de novo. Com muita calma acendeu um cigarro. Falou com uma vozinha adocicada:

– Uma coisa, Dona Lupe. Venha, venha, sente aqui conosco um instantinho. Precisamos falar, não?

– E de quê? – murmurou a mulher, os dentes batendo. Começara a tremer como se tivesse terças.

Lituma percebeu que também ele tremia.

– Ora, de Palomino Molero, Dona Lupe; de quem seria? – sorriu para ela o Tenente Silva.

– Do meu amor de Talara, da minha gordinha rica, é que não vou falar com a senhora, não acha? Venha, venha. Sente aqui.

– Não sei quem é esse – balbuciou a mulher, transfigurada. Sentou-se como um fantoche no banquinho que o Tenente lhe apontava. Tinha se desfigurado de súbito e parecia mais magra que antes. Fazendo uma careta estranha, que lhe torcia a boca, repetiu: – Juro que não sei quem é.

– Claro que a senhora sabe quem é Palomino Molero, Dona Lupe – repreendeu-a o Tenente Silva. Deixara de sorrir e falava em um tom frio e duro que assustou Lituma. E este pensou: "Sim, sim, afinal saberemos o que aconteceu." – O avião que mataram em Talara. O que queimaram com cigarros acesos e enforcaram. Aquele em quem enfiaram um pau no traseiro. Palomino Molero, um magrinho que cantava boleros. Esteve aqui, nesta casa, onde a senhora e eu estamos agora. Não se lembra mais?

Lituma viu que a mulher abria muito os olhos e também a boca. Mas não disse nada. Permaneceu assim, desfigurada, tremendo. Uma das crianças fez beicinho.

– vou lhe falar francamente, senhora – o Tenente atirou uma bafurada de fumaça e pareceu se distrair, observando as espirais. Prosseguiu de improviso, com severidade:

– Se a senhora não coopera, se não responde minhas perguntas, vai se meter numa encrenca filho da puta. E eu estou lhe falando assim, com palavrões, para que se dê conta de como é grave. Não quero prendê-la, não quero levá-la a Talara, não quero metê-la no

xadrez, por acobertar e ser cúmplice de um crime. Garanto à senhora que não quero nada disso, Dona Lupe.

A criança continuava fazendo beicinho e Lituma, levando um dedo aos lábios, lhe indicou silêncio. Ela lhe pôs a língua e sorriu.

– Vão me matar – gemeu a mulher, devagarinho. Mas não chorava. Em seus olhos secos havia ódio e medo animal. Lituma não se atrevia a respirar, achava que se se mexesse ou fizesse algum ruído aconteceria alguma coisa gravíssima. Viu que o Tenente Silva, com muita lentidão, abria o coldre. Tirou o revólver e o colocou sobre a mesa, afastando o prato com as sobras do seco de chabelo. Acariciou a arma enquanto falava:

– Ninguém vai tocar num fio dos seus cabelos, Dona Lupe. Desde que nos conte a verdade. Aqui está isto para defendê-la, se for preciso.

O zurrar enlouquecido de uma burra quebrou, à distância, a quietude do mundo exterior. "Está sendo fodida", pensou Lituma.

– Me ameaçaram, me disseram que se abrisse a boca ia morrer – uivou a mulher, levantando os braços. Apertava a cara com as duas mãos e se retorcia dos pés à cabeça. Ouvia-se seus dentes batendo. – Que culpa tenho, o que foi que eu fiz, senhor? Não posso morrer, deixar abandonadas estas crianças. Um trator matou meu marido, senhor.

As crianças que brincavam na areia se viraram ao ouvi-la gritar, mas, após um momento, se desinteressaram dela e retornaram a suas brincadeiras. A criança que fazia beicinho fora engatinhando até a saída da choça. O sol avermelhou seu cabelo, sua pele. Chupava o dedo.

– Eles também me mostraram revólveres; a quem devo obedecer, a vocês ou a eles? – berrou a mulher. Tentava chorar, fazia caretas, espremia os braços, mas tinha os olhos sempre secos. Bateu no peito e persignou-se.

Lituma espiou o exterior. Não, os gritos da mulher não tinham atraído a vizinhança. Pelo buraco da porta e as frestas das estacas via-se a porta fechada da igrejinha de São Nicolau e a Praça deserta. Os meninos que, até um momento, corriam e chutavam uma bola de pano à volta do coreto de madeira, não estavam mais ali. Pensou: "Foram levados, estão escondidos. Os pais devem ter agarrado aqueles meninos pelo pescoço e os meteram dentro de suas choças, para não ouvirem nem verem o que ia acontecer aqui." Todos sabiam, pois, o que acontecera com Palomino Molero; todos tinham sido testemunhas. O mistério seria esclarecido, agora sim.

– Fique calma, vamos passo a passo, sem pressa disse o Tenente. O tom de sua voz, porém, à diferença de suas palavras, não queria tranqüilizar a mulher mas aumentar seu medo. Era frio e ameaçador: – Ninguém vai matá-la nem se meter com a senhora. Palavra de honra. Com a condição de que me fale com franqueza. De que me diga toda a verdade.

– Não sei nada, não sei nada, estou com medo, meu Deus – balbuciou a mulher. Mas em seu semblante, em seu desamparo, era visível que sabia tudo e não tinha forças para se negar a contá-lo. – Me ajude, São Nicolau.

Persignou-se duas vezes e beijou os dedos cruzados.

– Começando pelo princípio – ordenou o Tenente.

– Quando e por que Palomino Molero veio aqui? Desde quando a senhora o conhecia?

– Eu não o conhecia, não o tinha visto em toda minha vida – protestou a mulher. Baixava e subia a voz, como se tivesse perdido o controle da garganta, e remexia os olhos. – Eu não teria lhe dado cama aqui, se não fosse pela moça. Procuravam o pároco, o Padre Ezequiel. Mas ele não estava. Quase nunca está, só passa viajando.

– A moça? – deixou escapar Lituma. Um olhar do Tenente o fez morder a língua.

– A moça – tremeu Dona Lupe. – Sim, ela. Eles me pediram tanto que fiquei com pena. Não foi nem por dinheiro, senhor, e Deus sabe a falta que me faz. Meu marido foi esmagado por um trator. Já não lhe disse? Por Nosso Senhor que está nos vendo e ouvindo lá de cima, por São Nicolauzinho que é nosso padroeiro. Eles não tinham dinheiro. Só para pagar a comida, e olhe lá. A cama eu dei de graça. E porque iam se casar. Por pena, por que eram tão mocinhos, quase uns pirralhos, de tão apaixonados que estavam, senhor. Como ia saber o que aconteceria? Que foi que lhe fiz, meu Deusinho, por que me metes numa tal enrascada?

O Tenente esperou, jogando anéis de fumaça e fulminando a mulher com o olhar através dos óculos, que Dona Lupe se persignasse, esfregasse os braços e apertasse a cara como se fosse destroçá-la.

– Já sei que a senhora é boa gente, percebi isso na hora – disse, sem mudar de tom. – Não se preocupe, continue. Quantos dias os pombinhos estiveram aqui?

O zurrar obsceno feriu de novo a manhã, mais próximo agora, e Lituma ouviu também um galope. "Já comeu", deduziu.

– Só dois – respondeu Dona Lupe. – Estiveram esperando o pároco. Mas o Padre Ezequiel estava de viagem. Sempre está. Diz que

vai batizar e casar gente das fazendas lá na serra, diz que vai a Ayabaca porque é muito devoto do Senhor Cativo, mas quem é que pode garantir? Mil coisas falam de tanta viagem. Eu disse a eles, não esperem mais, pode demorar uma semana, dez dias, quem sabe quantos? Iam embora na manhã seguinte, para São Jacinto. Era domingo e eu mesma aconselhei que fossem para lá. Nos domingos, um padre de Sullana vai a São Jacinto rezar missa. Ele podia casá-los, então, na capelinha da fazenda. Era o que mais queriam no mundo, um padre para casar. Mas aqui, era inútil continuar esperando. Vão, vão a São Jacinto.

– Mas os pombinhos não chegaram a viajar naquele domingo – interrompeu-a o Tenente.

– Não – Dona Lupe se apavorou.

Ficou muda e olhou o oficial nos olhos; olhou em seguida para Lituma e de novo ao Tenente. Tremia e batia os dentes.

– Porque vieram buscá-los no sábado de tarde – segredou ela, olhos esbugalhados.

Ainda não havia escurecido. O sol era uma bola de fogo entre os eucaliptos e as algarobeiras, as folhas de zinco de alguns tetos reluziam com o resplendor do crepúsculo, e, nisso, ela, que estava cozinhando, dobrada sobre o fogão, viu o carro. Saíra da estrada, apontou em direção a Amotape e, sacolejando, roncando, levantando um poeiral danado, veio diretinho até a Praça. Dona Lupe não tirava os olhos dele, vendo-o se aproximar. Eles também o pressentiram e o viram. Mas não lhe deram importância até que freou junto à Igreja. Estavam sentados ali, se beijando. O dia todo passavam se beijando. Já chega, já chega, assim dão mal exemplo aos pirralhos. Por que não conversam um pouco, ou cantam?

– Porque ele cantava bonito, não é? – sussurrou o Tenente, animando-a a continuar. – Boleros, principalmente.

– Também valsas e tonderos – concordou a mulher. Suspirou tão forte que Lituma deu um salto. – E até cumananas, esse canto em que dois cantores se desafiam. Ela cantava muito bem, era uma graça.

– O carro chegou a Amotape e a senhora o viu – recordou o Tenente. – Eles saíram correndo. E se esconderam?

– Ela quis que ele fugisse, que se escondesse. E o assustava dizendo corra amor, fuja amor, corra, corra, não fique, não quero que...

– Não, amor, olhe, você foi minha, passamos duas noites juntos, você já é minha mulher. Agora ninguém poderá se opor. Terão que aceitar nosso amor. Eu não vou. Vou esperá-lo, vou falar com ele.

– Ela, assustadíssima, corra, corra, eles vão, podem não sei o quê, fuja, eu os retenho aqui, não quero que matem você, amor. Estava tão assustada que Dona Lupe se assustou também.

– Quem são? – perguntou a eles, apontando o carro todo empoeirado, as silhuetas que saíam e se destacavam, escuras, sem cara, contra o horizonte incendiado. Quem vem aí? Meu Deus, meu Deus, o que será que vai haver?

– Quem estava vindo, Dona Lupe? – O Tenente Silva produziu uma fila de anéis de fumaça.

– Quem poderia ser? – sussurrou a mulher, quase sem separar os dentes, com uma fúria que apagou seu medo. – Quem, senão vocês?

O Tenente Silva não se alterou:

Nós? A Guarda Civil? Deve estar querendo dizer a Polícia da Aeronáutica, gente da Base Aérea de Talara, não é?

– Vocês, os fardados – sussurrou a mulher, de novo apavorada.  
– Não é a mesma coisa?

– Na verdade, não – sorriu o Tenente Silva. – Mas, não importa.

E, nesse momento, sem se distrair um segundo das revelações de Dona Lupe, Lituma os viu. Aí estavam, se protegendo do sol sob a cobertura de esteiras, sentados muito juntos e com os dedos entrelaçados, um instante antes de que sobre eles desabasse a desgraça. Ele tinha inclinado a cabeça de cabelos crespos, pretos e curtinhos sobre o ombro da moça e, roçando o ouvido dela com os lábios, cantava,

*Dos almas que en el mundo,  
habia unido Dios,  
dos almas que se amaban,  
eso éramos tú y yo.*

Comovida pela ternura e a delicadeza da canção, ela tinha os olhos marejados de lágrimas e, para ouvir melhor o canto ou por coquete que era, encolhia um pouco o ombro e franzia a carinha de moça apaixonada. Não havia sinal de antipatia, nem de arrogância, naquela feição adolescente dulcificada pelo amor. Lituma sentiu que o embargava uma desoladora tristeza ao perceber, por onde sem dúvida apareceria e viria, precedido pelo troar do seu motor, entre grandes nuvens de pó amarelento, o veículo dos fardados. Percorria o casario de Amotape quando o dia chegava à sua metade, e, em

seguida a uns minutos atrozes, vinha parar a poucos metros da mesma choça sem porta onde agora se encontravam. "Pelo menos, naqueles dois dias que passou aqui, deve ter sido muito feliz", pensou.

– Só dois? – perguntou o Tenente. Lituma se surpreendeu ao ver o chefe tão surpreendido. Evitava olhá-lo nos olhos, por uma obscura superstição.

– Só dois – repetiu a mulher, assustada, hesitando. Entrecerrou as pálpebras, como se passasse em revista sua memória para desentranhar um possível erro. – Mais ninguém. Saíram os dois e o jipe ficou vazio. Porque o carro era um jipe, agora podia ver. Não eram mais que dois homens, tenho certeza. Por que, senhor?

– Por nada – disse o Tenente, pisoteando a ponta do cigarro. – Pensei que uma patrulha, pelo menos, teria saído para procurá-los. Mas, se a senhora viu dois, não tem problema. Continue, senhora.

Outro zurro interrompeu Dona Lupe. Elevou-se na abrasada atmosfera do meio-dia de Amotape, longo, cheio de altos e baixos, profundo, jocoso, seminal, e, instantaneamente, as crianças que brincavam no chão levantaram-se e saíram correndo ou gatinhando, mortas de riso e de malícia. Iam em busca da burra, pensou Lituma, iam ver como o burrico que a fazia zurrar assim a montava.

– Você está bem? – disse a sombra do mais velho, a sombra do que não tinha revólver na mão. – Fez mal a você? Está bem?

Havia escurecido em poucos segundos. No pouco tempo que a dupla gastara para percorrer o pedaço de chão entre o jipe e a choça, a tarde havia se tornado noite.

– Se fizer alguma coisa a ele, me matarei – disse a moça, sem gritar, desafiadora, os pés bem-postos sobre o chão, os punhos

cerrados, o queixo vibrante.

– Se fizer alguma coisa a ele, me matarei. Mas, antes, contarei tudo a todo mundo. Todos morrerão de nojo e vergonha de você.

Dona Lupe tremia como uma folha de papel:

– Que está acontecendo, senhor, quem são vocês, em que posso servi-los? Esta é a minha modesta casa, eu não faço mal a ninguém, eu sou uma pobre mulher.

O que tinha arma, a sombra que despejava fogo cada vez que olhava para o moço – porque o mais velho só olhava para a moça – se aproximou de Dona Lupe e pôs a ponta da pistola entre as mirradas tetas da mulher:

– Nós não estamos aqui, nós não existimos – ordenou, bêbado de ódio e de ira. – Se abrir a boca, morrerá como uma cadela raivosa. Eu mesmo a matarei. Entendido?

Ela se deixou cair de joelhos, implorando. Não sabia nada, não entendia. Que foi que fizera, senhor? Nada, nada, só recebi dois jovens que me pediram pensão. Por Deus, por sua santa mãezinha, senhor, olhe que aquilo podia disparar, que não houvesse nenhuma desgraça em Amotape.

– O mais moço chamava o mais velho de "Meu Coronel"? – interrompeu-a o Tenente Silva.

– Eu não sei, senhor – respondeu ela, procurando. Tentava adivinhar o que lhe convinha saber, dizer: Meu Coronel? O mais moço ao mais velho? Talvez sim, talvez não.

Eu não me lembro disso. Eu sou pobre e ignorante, senhor.

Não procurei nada disso, foi pura casualidade. O do revólver me disse que se abrisse a boca e contasse o que estou contando, voltaria para me meter um balaço na cabeça, outro na barriga e outro aqui

embaixo. O que é que eu faço, o que vou fazer? Perdi meu marido, um trator o destroçou. Tenho seis filhos e mal posso dar de comer a eles. Tive treze, morreram sete. Se me matam, morrerão os outros seis. É justo isso?

– O que tinha o revólver era um alferes? – insistiu o Tenente. – Tinha um galão na ombreira? Uma única insígnia no quepe?

Lituma pensou que estava havendo um caso de transmissão de pensamento. O chefe fazia as perguntas que iam ocorrendo a ele. Respirava com dificuldade e sentia uma espécie de vertigem.

– Não entendo essas coisas – grunhiu a mulher. Não me confunda, ora, não me faça perguntas que não compreendo. O que é alferes, o que é isso?

Lituma a ouvia mas os estava vendo de novo, nítidos, apesar das sombras azuis que tinham envolvido Amotape. A senhora Lupe, de joelhos, choramingava ante o jovem frenético e gesticulador, aí, na fronteira entre a choça e a rua; o velho olhava com amargura, dor, desespero, para a moça, que protegia com o corpo o magrinho e não o deixava avançar nem falar aos recém-chegados. Estava vendo que, como agora, a chegada dos forasteiros apagara das ruas e sepultara em suas casas as crianças e os velhos e até os cachorros e cabras de Amotape, temerosos de se verem envolvidos em um problema.

– Cale a boca, você, não fale, quem é você, com que direito, o que está fazendo aqui? – dizia a moça, escondendo-o, afastando-o, contendo-o, impedindo-o de avançar, falar. E, ao mesmo tempo, continuava ameaçando a sombra do mais velho: – Me matarei, e contarei tudo a todos.

– Eu a amo com toda a minha alma, sou honrado, dedicarei minha vida a adorá-la e a fazê-la feliz - balbuciava o magrinho. Não

podia, apesar de seus esforços, transpor o escudo que era o corpo da moça e se adiantar. A sombra do velho nem agora se voltou para ele; continuou concentrada na moça como se em Amotape, no mundo, não existisse ninguém mais que ela. Mas o jovem, ao ouvi-lo, deu meia-volta e se precipitou até ele, resmungando palavrões, com o revólver levantado como se quisesse incrustá-lo na cabeça do outro. A moça se interpôs, forcejando, e, então, a sombra do mais velho, seca e terminante, ordenou, uma só vez: "Quieto." O outro obedeceu no ato.

– Disse só "Quieto"? – perguntou o Tenente Silva.

– Ou, "Quieto, Dufó"? Ou, "Quieto, Alferes Dufó"?

Mais que transmissão de pensamento, era milagre. Seu superior fazia as perguntas usando as mesmas palavras em que Lituma pensava.

– Eu não sei -jurou Dona Lupe. – Não ouvi nome nenhum.

Eu só fiquei sabendo que ele se chamava Palomino Molero quando vi as fotografias no El Tiempo de Piura. Eu o reconheci na horinha. Me partiu o coração, senhor. É ele, o rapazinho que roubou aquela moça e trouxe a Amotape. Nem então soube nem agora sei também como era o nome dela ou dos senhores que vieram procurá-los. E também não quero saber. Não me diga, por favor, se o senhor sabe. Por acaso não estou cooperando com o senhor? Então não me diga os nomes deles!

– Não se assuste, não grite, não diga essas coisas disse a sombra do mais velho. – Filhinha, filhinha querida. Não posso acreditar que você me ameace. Você se matar, você?

– Se fizer alguma coisa a ele, se tocar um dedo nele desafiou-o a moça. No céu, atrás de um véu azulado, as sombras se adensavam e

havam brotado as estrelas. Alguns candeeiros começavam a titilar entre as canas-bravas, os tijolos e as grades de Amotape.

– Não farei isso, não, eu vou lhe dar a mão e, de todo o coração, vou dizer a ele: "Eu o perdô" – murmurou a sombra do mais velho. Com efeito, estendeu o braço, embora ainda sem olhá-lo. Dona Lupe se sentiu ressuscitar. Viu que se davam as mãos. O moço mal podia falar.

– Eu lhe juro que, eu farei tudo – se afogava de emoção: – ela é a luz da minha vida, o mais puro, ela...

– E vocês dois, também, apertem a mão – ordenou a sombra do mais velho. – Sem rancores. Nada de comandantes e comandados. Nada disso. Só dois homens, três homens, acertando seus assuntos, de igual para igual, como devem fazer os homens. Está contente agora? Está tranqüila, afinal? Pronto, já passou o pior. Agora vamos embora.

Apressou-se a tirar a carteira do bolso de trás da calça. Dona Lupe sentiu que punham umas notas suadas em sua mão e ouviu uma voz cavalheiresca agradecendo pelos incômodos que tivera e lhe recomendando esquecer-se de tudo. Em seguida, viu que a sombra do mais velho se afastava e avançava para o jipe, ainda com as portas abertas. Mas o do revólver, antes de partir, voltou a encostá-lo no peito dela:

– Se a senhora abrir a boca, já sabe. Lembre-se.

– E o magrinho e a moça entraram assim, tão mansinhos, no jipe? E foram embora com eles? – O Tenente não acreditava naquilo, a julgar pela cara que mostrava. Lituma também não.

– Ela não queria, ela desconfiava e tentou impedi-lo – disse Dona Lupe. – Fiquemos aqui. Não acredite nele, não acredito.

– Vamos, venham logo, filhinha – exortava-os, do interior do jipe, a voz do mais velho. – Você é um desertor, não esqueça.

Precisa voltar. É preciso resolver isso o quanto antes, limpar essa mancha de sua folha de serviços. Pensando em seu futuro, filhinha. Vamos, vamos.

– Sim, amor, ele tem razão, ele nos perdoou, vamos, precisamos ouvi-lo, vamos – insistia o moço. – Eu confio nele. E como não iria confiar, sendo ele quem é?

"Sendo ele quem é." Lituma sentiu que uma lágrima rolava por sua face até a comissura dos lábios. Era salgada, uma gotinha de água do mar. Continuava ouvindo, como um rumor marinho, Dona Lupe, interrompida de quando em quando pelas perguntas do Tenente. Vagamente compreendia que a senhora não contava mais nada que não tivesse contado antes sobre o que eles tinham vindo averiguar. Lamentava sua má sorte, o que iria acontecer a ela, perguntava ao céu que pecado cometera para se ver enredada em uma história tão horrível. Às vezes, deixava escapar um soluço. Mas nada do que ela dizia já interessava a Lituma. Em uma espécie de sonambulismo, uma e outra vez via o casal feliz, desfrutando de uma lua-de-mel pré-matrimonial nas humildes ruazinhas de Amotape: ele, um caboclinho do bairro de Castilla; ela, uma branquinha de boa família. Para o amor não havia barreiras, dizia a valsa. Neste caso tinha acertado; o amor rompera com os preconceitos sociais e raciais, o abismo econômico.

O amor que deviam ter sentido um pelo outro fora, certamente, intenso e irrefreável, para fazer o que fizeram. "Nunca senti um amor assim", pensou. "Nem mesmo quando me apaixonei pela Meche, a amante do Josefino." Não, ele se apaixonara algumas vezes,

caprichos que se desvaneciam logo que a mulher cedia ou resistia tanto que ele se cansava. Mas um amor jamais lhe parecera tão imperioso a ponto de arriscar por ele a vida, como o fizera o magrinho, ou para desafiar por ele o mundo inteiro, como o fizera a moça. "Talvez não me tenha tocado nascer para sentir o que é o verdadeiro amor", pensou. "Talvez, por ter passado a vida atrás das putas, com os inconquistáveis, meu coração emputeceu e fiquei incapaz de amar uma mulher como o magrinho amou."

– Que vou fazer agora, senhor? – ouviu Dona Lupe implorar. – Me aconselhe.

O Tenente, de pé, perguntava quanto eram as doses de chicha e o seco de chabelo. Quando a mulher disse nada, nada,-ele insistiu. De maneira nenhuma, senhora, ele não era um desses policiais sacanas e parasitas, ele pagava o que consumia, estivesse de serviço ou não.

– Mas, me diga, pelo menos, o que devo fazer agora – rogou, angustiada, Dona Lupe, com as mãos juntas, parecia rezar. – Vão me matar como mataram o pobre moço. Não compreende? Não sei onde ir, não tenho onde. Por acaso não cooperei, como me pediu? Me diga o que faço agora.

– Fique calada, Dona Lupe – disse o Tenente, afavelmente, pondo o dinheiro da conta junto ao jarrinho de chicha em que bebera. – Ninguém a matará. Ninguém virá perturbá-la. Continue com sua vida de sempre e esqueça do que viu, do que ouviu e também do que nos contou. Até loguinho.

Levou a ponta dos dedos à aba do quepe, em um gesto de despedida que era freqüente nele. Lituma se levantou, apressado, e, esquecendo de se despedir da dona da cantina, seguiu-o. Sair à

intempérie, receber o sol vertical diretamente, sem o filtro de esteiras e estacas, foi como entrar no inferno. Em poucos segundos, sentia a camisa empapada e a cabeça zumbindo. O Tenente Silva caminhava com aparente desembaraço; ele, porém, via suas botinas afundarem na areia, andava com esforço. Percorriam uma sinuosa rua, a principal de Amotape, rumo ao descampado e à estrada. Ao passar, com o rabo dos olhos, Lituma sentia os cachos humanos atrás das estacas das casinhas, os olhos curiosos e inquietos dos moradores. Vendo-os chegar, tinham se escondido, temerosos da polícia, e, estava certo, mal tivessem eles saído de Amotape, se precipitariam em tumulto à choça de Dona Lupe para perguntar o que acontecera, o que disseram aqueles homens, o que fizeram. Caminhavam mudos, concentrados em seus pensamentos, o Tenente dois ou três passos adiante. Quando passavam pelas últimas moradias do casario, um cão sarnento apareceu para lhes mostrar os dentes. No areial, rápidas lagartixas apareciam e desapareciam entre os pedregulhos. Lituma pensou que, por estes descampados, também deveria haver raposas. O magrinho e a moça, nos dois dias que estiveram refugiados em Amotape, certamente ouviam uivar de noite as raposas, quando se aproximavam esfaimadas, para vadiar pelos arredores de currais e galinheiros. A moça se assustaria ao ouvir os uivos das raposas? Ela se abraçaria a ele, tremendo, buscando proteção, e ele a tranquilizaria dizendo coisinhas carinhosas ao ouvido? Ou, no seu grande amor, passariam as noites tão encantados, tão distraídos, que nem sequer ouviam os ruídos do mundo? Teria feito amor pela primeira vez aqui em Amotape? Ou antes, talvez no areal que rodeava a Base Aérea de Piura?

Quando chegaram à beira da estrada, Lituma estava molhado da cabeça aos pés, como se, com toda a farda, se houvesse metido em um açude. Viu que também a calça verde e a camisa caqui do Tenente Silva tinham grandes manchas de suor e a testa estava constelada de gotinhas. Não viam nenhum veículo. O chefe, com um gesto de resignação, levantou os ombros. "Paciência", murmurou. Tirou um maço de Inca, ofereceu um cigarro a Lituma e acendeu outro. Durante algum tempo fumaram em silêncio, abrasando-se de calor, pensando, observando as miragens de lagos e fontes e mares diante deles, no interminável areal. O primeiro caminhão que passou na direção de Talara não parou, apesar dos gestos frenéticos que fizeram, ambos, com os quepes.

– No meu primeiro posto, em Abancay, recém-saído da Escola de Oficiais, tinha um comandante que não suportava essas coisas. Um capitão que, num caso assim, sabe o que fazia, Lituma? Puxava o revólver e furava os pneus. – O Tenente olhou com amargura o caminhão que se afastava. – Nós o chamávamos de Capitão Rompechota, porque era muito mulherengo. Você não tem vontade de fazer a mesma coisa com aquele desgraçado?

– Sim, meu Tenente – murmurou o inconquistável, distraído.

O oficial o examinou com curiosidade.

– Está muito impressionado com o que ouviu, não é verdade?

O guarda concordou.

– Ainda não consigo acreditar em tudo o que a senhora nos disse. Nem no que aconteceu neste fim de mundo.

O Tenente fez a ponta do seu cigarro voar até o outro lado da pista, e, com o lenço, já empapado, secou a testa e o pescoço.

– Sim, ela nos disse coisas incríveis – reconheceu.

– Nunca pensei que a história fosse esta, meu Tenente – disse Lituma. – Tinha imaginado muitas coisas. Menos esta.

– Quer dizer que você sabe tudo o que aconteceu com o magrinho, Lituma?

– Bem, mais ou menos, meu Tenente – balbuciou o guarda. E, com certo temor, acrescentou: – O senhor não?

– Eu, ainda não – disse o oficial. – Esta é outra coisa que precisa aprender. Nada é fácil, Lituma. As verdades que parecem mais verdadeiras, se a gente dá muitas voltas nelas, se a gente as olha de pertinho, vê que são verdades só pela metade, ou deixam de ser verdades.

– Bem, sim, certamente – murmurou Lituma. Mas, neste caso, tudo não ficou claro?

– Só para começar, embora pense que é mentira, eu nem sequer estou totalmente certo de que foram o Coronel Mindreau e o Tenente Dufó que o mataram – disse o Tenente, sem o menor sinal de que troçava, mas como quem reflete em voz alta. – A única coisa que me consta é que aquela dupla esteve aqui e levou os pombinhos.

– Vou lhe dizer uma coisa – sussurrou o guarda, pestanejando. – Não foi isso o que mais me impressionou. Sabe o quê? Agora sei por que o magrinho se alistou como voluntário na Base de Talara. Para estar perto da moça que amava. Não acha extraordinário que alguém faça uma coisa assim?

E que um moço, dispensado do serviço militar, venha para cá e se aliste por amor, para estar junto à mulherzinha que ama?

– Mas por que se admira tanto com isso? – riu o Tenente Silva.

– Não é comum – insistiu o guarda. – É uma coisa que a gente não vê todos os dias.

O Tenente Silva começou a fazer sinal de alto com as mãos a um veículo que se aproximava, mas ainda estava longe.

— Então, não sabe o que é amor — ouviu-o zombar. — Eu viraria aviador, soldado raso, padre, lixeiro e comeria até cocô, se fosse preciso, para estar perto da minha gordinha, Lituma.

## VI

— Pronto, eu não lhe disse, está chegando — exclamou o Tenente Silva, o binóculo bem pegado aos olhos. Encompridava uma cabeça de girafa. — Pontual como uma inglesa.

Bem-vinda, mãezinha. Ande, vá se despir de uma vez, quero ver isso logo. Se agache, Lituma, se ela nos pesca, vai embora.

Lituma se meteu atrás da rocha onde estavam instalados há pelo menos meia hora. Era Dona Adriana aquela nuvenzinha de pó, lá longe, procedente do setor da costa que chamavam Punta Arena, ou o tesão é que fazia o Tenente Silva ter visões? Estavam no penhasco dos caranguejos, atalaia natural de uma prainha pedregosa, de águas quietas, protegidas dos ventos do entardecer por um rochedo batido pelo mar e vários armazéns da International Petroleum Company.

A suas costas, aberta em leque, tinham a baía, com seus dois molhes, a refinaria eriçada de tubos, escadas e torreões metálicos e toda a desordem do povoado. Como é que o Tenente descobrira que Dona Adriana vinha se banhar aqui, de tarde, quando o sol se avermelhava e o calor atenuava um pouco?

Porque, claro, a nuvenzinha de pó era ela; o guarda reconhecia agora as formas compactas e o andar cadenciado da dona da pensão.

— Esta é a maior demonstração de apreço que jamais dei a alguém, Lituma — murmurou o Tenente, sem afastar o binóculo da cara. — Você vai ver o bumbum da minha gorda, nada menos que o bumbum dela. E as tetas. E, com um pouco de sorte, também a

chotinha e os pentelinhos dela. Se prepare, Lituma, porque você vai ficar durinho de emoção. Será seu presente de aniversário, sua promoção. Você é um sortudo, ter um chefe como eu, cara.

O Tenente Silva falava como um papagaio desde que estavam ali, mas Lituma mal o ouvia. Dava agora mais atenção aos caranguejos que às gracinhas do chefe ou à chegada de Dona Adriana. O penhasco merecia seu nome: havia ali centenas, talvez milhares de caranguejos. Cada um desses buraquinhos na terra era um esconderijo. Lituma, fascinado, via-os aparecer como umas movediças manchinhas terrosas, e, uma vez fora, estirar-se e alargar-se até recuperar essa incompreensível forma que têm, para começar a correr, obliquamente, de uma maneira tão confusa que era impossível saber se avançavam ou retrocediam.

"Assim como nós, no caso do Palomino Molero", pensou.

— Se agache, se agache, ela não pode ver você — ordenou o chefe, a meia-voz. — Que maravilha, já começou a se pelar.

Imaginou que o cerro inteiro podia estar perfurado em galerias escavadas pelos caranguejos. E se, de repente, cedesse? O Tenente Silva e ele afundariam em umas profundidades escuras, arenosas, asfixiantes, povoadas de enxames dessas crostas viventes armadas com pinças. Antes de perecer, teriam uma agonia de pesadelo. Examinou o chão.

Duríssimo, ainda bem.

— Então me empreste seu binóculo— resmungou. — Me convida para ver e fica aí vendo tudo sozinho, meu Tenente.

— Por alguma coisa sou seu chefe, bobalhão — sorriu o Tenente. Mas lhe passou o binóculo. — Olhe rapidinho. Não quero que você se vicie.

O guarda graduou o binóculo para sua vista e olhou. Viu Dona Adriana lá embaixo, juntinho ao rochedo, tirando o vestido com toda calma. Sabia que estava sendo espiada?

Demorava-se assim para provocar o Tenente? Não, seus movimentos tinham a lentidão e o à vontade de quem se crê a salvo de olhares. Dobrara o vestido e se esticava para colocá-lo sobre uma pedra aonde não chegavam os respingos do mar.

Tal como o chefe dissera, vestia uma anágua rosada, curta, e Lituma pôde ver as coxas dela, grossas como troncos de loureiro, e os peitos que sobressaíam até quase a área do mamilo.

— Quem podia dizer que, na sua idade, Dona Adriana tenha tantas coisinhas lindas — se espantou.

— Não olhe tanto, você pode gastá-la assim — repreendeu-o o Tenente, arrebatando-lhe o binóculo. — Na verdade, o bom vem agora, na água. Quando a anágua gruda no corpo dela, fica transparente. Este não é um show para guardas, Lituma. É de tenentes para cima, e só.

O guarda riu, por amabilidade, não porque achasse engraçadas as piadas do Tenente. Sentia desconforto e impaciência. Era por culpa do Palomino Molero? Talvez. Desde que o tinha visto empalado, crucificado e queimado, no pedregal, ficou com a sensação de que não conseguiria tirá-lo da cabeça um só instante. Antes achava que, uma vez descobertos quem e por que o haviam matado, se livraria dele. Mas agora, embora mais ou menos o mistério houvesse sido esclarecido, a imagem do rapaz continuava com ele dia e noite. "Você está estragando minha vida, magrinho de merda", pensou. Decidiu que neste fim de semana pediria licença ao chefe para ir a Piura. Era dia de pagamento.

Procuraria os inconquistáveis e os convidaria a uma bebedeira daquelas no barzinho da Chunga. Rematariam a noite na Casa Verde, com as putas. Isso lhe faria um bem filho da puta.

— Minha gordinha pertence a uma raça superior de mulheres — sussurrou o Tenente Silva. — As que não usam calcinhas. Olhe, Lituma, olhe só as vantagens de uma mulher que anda pela vida afora sem calcinhas.

Passou-lhe novamente o binóculo e, por mais que tenha esforçado a vista, Lituma não conseguiu ver grande coisa. Dona Adriana se banhava na beirinha, chapinhando, jogando água com as mãos no próprio corpo, e entre o que ela salpicava e a espuma das ondinhas, o que se podia divisar da mulher, embora a anágua se destacasse, era muito pouco.

— Acho que não tenho olhos tão bons como os seus, ou, melhor dizendo, sua grande imaginação, meu Tenente — se queixou, devolvendo o binóculo. — Mas é verdade, não vejo mais que a espuminha.

— Então, foda-se — sussurrou o Tenente, levando mais uma vez o binóculo à cara. — Eu, em compensação, estou vendo como manda o figurino. De cima para baixo, de frente para trás. E se quiser saber, posso dizer que os pentelhos dela são crespinhos como os de uma negra. E até quantos tem, se quiser. Estou vendo tão bem que poderia contá-los um a um.

— E que mais? — disse, atrás deles, a voz da moça. Lituma caiu sentado. Ao mesmo tempo, virou a cabeça tão bruscamente que torceu o pescoço. E mesmo quando viu que não era assim, continuava achando que não tinha falado uma mulher, mas um caranguejo.

— Vão dizer outras porcarias? — perguntou a moça. Tinha os punhos nos quadris, como um matador que, na arena, comete uma ousadia diante do touro. — Palavrões que ainda não disseram? Haverá, no dicionário, outros palavrões? Ouvi todos. E também vi as safadezas que estão fazendo. Me dão nojo.

O Tenente Silva se abaixou para pegar o binóculo, que caíra de suas mãos ao ouvir a voz da moça. Lituma, ainda sentado no chão, com a vaga idéia de haver esmagado, ao cair, a casca vazia de um caranguejo, viu que o chefe ainda não se recuperara da surpresa. Sacudia a areia da calça, ganhando tempo. Viu-o, depois, fazer uma reverência, ouviu-o dizer:

— É perigoso surpreender assim uma autoridade em seu trabalho, senhorita. E se, de ricochete, pega um tiro?

— Em seu trabalho? — desafiou-o ela, com uma gargalhada sarcástica. — Espiar mulheres que tomam banho é seu trabalho?

Só então Lituma se deu conta de que era a filha do Coronel Mindreau. Sim, Alicinha Mindreau. O coração golpeou seu peito.

Lá de baixo vinha a voz enfurecida de Dona Adriana. Ela os descobrira, então, com todo aquele alvoroço. Como em sonhos, viu-a sair engatinhando do mar e correr inclinada, tapando-se, em busca de seu vestido, enquanto agitava o punho na direção deles, ameaçando-os.

— Vocês são uns abusados, e porcos — repetiu a moça. — Olhe só, policiais. São piores do que a gente pensa.

— Este penhasco é um observatório natural, daqui se pode descobrir as lanchas que trazem contrabando do Equador — disse o Tenente, com uma convicção tal que Lituma se voltou para olhá-lo, boquiaberto. — Se é que não sabia, senhorita. E depois, os insultos de

uma dama são flores para um cavalheiro. Fique à vontade, pois, se esta é sua vontade.

Pelo rabo dos olhos Lituma percebeu que Dona Adriana, vestida de qualquer maneira, se afastava da praia em direção a Punta Arena. Rebolava, com passos enérgicos, e, de costas, ainda assim dirigia a eles gestos enfurecidos. Com certeza ofendia a mãe deles também. A mocinha ficara calada, olhando-os, como se subitamente sua raiva e seu desgosto se houvessem eclipsado. Estava empoeirada da cabeça aos pés. Impossível saber de que cor eram a blusinha e o jeans que vestia, pois as duas peças, - assim como os mocassins e a fita que prendia seus cabelos curtos, tinham o mesmo tom ocre grisáceo dos areais circundantes. Lituma achou-a mais magrinha que no dia em que a viu irromper no gabinete do Coronel Mindreau. Quase sem busto e estreita de quadris, era o que seu chefe chamava, depreciativamente, uma mulher-tábua. Esse narizinho pretensioso, que parecia atribuir notas ao cheiro das pessoas, mostrava-se mais soberbo que daquela vez. Ela os cheirava como se eles não tivessem passado no exame. Teria dezesseis? Dezoito anos?

— Que faz uma moça como a senhorita entre tanto caranguejo — disse amavelmente o Tenente Silva, dando o incidente por encerrado.

Guardou o binóculo em sua bolsa e ficou limpando os óculos escuros com o lenço.

— Isto aqui está um pouco longe da Base Aérea para vir passear. E se um desses bichos a morde? Que foi que houve? Furou um pneu?

Lituma descobriu a bicicleta de Alícia Mindreau, também coberta de poeira, vinte metros mais abaixo, ao pé do penhasco.

O guarda observava a moça e tentava ver, ao seu lado, Palomino Molero. Estavam de mãos dadas, se diziam ternas palavrinhas, olhavam-se embebedos nos olhos. Ela, piscando como uma borboleta, sussurrava ao seu ouvido: "Cante, ande cante para mim uma coisa bonita." Não, não podia, era impossível imaginá-los assim.

— Meu pai sabe que estiveram tirando informações do Ricardo — disse bruscamente, com um tom incisivo. Com a carinha levantada, seus olhos mediam o efeito de suas palavras neles. — Vocês se aproveitaram dele porque estava bêbado, uma noite dessas.

O Tenente não se alterou. Colocou os óculos escuros cuidadosamente e começou a descer o morro, em direção a um estreito caminho, se deixando deslizar como em um tobogã. Lá embaixo, sacudiu a roupa com tapas.

— O Tenente Dufó se chama Ricardo? — perguntou. — Devem chamá-lo, então, de Richard, não é?

— Sabe, também, que foram a Amotape, para fazer investigações na casa da senhora Lupe — acrescentou a moça, com uma espécie de zombaria.

Era baixinha, miúda, de formas ainda não definidas. Não se podia dizer que fosse um tipo de beleza. Palomino Molero se apaixonara por ela só porque ela era quem era?

— Sabe tudo o que têm feito.

Por que falava assim? Por que dizia as coisas dessa maneira tão estranha? Porque Alícia Mindreau não parecia ameaçá-los, em vez disso ela zombava deles ou se divertia intimamente, como quem comete uma travessura. Lituma também descia o morro, aos pulinhos, atrás da moça. Entre suas botinas corriam os caranguejos, em arrevesados ziguezagues. Em toda a volta não havia ninguém. Os

homens dos armazéns deviam ter saído também há pouco, pois as portas estavam fechadas e de dentro nenhum ruído saía. Lá embaixo, na baía, um rebocador sulcava o mar, entre os molhes, expulsando um ondeado de fumaça cinzenta, e fazia soar sua sereia de trecho em trecho. Formigavam grupos humanos na praia.

Tinham chegado ao caminho que, do penhasco, conduzia até a cerca divisória entre as instalações da International e o povoado de Talara. O Tenente pegou a bicicleta e a foi arrastando com uma só mão. Caminhavam devagar, os três em uma única fila. Sob seus pés estalavam os cascalhos ou algum caranguejo esmagado.

— Eu segui vocês desde o Posto e vocês nem perceberam — disse, da mesma maneira imprevisível, entre furiosa e brincalhona.

— Na cerca, não queriam me deixar passar, mas eu os ameacei com papai e eles deixaram. Mas vocês nem me notaram. Por isso que fiquei ouvindo todas essas porcarias e os dois no mundo da lua. Se eu não tivesse falado, ainda poderia estar escutando.

O Tenente concordou, rindo baixinho. Mexia a cabeça de um lado para o outro, aplaudindo-a.

— Quando os homens estão entre homens, dizem palavrões — se desculpou. — A gente veio aqui fazer uma inspeção para ver se descobria algum contrabandista. Não temos culpa de que algumas talarenhas decidam vir se banhar aqui a esta mesma hora. São coincidências da vida. Não é, Lituma?

— Sim, meu Tenente — concordou o guarda.

— Em todo caso, estamos às suas ordens para o que necessitar, senhorita Mindreau — acrescentou o oficial, açucarando a voz.

— A senhorita manda. Ou prefere que falemos no Posto? Na sombrinha, tomando um refrigerante, a gente conversa melhor. Mas,

eu lhe previno que o nosso Posto não é tão confortável como a Base Aérea de seu papai.

A moça não disse nada. Lituma pensou estar sentindo a passagem do sangue pelas veias, lento, espesso, vermelho escuro, e ouvia latejar o pulso e as fontes. Passaram a cerca e o guarda civil de turno — Lúcio Tinoco, de Huancabamba — fez continência ao Tenente. Havia ali também três sentinelas, do serviço de segurança da International.

Ficaram observando a moça, surpreendidos por vê-la com eles. Já teria corrido pelo povoado a notícia de Amotape?. Não por culpa de Lituma, em todo caso. Ele cumprira rigorosamente a ordem do chefe de não dizer uma só palavra a quem quer que fosse sobre o que Dona Lupe lhes contara. Passaram diante do Hospital da Companhia, com suas tábuas reluzindo de tinta verde. Na Capitania do Porto, dois marinheiros davam guarda, fuzis ao ombro. Um deles piscou o olho para Lituma, como se quisesse lhe dizer: "Olhe lá, para onde vão?" Um bando de gaivotas passou muito perto, adejando e fazendo algazarra. Era o começo do entardecer. Por entre as escadas e as varandas do Hotel Royal, o único do povoado, Lituma viu que o sol começava a se afogar no mar. Um morninho agradável, hospitaleiro, substituía o braseiro do dia.

— Sabe o Coronel Mindreau que veio nos visitar? — insinuou delicadamente o Tenente Silva.

— Não se faça de idiota — a moça levantou a voz. — Claro que não sabe.

"Agorinha mesmo saberia", pensou Lituma. Todos mostravam estranheza ao vê-los passar. E os acompanhavam com o olhar, murmurando.

— Veio só para nos dizer que o Coronel ficou sabendo que estivemos conversando com o Tenente Dufó e com a senhora Lupe, de Amotape? — insistiu o Tenente Silva. Falava olhando para a frente, sem se virar para Alicia Mindreau, e Lituma, que se atrasara um pouco, via que também ela mantinha a cabeça para a frente, evitando dar o rosto ao oficial.

— Sim — ouviu-a responder. Pensou: "Mentira." Que é que viera dizer a eles? Mandou-a o Coronel? De qualquer modo, parecia que a tarefa lhe custava trabalho; ou, talvez, que desanimara. Franzira o rosto, a boca estava entreaberta e as aletas do narizinho arrogante palpitavam ansiosamente. A pele era muito branca e as pestanas compridíssimas. Era esse jeito delicado, frágil, de menina mimada, o que enlouquecera o magrinho?, Fosse o que fosse, aquilo que viera lhes dizer, se arrependera e não o diria mais.

— Foi muito amável de sua parte vir conversar com a gente — murmurou o Tenente, todo doce. — Eu lhe agradeço, de verdade mesmo.

Caminharam uns cinqüenta metros ainda, em silêncio, ouvindo o grasnar das gaivotas e a ressaca do mar. Em uma das casas de madeira, mulheres abriam peixes e com perícia deles extraíam as vísceras. À volta delas, caninos amostra, pulavam os cães, esperando esses restos. Cheiravam forte e mal.

— Como era Palomino Molero, senhorita? — se ouviu dizer, de repente. Suas costas ficaram arrepiadas de surpresa. Falara sem premeditar, de supetão. Nem o Tenente nem a moça se voltaram para olhá-lo. Agora, Lituma caminhava meio metro atrás deles, tropeçando.

— Um santo — ouviu-a dizer. E, logo após uma pausa: — Um anjinho caído do céu.

Não o dizia com voz trêmula, manchada de amargura e nostalgia. Nem também com carinho. Mas com esse mesmo tom insólito, um pouco inocente, um pouco brincalhão, no qual, por instantes, brotava uma chispa de cólera.

— É isso mesmo o que dizem todos os que o conheceram — murmurou Lituma quando o silêncio começou a se fazer muito longo. — Dizem que era maravilhoso.

— Deve ter sofrido muito com a desgraça desse moço, senhorita Alícia — disse o oficial, quase em seguida. — Não?

Alícia Mindreau não respondeu nada. Passavam por um grupo de casas em construção, algumas sem teto, outras com as paredes pela metade. Todas tinham alpendres, todas estavam construídas sobre pilotis, entre os quais se metiam línguas do mar. Começava, agora, a maré alta. Havia velhos de camiseta sentados nas escadas, crianças despidas apanhando conchas e mulheres em grupos. Ouviam-se risos, e o cheiro de peixe continuava fortíssimo.

— Meus amigos disseram que eu o ouvi cantar uma vez, em Piura, faz tempo — se ouviu dizer Lituma. — Mas, por mais que tente, não me lembro. Dizem que cantava boleros maravilhosamente.

— E também a nossa música — corrigiu-o a moça, mexendo energicamente a cabeça. — Também tocava guitarra maravilhosamente.

— É mesmo, guitarra — se ouviu dizer Lituma. — A guitarra é, aliás, a obsessão da mãe dele, Dona Assunta, uma senhora de Castilla. Só pensa em recuperar a guitarra do filho. Quem a teria roubado?

— Está comigo — disse Alícia Mindreau. De súbito, porém, sua voz se cortou, como se não tivesse querido dizer o que dissera.

Ficaram calados de novo durante um bom tempo. Andavam em direção ao centro de Talara, e à medida que se internavam no emaranhado de vivendas, havia mais gente na rua. Detrás das cercas, no alto do penhasco do farol e em Punta Arena, onde estavam as casas dos gringos e dos altos funcionários da International, os postes de luz já estavam acesos, apesar de ser dia ainda. Também lá, acima dos alcantilados, no Tablazo, na Base Aérea. Em uma das extremidades da baía, a torre de um poço de petróleo tinha um penacho de fogo, vermelho e dourado. Parecia um caranguejo gigante, molhando as patas.

— A pobre mulher dizia: "Quando encontrarem a guitarra, encontrarão os que o mataram" — se ouviu dizer Lituma, sempre a meia-voz. — Não que Dona Assunta saiba de alguma coisa. Pura intuição de mãe e mulher.

Sentiu que o Tenente se virava para olhá-lo e se calou.

— Como é ela?—disse a moça. Agora, sim, se virou e, por um segundo, o guarda viu o rosto dela: distante, pálida, irascível, curiosa.

— Fala de Dona Assunta, a mãe de Palomino Molero? — perguntou.

— É uma cabocla? — especificou a moça, com um gesto impaciente.

Lituma achou que o chefe dava uma risadinha.

— Bem, é uma mulher do povo. Igual a toda essa gente que estamos vendo por aí, igual a mim — se ouviu dizer e se surpreendeu

da irritação com que falava. — Claro que não é da mesma classe que a senhorita ou o Coronel Mindreau. É isso o que queria saber?

— Ele não parecia caboclo — disse Alícia Mindreau, suavizando o tom e como se falasse sozinha. — Tinha o cabelo lisinho e até um pouco loiro. E era o moço mais educado que já conheci. Nem Ricardo, nem mesmo papai, são tão educados como era ele. Ninguém teria acreditado que estudou em uma escola pública, nem que era do bairro de Castilla. A única coisa que tinha de caboclo era esse nome, Palomino. E seu segundo nome era ainda pior: Temístocles.

Lituma achou que o chefe voltava a rir. Mas ele não tinha vontade de rir com as coisas que a moça dizia. Estava desconcertado e intrigado. Sentia pena, ódio, pela morte do magrinho?

Não havia maneira de adivinhá-lo. A filha do Coronel falava como se Palomino Molero não houvesse morrido do modo atroz que eles conheciam, como se ainda estivesse vivo. Seria meio maluquinha?

— Onde conheceu Palomino Molero? — perguntou o Tenente Silva.

Haviam chegado aos fundos da Igreja. Essa parede branca, que servia de tela ao cinema ao ar livre do senhor Teotônio Calle Frias. Era um cinema sem teto nem cadeiras, ao natural. Os espectadores que queriam ver o filme sentados deviam levar seus próprios assentos. Mas a maioria dos talarenhos se acorava ou atirava no chão. Para passar pela corda que limitava o espaço imaginário do cinema, deviam pagar cinco reais. O Tenente e Lituma tinham entrada franca. Os que não queriam pagar o meio sol, podiam ver o filme grátis, mas do outro lado da corda. Via-se dali muito mal, e dava torcicolo. Já havia muita gente instalada, esperando que

escurecesse. Dom Teotônio Calle Frias estava armando seu projetor. Só tinha um; funcionava graças a uma tomada, que ele mesmo inventou, e que desviava eletricidade do poste da esquina.

Depois de cada rolo, era preciso uma interrupção, até que ele carregasse o seguinte. Os filmes, por isso, eram vistos com muitas interrupções e acabavam demasiadamente longos. Mesmo assim, sempre estava cheio, sobretudo nos meses de verão. "Desde o que aconteceu com o Palomino Molero, quase não tenho vindo ao cinema", pensou Lituma. O que passavam esta noite? Um mexicano, que novidade: Rio Escondido, com Dolores del Rio e Columba Dominguez.

– No aniversário de Laia Mercado, lá em Piura – disse, de repente, a moça. Demorava tanto a responder que Lituma esquecia a que pergunta respondia. – Foi contratado para cantar na festa. Todas as garotas diziam como canta bem, que linda voz. E, também, que bonitão ele é, como é bonito, e não parece caboclo. Verdade, não parecia.

"Estes brancos", se indignou Lituma.

– Ele lhe dedicou alguma canção? – perguntou o Tenente. Seus modos eram incrivelmente respeitosos. A cada momento descobria uma nova tática em seu chefe. Esta última era a das boas maneiras.

– Três – concordou a moça. – La última noche que pasé contigo, Rayito de luna e Muñequita lida.

"Não é uma garota normal, é maluquinha", decidiu o guarda. A bicicleta de Alícia Mindreau, que o Tenente arrastava com a mão esquerda, se pusera a guinchar, com um guincho agudo, que aparecia

e desaparecia a intervalos idênticos. Lituma sentiu que o repetido ruído crispava seus nervos.

– E dançamos – acrescentou a moça. – Uma vez só. Dançou com todas, uma vez, também. Só com Laia Mercado, duas vezes. Mas porque era a dona da casa e do aniversário, não porque gostasse mais dela. Ninguém achou errado que dançasse com a gente, todas queriam dançar com ele. Ele se comportava como gente decente. E dançava muito bem.

"Gente decente", pensou Lituma, se afastando para não pisar em uma estrela-do-mar ressequida, coberta de formigas. Alicinha Mintreau consideraria o Tenente Silva gente decente? A ele não, naturalmente. "Caboclo pelos quatro costados", pensou. "Do bairro de La Mangachería, e com muita honra." Estava com os olhos um pouco fechados e não via a tarde talarenha ceder passagem à noite apressadamente, mas o bulício e a elegância do salão e do jardim, repletos de casais jovens, bem vestidos, naquele bairro de brancos vizinho do areal onde ficava o bar da Chunga – Buenos Aires -, nessa casa da tal Laia Mercado. O casalzinho que dançava naquele canto, se olhando fixamente, se falando com os olhos, eram Alícia Mindreau e o magrinho. Não, impossível. E, entretanto, ela continuava a contar:

– Quando me tirou para dançar, ele disse que logo que me viu se apaixonou – ouviu-a dizer. Nem sequer agora havia melancolia ou tristeza na voz dela. Falava rápido e sem paixão, como se transmitisse um recado. – Ele me disse que sempre tinha acreditado no amor à primeira vista e agora sabia que existia. Porque se apaixonara por mim na hora em que me viu. Podia eu me rir dele se quisesse, mas era verdade. Não amaria nunca outra mulher no

mundo como amava a mim. E me disse que mesmo que eu não gostasse dele ou o desprezasse e o tratasse como um cachorro, ele continuaria me amando até a morte.

"E foi o que aconteceu, não foi?", pensou Lituma.

Estava chorando, a moça? Nada disse. O guarda não podia ver o rosto dela – continuava andando um passo atrás do Tenente e dela -, mas sua voz não era chorosa, era seca, firme, de uma severidade absoluta. Ao mesmo tempo, parecia que falara de alguém que não era ela, como se tudo isso que contava não lhe dissesse íntimo respeito, como se não houvesse sangue e morte nessa história.

– Disse que iria me fazer algumas serenatas. Disse que cantando para mim todas as noites, faria que eu me apaixonasse por ele – continuou, em seguida a uma curta pausa.

O guincho da bicicleta produzia uma angústia inexplicável, e Lituma esperava-o, e ao ouvi-lo, um calafrio percorria seu corpo. Ouviu o chefe. O Tenente piava como um pintinho.

– Aconteceu assim? Foi assim? Cumpriu sua palavra? Foi fazer serenata na sua casa, na Base Aérea de Piura? E a senhorita, acabou se apaixonando por ele?

– Não sei – respondeu a moça.

"Não sabe? Como pode não saber isso?", pensou o guarda. Procurou em sua memória a vez em que estivera mais apaixonado. Foi com Meche, a amante de Josefino, aquela moreninha de corpo escultural a quem nunca se atreveu a declarar o seu amor? Sim, tinha sido naquela vez. Como é que alguém pode não saber se está apaixonado ou não? Que loucura! Ou seja, era maluquinha. Meio maluquinha, meio tarada. Ou se fazia, de propósito, de idiota, só

para confundi-los? O Coronel a teria instruído a agir assim? Nenhuma destas hipóteses o convencia.

– Mas Palomino Molero foi lhe fazer serenatas na Base Aérea de Piura, não é verdade? – Ouviu o Tenente entoar docemente. – Muitas vezes?

– Todos os dias – disse a moça. – Desde a festa de Laia Mercado. Não faltou nenhum dia, até que transferiram meu pai para aqui.

Alguns moleques com estilingues bombardeavam o gato do Chinês Tang, o bodegueiro. O gato miava, aterrorizado, correndo de um lado a outro do telhado da bodega. O Chinês Tang apareceu, armado com uma vassoura, e os moleques saíram voando, rindo.

– O que seu pai dizia dessas serenatas? – piou o Tenente Silva. – Ele nunca descobriu o cantor?

– Meu pai sabia que ele ia me fazer serenatas, por acaso é surdo? – retrucou a moça. Lituma achou que, pela primeira vez, Alícia Mindreau vacilava. Como se houvesse estado a ponto de dizer alguma coisa mais e se arrependesse.

– Mas o que é que ele dizia? – repetiu seu chefe.

– Que eu, sem dúvida, era para ele a Rainha da Inglaterra – afirmou, a moça com a seriedade mortal com que falava sempre. – Quando eu contei a ele, Palito me disse:

“Seu pai está enganado. Você é para mim muito mais que a Rainha da Inglaterra. É, talvez, a Virgem Maria”.

Lituma pensou ter ouvido, pela terceira vez, o risinho contido, zombeteiro, do Tenente Silva. Palito? Era assim que ela rebatizara o Palomino? Ou seja, esse apelido ridículo, Palito, era nome decente, e

Palomino ou Temístocles, nomes caboclos. "Putá merda, como são complicados esses brancos", pensou.

Haviam chegado ao Posto da Guarda Civil. O guarda de serviço, Ramiro Matelo, um chiclayano<sup>[14]</sup>, já se fora sem deixar qualquer aviso, e a porta estava fechada. Para abri-la, o Tenente apoiou a bicicleta na fachada de tábuas.

– Entre e descanse um pouco – rogou o oficial, fazendo uma quase reverência. – Podemos lhe oferecer um refrigerante ou um cafezinho. Entre, senhorita.

Era já de noite. Lá dentro, enquanto acendiam os lampiões, estiveram um momento em sombras, dando encontrões nas coisas. A moça esperava, quieta, junto à porta. Não, não tinha os olhos brilhantes nem úmidos. Não, não tinha chorado. Lituma via sua sombra esbelta desenhada contra o quadro-negro onde eles cravavam as partes e as missões do dia e pensava no magrinho. Sentia o coração pequeno e um enorme desassossego. "Não posso acreditar nisto que está acontecendo", pensou. Aquela figurinha imóvel dissera a eles tudo aquilo sobre Palomino Molero?

Ele a estava vendo, mas, apesar disso, era como se a garota não estivesse ali nem houvesse dito nada, como se tudo fosse alguma coisa por ele mesmo inventada.

– Não se cansou com a caminhada? – O Tenente estava acendendo o Primus, onde sempre havia uma chaleira cheia de água. – Passe uma cadeira à senhorita, Lituma.

Alícia Mindreau sentou à beira da cadeira que o guarda lhe passara. Dava as costas à porta da rua e ao lampião da entrada; seu rosto permanecia à meia sombra e um nimbo amarelo circundava

sua silhueta. Assim, parecia mais menina do que era. Ainda estaria no Colégio? Em uma casa da vizinhança fritavam alguma coisa. Uma voz embriagada cantarolava, longe, alguma coisa sobre Paita<sup>[15]</sup>.

– O que está esperando para servir um refrigerante à senhorita, Lituma? – se zangou com ele o Tenente.

O guarda se apressou a tirar uma Pasteurina do balde cheio de água onde mantinham as garrafas para conservá-las frescas. Abriu-a e a estendeu na direção da moça, com uma desculpa:

– Não temos copos nem canudinhos. Terá que tomá-la no gargalo da garrafa mesmo.

Ela recebeu a Pasteurina e a levou à boca como um autômato. Era maluquinha? Interiormente, estaria sofrendo e não conseguiria manifestá-lo? Ele a via tão estranha porque, tentando dissimular, se tornava antinatural? Lituma achou que a moça fora hipnotizada. Era como se não percebesse que estava ali com eles nem se lembrasse do que lhes contara. Lituma se sentia abafado, incômodo, vendo-a tão séria, concentrada e imóvel. Assustou-se. E se o Coronel se apresentasse, de repente, no Posto, com uma patrulha, para tirar satisfações por esta conversa com a filha?

– Vamos, tome também este cafezinho – disse o Tenente. Passou-lhe a xícara de latão em que havia jogado uma colherada de café em pó. – Quanto açúcar costuma pôr? Uma, duas?

– O que acontecerá a meu pai? – perguntou bruscamente a moça. Não havia susto na voz dela mas como que um resquício de ira. – Vão metê-lo no xadrez? Vão fuzilá-lo por isso?

Não pegara a xícara de latão e Lituma viu que o chefe a levava à boca e tomava um grande gole. O Tenente sentou, de lado, em uma ponta da escrivaninha. Fora, o bêbado, agora em vez de cantar,

repetia alucinado o mesmo tema: os peixes do mar de Paita. Dizia que o haviam mordido e que tinha o pé feito uma chaga. Procurava uma mulher bondosa que lhe sugasse o veneno.

– Não vai acontecer nada a seu pai – afirmou, negando com a cabeça, o Tenente Silva. – Por que aconteceria alguma coisa a ele? O mais certo é que não lhe façam nada. Nem pense nisso, senhorita Alícia. Mas não quer mesmo um pouquinho de café? Tomei este, mas lhe preparo outro em um segundo.

"Este sabe das coisas", pensou Lituma. "É capaz de fazer até mudo falar." Fora recuando discretamente até se apoiar na parede. Via, de viés, o fino perfil da moça, o solene narizinho classificador, e, de repente, entendeu Palomino: podia não ser uma beleza, mas havia alguma coisa de fascinante, misteriosa, alguma coisa que podia enlouquecer um homem naquela fria carinha. Sentia coisas contraditórias. Queria que o Tenente acertasse em cheio e fizesse Alícia Mindreau dizer tudo o que soubesse; ao mesmo tempo, não entendia por quê, lhe dava pena que essa garotinha fosse revelar seus segredos. Era como se Alicia Mindreau estivesse caindo em uma armadilha. Tinha vontade de salvá-la. Seria, de fato, maluquinha?

– Quem deve passar por um aperto é o ciumentinho insinuou o Tenente como se estivesse morto de pena. Estou falando do Ricardo Dufó. O Richard. Devem chamá-lo de Richard, não é? Claro que os ciúmes são um fator que, qualquer juiz que conheça o coração humano, consideraria atenuante. No que me diz respeito, eu acho que os ciúmes são sempre circunstâncias atenuantes. Se um homem ama muito uma mulherzinha, é ciumento.

E eu sei disso muito bem, senhorita, porque sei o que é o amor, e eu também sou muito ciumento. Os ciúmes perturbam o juízo, não

deixam raciocinar. Igualzinho como a bebida. Se o seu apaixonado pode provar que fez o que fez com o Palomino Molero porque estava obnubilado pelos ciúmes – essa é a palavrinha importante, chave, ob-nu-bi-la-do, não a esqueça -, podem considerá-lo irresponsável no momento do crime. Com um pouco de sorte e uma boa defesa, até que pode. Ou seja, nem também pelo ciumentinho a senhorita deve se preocupar muito.

Levou a xícara de latão à boca e sorveu ruidosamente o café. Na testa permanecera o sulco do quepe e Lituma não podia ver os olhos dele, escondidos atrás das lentes escuras: só o bigodinho, a boca e o queixo. Uma vez lhe perguntara: "Por que não tira os óculos no escuro, meu Tenente?" E ele respondeu, gozador: "Para despistar, ora."

– Eu não me preocupo – murmurou a moça. – Eu o odeio. Gostaria que passasse as piores coisas. Jogo isso na cara dele o tempo todo. Uma vez ele saiu e voltou com seu revólver. E me disse: "Se aperta assim, aqui. Pegue. Se é verdade que me odeia tanto, mereço que me mate. Ande, me mate."

Houve um longo silêncio, entrecortado pelo crepitar da frigideira na casa vizinha e o monólogo confuso do bêbado, que agora se afastava: ninguém o queria, então iria ver uma bruxa de Ayabaca, ela curaria o seu pé ferido, ai, ai, ai.

– Mas eu tenho certeza que a senhorita é uma pessoa de bom coração, que a senhorita nunca mataria alguém afirmou o Tenente Silva.

– Não se faça de burro mais do que já é – Alicia Mindreau o fulminou. O queixo vibrava e as aletas do nariz estavam muito

abertas. – Não se faça de imbecil me tratando como se fosse outra imbecil igual ao senhor. Por favor. Eu já sou bem crescadinha.

– Desculpe – tossiu o Tenente Silva. – Acontece que não sabia o que dizer. O que ouvi me deixou nervoso. Eu lhe digo com toda sinceridade.

– Ou seja, que não sabe se esteve apaixonada pelo Palomino Molero – ouviu-se Lituma murmurar entredentes. – Não chegou a gostar dele, então, nem um pouquinho?

– Cheguei a gostar dele mais que um pouquinho – replicou a moça com presteza, sem se virar para olhar na direção do guarda. Mantinha a cabeça imóvel e sua fúria parecia ter-se evaporado tão depressa como nascera. Olhava o vazio: – Gostei muito do Palito. Se tivéssemos encontrado o Padre, em Amotape, tinha me casado com ele. Mas isso de se apaixonar é nojento e o nosso caso não era. Era uma coisa boa, bonita, isso sim. Também você se faz de idiota?

– Veja só que perguntas você faz, Lituma – ouviu o chefe murmurar. Compreendeu, entretanto, que ele não o estava repreendendo; que, na realidade, não falava com ele.

O comentário era parte de sua tática para continuar puxando pela língua da moça. – Você pensa que se a senhorita não tivesse gostado, teria fugido com ele?

Ou você pensa que ele a levou à força?

Alicia Mindreau não disse nada. À volta dos lampiões revolteavam cada vez mais insetos, zumbindo. Agora se ouvia, muito próxima, a ressaca. Continuava subindo a maré. Os pescadores deviam estar preparando as redes; Dom Matias Querecotillo e seus dois ajudantes andavam, por certo, empurrando o El León de Talara para o mar, estariam remando já para além dos molhes. Desejou

estar lá, com eles, e não ouvindo estas coisas. Mas, apesar disso, se ouviu sussurrar:

– E seu namorado, então, senhorita? – Enquanto falava, parecia estar sobre uma corda bamba.

– Namorado oficial, é o que quer dizer – corrigiu-o o Tenente. Adoçou a voz ao se dirigir a ela: – Porque, já que a senhorita chegou a gostar do Palomino Molero, imagino que o Tenente Dufó seria apenas isso. Um namorado oficial, para guardar as aparências diante do pai. Nada mais que isso, apenas um biombo, não é?

– Sim – concordou a moça, mexendo a cabeça.

– Para que seu pai não soubesse de seus amores com Palomino Molero – prosseguiu escavando o Tenente. Uma vez que, naturalmente, o Coronel não acharia graça nenhuma que a filha andasse de amores com um recruta.

Para Lituma, o zumbido dos insetos que se chocavam contra os lampiões o crispava tal como, antes, o guinchar da bicicleta.

– Ele se apresentou só para estar perto da senhorita?

– se ouviu dizer. Notou que desta vez não havia dissimulação: sua voz estava impregnada da imensa pena que o magrinho lhe inspirava. Q que é que vira nesta mocinha meio louca? Só que era de família de nível, que era branquinha? Ou será que o seu humor instável o enfeitiçou, esses incríveis transes que a faziam passar em segundos da fúria à indiferença?

– O coitado do ciumentinho não devia entender nada – refletiu em voz alta o Tenente. Acendia o cigarro. Quando começou a entender, os ciúmes o comeram. Ele ficou ob-nu-bi-la-do, sim senhor. Fez o que fez e, meio louco de susto, de arrependimento, foi procurá-la. Chorando: "Sou um assassino, Alicinha. Torturei e matei

o recruta com que você fugiu." A senhorita o censurou, fez com que soubesse que nunca o tinha amado, que o odiava. E, então, ele trouxe o revólver e lhe disse: "Vamos, me mate." Mas a senhorita não o fez. Depois dos cornos, as porradas, para Richard Dufó. E ainda por cima, o Coronel o proibiu de voltar a vê-la. Porque, claro, um genro assassino era tão inadmissível como um caboclinho de Castilla e, por cúmulo, aviador. Pobre ciumentinho! Muito bem, já tenho a história toda. Me enganei em alguma coisa, senhorita?

– Ah, ah – riu ela. – Completamente.

– Eu sei, me enganei de propósito – concordou o Tenente, fumando. – Então me corrija.

Ela rira? Sim, com um risinho breve, brevemente irônico. Agora estava séria de novo, sentada muito tesa na beira do assento, juntos os joelhos. Os bracinhos eram tão magros que Lituma teria podido rodeá-los com dois dedos de uma das mãos. Assim meio na sombra, com esse corpinho espigado, filiforme, podia ser confundida com um rapaz. E, apesar disso, era uma mulherzinha. Já havia conhecido homem. Tentou vê-la despida, trêmula, nos braços de Palomino Molero, deitada em um catre de Amotape, ou talvez sobre uma esteira, na areia. Enroscava seus bracinhos à volta do pescoço de Palomino, abria a boca, as pernas, gemia. Não, impossível. Não a via. Na interminável pausa, o zumbido dos insetos se fez ensurdecador.

– Quem me trouxe o revólver e disse que o matasse foi meu pai -acrescentou a moça rapidamente. – O que vão fazer com ele?

– Nada – balbuciou precipitado o Tenente Silva, como se se engasgasse. – Ninguém vai fazer nada à seu pai.

Ela teve outro arrebatamento de ira:

– Quer dizer que não há justiça – exclamou. – Porque deveriam metê-lo na cadeia, matá-lo. Mas ninguém tem coragem. Claro, quem se atreverá?

Lituma ficara rígido. Sentia que o chefe também estava tenso, ansioso, como se estivesse ouvindo o ronco das entranhas da terra que anuncia o terremoto.

– Quero tomar alguma coisa quente, mesmo que seja esse café – disse a moça, mudando uma vez mais de tom. Falava agora sem dramatismo, como que mexericando com amigas. – Fiquei com frio, não sei.

– Mas faz frio – espantou-se o Tenente Silva. Duas vezes repetiu, com movimentos de cabeça desnecessariamente enérgicos: '– Faz frio, faz.

Demorou um bom tempo para se levantar, e quando o fez e se dirigiu ao Primus, Lituma percebeu sua moleza e lentidão. Mexia-se como um bêbado. Agora estava nervoso, antes não. Também ele estava aturdido com o que acabava de ouvir. Forçando, pensava sempre no mesmo. Ou seja, afinal de contas, embora dissesse que o amor era asqueroso, apaixonara-se por Palomino Molero? Que despropósito era esse de considerar que se apaixonar era asqueroso e amar não? Ele também sentia frio. Que bom teria sido tomar um cafezinho quente, como o que o seu chefe estava preparando para a moça. Lituma via, no cone de luz verdosa, a lentidão com que as mãos do Tenente vertiam a água, jogavam colherinhas de café em pó, o açúcar. Como se não estivesse seguro de que os dedos fossem atendê-lo. Aproximou-se da moça com a xícara agarrada com as duas mãos, sem fazer ruído, e a entregou. Alicia Mindreau levou-a à boca imediatamente e bebeu um gole, levantando a cabeça. Lituma viu os

olhos dela, em frágil, vacilante resplendor. Secos, negros, duros e adultos, nessa delicada cara de menina.

– Ou seja... – murmurou o Tenente', tão devagar que Lituma mal podia ouvi-lo. Voltara a sentar na ponta da mesa e tinha uma perna apoiada no chão, a outra, ele a balançava. Fez uma longa pausa e acrescentou, timidamente: – Ou seja, esse a quem odeia, esse a quem deseja as piores coisas do mundo, não é o Tenente Dufó mas...

Não se atreveu a terminar. Lituma viu que a moça concordava, sem a menor vacilação.

– Ele se ajoelha como um cão e me beija os pés ouviu-a exclamar, com a voz alterada por uma dessas intempestivas vergastadas de fúria. – O amor não tem fronteiras, diz. O mundo não entenderia. O sangue chama o sangue, diz. O amor é o amor, uma tempestade que arrasta, tudo. Quando diz isso, quando faz essas coisas, quando chora e me pede perdão, eu o odeio. Gostaria que sofresse as piores coisas.

Calou-a um rádio a todo volume. A voz do locutor era apressada, aguda, com interferência, e Lituma não entendeu uma única palavra do que dizia. Substituiu-a a dança da moda, el bote, que estava derrotando a huaracha<sup>[16]</sup> nas preferências dos talarenhos:

*"Mira esos pollos que están en la esquinaaaa..."*

*"Que ni siquiera me quieren miraaaar,.."*

O guarda sentiu um ataque de raiva contra o remoto cantor, contra quem ligara o rádio, contra el bote e até contra si mesmo. "Por isso diz que é asqueroso", pensou. "Por isso separa paixão de amor." Houve uma longa pausa, ocupada pela música. Outra vez Alicia Mindreau parecia tranqüila, esquecida de sua fúria de há um

instante. Sua cabecinha acompanhava levemente o compasso do bote e olhava para o Tenente como que esperando alguma coisa.

– Agora acabo de saber uma coisa – ouviu o chefe dizer, muito calmamente.

A moça se pôs de pé:

– Já vou. Já é muito tarde.

– Agora acabo de saber que foi a senhorita que nos deixou o bilhete anônimo, aqui na porta – acrescentou o Tenente. – Para nos aconselhar a ir a Amo tape para perguntar à senhora Lupe o que tinha acontecido a Palomino Molero.

– Deve estar me procurando por todo lugar – disse a moça, "Olhe esses franguinhos (rapazinhos) na esquina, que nem sequer querem me olhar."

Como se não tivesse ouvido o Tenente. Em sua vizinha, metamorfoseada de novo, Lituma descobriu esse tom travesso e zombador que era o mais simpático, ou o menos antipático, que havia nela; quando falava assim parecia de verdade o que era, uma garotinha, e não, como um momento antes, uma mulher adulta e terrível com cara e corpo de menina.

– Terá mandado o motorista, os soldados, às casas da Base, às casas dos gringos, ao Clube, ao cinema. Ele se assusta toda vez que me demoro. Pensa que vou fugir de novo, ah, ah.

– Ou seja, tinha sido a senhorita – ainda continuava o Tenente Silva. – Muito bem, embora um pouco tarde, muito obrigado, senhorita Mindreau. Se não fosse por essa ajudazinha, ainda andaríamos de bobeira.

– O único lugar onde não imaginaria que eu posso estar é aqui, no Posto – prosseguiu a moça. – Ah, ah.

Rira? Sim, rira. Mas desta vez sem sarcasmo, sem ofensa. Um risinho rápido, pícaro, de menina travessa. Era maluquinha, claro, não tinha mais dúvida. Mas a dúvida atormentava Lituma e a cada segundo ele se dava respostas contrárias. Sim, era; não, não era, se fazia de.

– Claro, claro – sussurrava o Tenente. Tossiu, limpando a garganta, atirou a ponta do cigarro ao chão e a pisou. – Aqui estamos para proteger as pessoas. E a senhorita mais que a qualquer outra pessoa, naturalmente, desde que nos peça.

– Não preciso que ninguém me proteja – replicou, com secura, a moça. – Meu pai me protege e ele me basta e sobra.

Estendeu com tanta força até o Tenente a xícara de latão em que tomara café, que umas gotinhas do resto salpicaram a camisa do oficial. Este se apressou a pegar a xícara.

– Quer que a gente a acompanhe até a Base? – perguntou.

– Não, não quero – disse ela.

Lituma a viu sair rapidamente à rua. Sua silhueta se retratou na difusa claridade exterior, enquanto montava na bicicleta. Viu-a partir, pedalando, ouviu sua campainha, viu-a desaparecer fazendo esses no fundo da ruazinha desigual, sem pavimento.

O oficial e o guarda permaneceram no mesmo lugar, calados. Agora, a música tinha parado e outra vez se ouvia, como uma trepidante metralhadora, a espantosa voz do locutor.

– Se não tivessem ligado esse rádio de merda, a mocinha continuaria falando – grunhiu Lituma. – Sabe Deus que outras coisas ela teria dito.

– Se a gente não se apressa, a minha gordinha nos deixa sem comer – interrompeu-o o Tenente, se afastando da mesa. Viu-o, a

seguir, enterrar o quepe na cabeça. – Vamos logo, Lituma, vamos encher a pança. Estas coisas, para mim, só servem para abrir o apetite. Com você, não?

Dissera uma bobagem, porque a pensão ficava aberta até a meia-noite e deviam ser apenas oito horas. Lituma, porém, compreendeu que o chefe dissera isso só para dizer alguma coisa, brincara para não ficar calado, porque devia se sentir tão estranho e revoltado como ele. Recolheu a garrafa de Pasteurina que Alicia Mindreau deixara no chão e a jogou no saco de garrafas vazias que Borrão Salinas, garrafeiro e mercador, vinha comprar todo fim de semana. Saíram, fechando a porta do Posto. O Tenente resmungou: onde se metera o guarda de serviço? Agora, por castigo, faria o Ramiro Matelo dar serviço no sábado e no domingo. A lua era cheia. A luz azulada do céu iluminava clarinho a rua. Caminharam em silêncio, respondendo com as mãos e movimentos de cabeça aos boas noites das famílias reunidas nas portas das casas. Longe, se ouvia o alto-falante do cinema, vozes mexicanas, um choro de mulher e, como música de fundo, o ronronar da ressaca.

– Você deve ter ficado meio bobo com o que ouviu, não é, Lituma?

– Sim, um pouco fiquei – concordou o guarda.

– Já lhe disse que neste trabalho você aprenderia coisas do arco-da-velha, Lituma.

– Pois essa profecia está virando verdade, meu Tenente.

Na pensão, seis pessoas estavam comendo, todas conhecidas. Trocaram medidas e cumprimentos, mas o Tenente Silva e Lituma sentaram em uma mesa à parte.

Dona Adriana trouxe uma sopa de legumes e peixe e, mais que colocá-los na frente deles, atirou os pratos e virou as costas, sem retribuir aos seus boas-noites. Tinha a cara enfurecida. Quando o Tenente Silva lhe perguntou se estava se sentindo mal, por que todo esse mau humor, latiu:

– Posso saber o que fazia no penhasco dos caranguejos esta tarde, seu vivaldino?

– Me deram a informação de que ia ter um desembarque de contrabandistas – respondeu o Tenente Silva, sem pestanejar.

– Um dia destes o senhor vai pagar por todas essas gracinhas, estou prevenindo.

– Obrigado por prevenir – sorriu para ela o Tenente, franzindo os lábios obscenamente e lhe mandando um beijo. – Mãezinha liiiinda.

## VII

– Meus dedos endureceram, que droga – resmungou o Tenente Silva. – Quando cadete, podia tirar qualquer canção se a ouvisse uma vez. E agora nem mesmo La Raspa, porra.

De fato, vinha tentando várias melodias e desafinava sempre. Às vezes, as cordas da guitarra guinchavam como gatos bravos brigando. Lituma não ouvia direito o chefe, concentrado em um pensamento fixo. Que porra aconteceria agora, depois da parte que enviara ao comando. Estavam na prainha de pescadores, entre os dois molhes, e era mais de meia-noite, pois acabava de soar a sereia da refinaria anunciando a troca de turno. Muitos barcos haviam zarpado, há tempo, e, entre eles, El León de Talara. Lituma e o Tenente Silva fumaram um cigarro com o velho Matias Querecotillo, enquanto os dois ajudantes empurravam o barco para o mar. Também o marido de Dona Adriana quis saber se era verdade o que se dizia em toda Talara.

– Mas o que é que se diz em toda Talara, Dom Matias?

– Que vocês já descobriram os assassinos do Palomino Molero.

O Tenente Silva lhe respondeu o que respondia a todos os que lhe faziam igual pergunta. (Desde a manhã, quem sabia como, correra a informação e as pessoas os paravam na rua para perguntar a mesma coisa.)

– Não se pode dizer nada ainda. Prontinho se saberá, Dom Matias. Ao senhor posso adiantar que a solução está muito próxima.

– Tomara que seja verdade, Tenente. Pelo menos uma vez, que se faça justiça, e não acabem vencendo os que sempre vencem.

– Quem, Dom Matias?

– Quem pode ser? O senhor sabe tão bem quanto eu. Os peixes graúdos.

Foi embora, bamboleando com um barco em águas agitadas, e trepou agilmente no seu. Não parecia um homem que tosse cuspidando sangue; podia-se vê-lo robusto e decidido, para sua idade. Talvez aquela história de que estava doente era pura apreensão de Dona Adriana. Sabia Dom Matias que o Tenente Silva andava à caça de sua mulher?

Nunca o tinha demonstrado. Lituma percebera que o pescador tratava sempre seu chefe com amabilidade. Talvez com os anos um homem deixava de ser ciumento.

– Os peixes graúdos – refletiu o oficial, colocando a guitarra sobre as pernas. – Você acha que os peixes graúdos nos deixaram esta guitarra de presente na porta do Posto?

– Não, meu Tenente – respondeu o guarda. – Foi a filha do Coronel Mindreau. O senhor ouviu quando ela nos disse que tinha a guitarra do magrinho.

– Se você está dizendo... – replicou o Tenente. Mas não me consta. Não vi nenhuma carta nem cartão nem nada que me prove que foi ela que levou a guitarra ao Posto. E também não tenho prova de que esta seja a guitarra do Palomino Molero.

– Está querendo me fazer de bobo, meu Tenente?

– Não, Lituma. Estou tentando distrair você um pouco, acho que anda muito assustado. Por que está tão assustado? Um guarda-civil deve ter colhões, cara.

– O senhor também anda preocupado meu Tenente. Não diga que não.

O oficial riu sem vontade.

– Claro que ando preocupado. Mas eu disfarço, ninguém nota. Você, em compensação, tem uma cara que dá pena. Parece que cada vez que uma mosca arrotava você se borra nas calças.

Ficaram calados um momento, ouvindo o fraco rumor do mar.

Não havia ondas, mas vagas, muito altas. A lua iluminava a noite de tal modo que se via, muito claro, o perfil das casas dos gringos e dos altos funcionários da International, lá no alto do penhasco, junto ao farol bruxuleante, e ao pé do promontório que terminava a baía. Todo mundo falava da lua de Paita, mas a verdade é que a lua, aqui, era a mais redonda e luminosa que Lituma já havia visto. Deviam falar da lua de Talara, em vez disso. Imaginou o magrinho, em uma noite como esta, cantando nesta mesma praia, rodeado de aviadores comovidos:

*Lunti, lunera*

*Cascabelera Vendile a mi chinita*

*Por Dios que me quiera...*

Lituma e o Tenente tinham vindo do cinema, onde viram um filme argentino de Luis Sandrini, que fez muita gente rir, mas não a eles. Depois, tinham conversado com o Padre Domingo, na porta da paróquia. O pároco queria que um guarda-civil viesse espantar os dom-joões que se metiam na igreja para dar em cima das talarenhas do coro nos dias de ensaio. Muitas mães tinham retirado as filhas do coro por culpa desses abusados. O Tenente lhe prometeu que o faria, desde que houvesse um guarda disponível. Ao retornar ao Posto, encontraram a guitarra que o Tenente pusera entre os joelhos.

Tinha ficado apoiada na porta. Qualquer pessoa teria podido levá-la, se eles, em vez de voltarem ao Posto, tivessem ido primeiro à pensão, para jantar. Lituma não vacilou um segundo em interpretar o que significava a guitarra ali:

– Quer que a gente a devolva à mãe do magrinho. A moça ficou com pena, talvez pelo que eu lhe contei sobre Dona Assunta; por isso nos trouxe a guitarra.

– Deve ser assim, se você está dizendo, Lituma. Mas não me consta.

Por que se empenhava o Tenente em brincar? Lituma sabia muito bem que o chefe não tinha nenhuma vontade de rir, que estava inquieto e receoso como ele mesmo, desde que enviara aquela parte. A prova é que estiveram ali, àquela hora. Depois de jantar, o Tenente lhe propusera dar uma esticada. Tinham vindo sem falar, cada um afundado em suas preocupações, até a prainha dos pescadores. Viram os homens dos barcos preparando as redes e os aparelhos para se fazerem ao mar. Tinham visto, na escuridão das águas, se acenderem as lanterninhas daqueles que jogavam as redes. Quando ficaram sozinhos, o Tenente decidiu arranhar as cordas da guitarra do magrinho. Talvez não tenha podido tirar uma única melodia de puro susto. Claro que estava assustado, embora tentasse escondê-lo fazendo piadas. Talvez pela primeira vez desde que servia sob suas ordens, o guarda não o ouvira esta noite mencionar uma só vez a gorda da pensão. Ia perguntar ao chefe se lhe permitiria levar a guitarra a Dona Assunta na próxima vez que fosse a Piura – "Deixe que eu dê esse consolo à pobre senhora, meu Tenente" – quando percebeu que não estavam mais sozinhos.

– Boa noite – disse a sombra.

Comparecera de repente, como saída do mar ou do ar. Lituma deu um pulo, sem atinar a dizer nada, mas abriu muito os olhos. Não sonhava: era o Coronel Mindreau.

– Boa noite, meu Coronel – disse o Tenente Silva, erguendo-se do barco em que estava sentado. A guitarra rolou até a areia e Lituma viu que o chefe fazia com a mão direita um movimento que não chegava a terminar: como de puxar o revólver, ou, pelo menos, abrir o coldre que levava sempre no cinturão, no quadril direito.

– Sente-se, por favor - disse a sombra do Coronel. Eu o estava procurando e tive a impressão de que o guitarrista noturno era o senhor.

– Estava vendo se ainda me lembrava de tocar. Mas, a verdade é que já esqueci, por falta de prática.

A sombra concordou.

– O senhor é melhor policial que guitarrista – murmurou.

– Obrigado, meu Coronel – replicou o Tenente Silva.

"Veio nos matar", pensou o guarda. O Coronel Mindreau deu um passo até eles e sua cara invadiu um espaço mais bem iluminado pela lua. Lituma distinguiu a larga testa, aquelas duas entradas profundas na frente e o milimétrico bigodinho.

Estava tão pálido nas outras vezes que o tinha visto em seu gabinete? Talvez fosse a lua a culpada por essa palidez. Sua expressão não era de ameaça nem de ódio, mas, ao contrário, de indiferença. O tom de sua voz mostrava a mesma soberba das audiências, na Base. O que iria acontecer agora? Lituma sentia um vazio no estômago. "Isto é o que a gente esperava", pensou.

– Só um bom policial podia esclarecer tão depressa o assassinato daquele desertor – acrescentou o Coronel.

– Apenas duas semanas, não é, Tenente?

– Dezenove dias, para ser preciso, meu Coronel. Lituma não afastava um instante os olhos das mãos do Coronel Mindreau, mas o brilho da lua não chegava até elas. O revólver dele estaria pronto para disparar? Ameaçaria o Tenente, exigindo que se retratasse do que escrevera na parte? Atiraria subitamente duas, três vezes? Atiraria contra ele também? Talvez tivesse vindo só para prendê-los. Talvez uma patrulha da Polícia da Aeronáutica andasse por ali, rondando, enquanto o Coronel os entretinha com este diálogo enganador. Aguçou os ouvidos, olhou à volta. Ninguém se aproximava, não se ouvia nada, além do chapinhar do mar. À frente dele, o velho molhe subia e baixava, com as vagas. Nos seus ferros musgosos dormiam as gaiotas, e havia neles, incrustadas, incontáveis conchas, estrelas-do-mar e caranguejos. A primeira missão que recebera do chefe, ao chegar a Talara, foi a de afastar os moleques que subiam no molhe por essa ferragem, para nela se balançar como em uma gangorra.

– Dezenove dias – repetiu, como um eco tardio, o Coronel.

Falava sem ironia, sem raiva, com uma frieza glacial, como se nada disso tivesse importância nem o afetasse no mais mínimo, e, no fundo de sua voz, havia alguma coisa – uma inflexão, uma pausa, uma maneira de acentuar certas sílabas, que fazia Lituma lembrar da voz da moça. "Os inconquistáveis têm razão", pensou. "Eu não nasci para isto. Não quero passar por estes sustos."

– De qualquer maneira, não está mal – prosseguiu o Coronel. – Às vezes, estes crimes não se resolvem em anos. Ou permanecem em mistério para sempre.

O Tenente Silva não respondeu. Houve um longo silêncio, durante o qual nenhum dos três homens se mexeu. O molhe se mexia muitíssimo: algum moleque estaria por ali, se balançando? Lituma ouvia a respiração do Coronel, a do seu chefe, a sua. "Nunca tive tanto medo na vida", pensou.

– Espera que o promovam, como prêmio? – ouviu o Coronel Mindreau dizer. Pensou que ele deveria estar com frio. Vestido apenas com essa leve camisa sem mangas do uniforme diário do pessoal da Aeronáutica. Era um homem baixinho, sobre o qual Lituma levava uma vantagem de pelo menos meia cabeça. No seu tempo talvez não houvesse o requisito de altura mínima para ingressar nas Forças Armadas, claro.

– Estarei em condições para ser promovido a capitão só a partir de julho do próximo ano, não antes, meu Coronel – ouviu o chefe dizer, devagar. Agora. Levantaria a mão e explodiria o tiro: a cabeça do Tenente se abriria como um mamão. Nesse momento, porém, o Coronel levantou a mão direita para passá-la na boca, e o guarda viu que não estava armado. Viera, então, para o quê? – Respondendo à sua pergunta, não, não acredito que me promovam por ter resolvido o caso. Falando francamente, acho que isto só vai me dar muita dor de cabeça, meu Coronel.

– Tão certo está de ter resolvido este caso definitivamente?

A sombra não se mexia e Lituma imaginou que o aviador falava sem abrir os lábios, com o estômago, como os ventríloquos.

– Muito bem, a única coisa definitiva é a morte murmurou o Tenente. Não notava nas palavras do chefe a menor apreensão. Como se a ele também pessoalmente não dissesse respeito esta conversa, como se ela versasse sobre outras pessoas. "Continua lhe

dando corda", pensou. O Tenente limpou a garganta com uma tossezinha, antes de prosseguir: – Mas, embora alguns detalhes ainda estejam obscuros, acho que as três perguntas chaves estão respondidas. Quem o matou? Como o mataram? Por que o mataram?

Um cachorro latiu e seus latidos, desvalidos e frenéticos, foram se convertendo em um lúgubre uivo. O Coronel recuara ou a lua avançara: sua cara estava de novo no escuro. O molhe subia e baixava. O cone luminoso do farol varria a água, dourando-a.

– Li sua parte ao comando – ouviu-o dizer Lituma.

– A Guarda Civil informou aos meus chefes. E eles tiveram a amabilidade de tirar uma cópia e enviá-la para que me inteirasse do seu conteúdo.

Não se alterara, não falava mais rápido nem com mais emoção que antes. Lituma viu que uma brisa súbita agitava os ralos cabelos da silhueta em sombra; o Coronel os alisou, imediatamente. O guarda continuava tenso e assustado, mas, agora, novamente tinha na cabeça as duas imagens intrusas: o magrinho e Alicia Mindreau. A moça, paralisada pela surpresa, via como o faziam entrar aos empurrões numa camioneta azul. O motor arrancava, ruidoso. No trajeto até o pedregal, os aviadores, para adular o chefe, apagavam pontas de cigarro nos braços dele, e davam gargalhadas, se acotovelando. "Que sofra, que sofra", tremia o Tenente Dufó. E, de repente, beijando os dedos: "Você se arrependerá de haver nascido, eu juro." Viu que o Tenente Silva se levantava da beira do bote em que estava sentado e, com as mãos nos bolsos, se punha a contemplar o mar.

– Significa isso que vão arquivar o processo, meu Coronel? – perguntou sem se voltar.

– Não sei – replicou o Coronel Mindreau, secamente, como se a pergunta fosse muito banal ou muito burra e lhe fizesse perder um tempo precioso. Mas, quase de imediato, hesitou: – Não sei. Depende lá de cima, não de mim.

"Depende dos peixes graúdos", pensou Lituma. Por que o Coronel falava como se nada disto lhe importasse? Para que tinha vindo, então?

– Preciso saber de uma coisa. Tenente. – Fez uma pausa. Lituma achou que ele atirava um rápido olhar em sua direção, como se só agora o descobrisse e decidisse que podia continuar falando diante desse João-ninguém.

– Minha filha foi lhe dizer que eu abusei dela? Ela lhe disse isso?

Lituma viu que o chefe, sem tirar as mãos dos bolsos, voltava-se para o Coronel.

– Ela nos fez entender assim... – sussurrou, se interrompendo. – Não disse explicitamente, não com essas palavras. Mas nos fez entender que o senhor... que ela era para o senhor não uma filha, mas uma mulher, meu Coronel.

Perturbara-se tremendamente e as palavras se desfizeram na boca. Lituma nunca o vira tão confuso. Sentiu pena. Por ele. Pelo Coronel Mindreau. Pelo magrinho. Pela moça. Tinha vontade de chorar de pena pelo mundo inteiro, porra. Deu-se conta de que tremia da cabeça aos pés. Sim. Josefino o avaliara bem. Era um sentimental de merda e não mudaria.

– Disse também que beijava os pés dela? Que, depois de abusar dela, eu me arrastava pelo chão, lhe implorando perdão? – disse o

Coronel Mindreau. Não fazia uma pergunta, confirmava alguma coisa de que parecia certo.

O Tenente Silva balbuciou uma frase que Lituma não entendeu. Podia ter sido "Acho que sim" ou "Me parece que sim". Tinha vontade de sair correndo. Ah, por que não chega agora um pescador, por que alguém não interrompe esta cena?

– Que eu, louco de remorso, lhe dava o revólver para que me matasse? – prosseguia, incansável, o Coronel. Diminuíra o tom da voz. Notava-se o seu cansaço e o seu distanciamento.

Desta vez o Tenente não respondeu. Houve uma longa pausa. A silhueta do aviador estava rígida e o molhe velho subia e baixava, balançado pelas vagas. O murmúrio do mar era mais fraco, como se a maré começasse a baixar. Um pássaro invisível grasnou, perto.

– Está se sentindo mal? – perguntou o Tenente.

– Em inglês, a palavra é delusions – disse o Coronel, com firmeza, como se não estivesse se dirigindo a ninguém agora. – Em espanhol não há nada equivalente. Porque delusions quer dizer, ao mesmo tempo, ilusão, fantasia, e engano ou fraude. Uma ilusão que é um engano. Uma fantasia dolorosa, fraudulenta. – Suspirou fundo, como se houvesse ficado sem ar e passou a mão pela boca. – Para levar Alicinha a Nova York vendi a casa dos meus pais.

Gastei a minha poupança de toda a vida. Cheguei a empenhar o meu soldo da reserva. Nos Estados Unidos curam todas as doenças do mundo, fazem todos os milagres científicos. Não é isso o que dizem? Muito bem, se é assim, se justifica qualquer sacrifício. Para salvar aquela menina. Para salvar a mim próprio, também. Não a curaram. Mas, pelo menos, descobriram o que tinha. Delusions. Não ficará nunca curada, porque isso não tem cura. E progride. Prolifera

como um câncer com o tempo, enquanto a causa esteja lá, provocando-o. Os gringos me explicaram isso com crueza. O problema dela é o senhor. A causa é o senhor. Ela o julga responsável pela morte dessa mãe que não conheceu. Tudo o que inventa, essas coisas terríveis que trama contra o senhor, isso que ia contar às Madres do Sagrado Coração, em Lima, isso que contava às Madres do Colégio de Nossa Senhora de Lurdes, em Piura, ou às tias, às amigas. Que o senhor a maltrata, que o senhor é avaro, que o senhor a atormenta, que a amarra à cama e a açoita. E para vingar a mãe. Mas o senhor ainda não viu nada. Prepare-se para uma coisa muito pior. Porque mais tarde, quando crescer, ela o acusará de haver tentado matá-la, de a violar, de tê-la feito violar. Das coisas mais terríveis. E nem sequer perceberá que inventa e mente. Porque ela acredita e vive suas mentiras como se fossem verdades. Delusions. Assim é que se chama em inglês. Em espanhol não há palavra que explique isso tão bem.

Houve um longo silêncio. Mal se ouvia o mar, sussurrando muito baixinho. "Quantas palavras estou ouvindo pela primeira vez", pensou Lituma.

— É isso, certamente — ouviu o Tenente dizer, de modo sério e respeitoso. — Mas... as fantasias ou loucuras de sua filha não explicam tudo, se me permite. — Fez um longo parêntese, esperando talvez um comentário do Coronel ou procurando as palavras apropriadas. — A crueldade contra aquele moço, por exemplo.

Lituma fechou os olhos. Aí estava: queimando-se sob o sol implacável, no deserto pedregal, torturado dos cabelos à planta dos pés, rodeado de cabras indiferentes e farejantes. Enforcado,

queimado à ponta de cigarros e com um pau enfiado no cu. Pobre magrinho.

– Esse é outro assunto – disse o Coronel. Mas, retificou instantaneamente: – Não explica, é verdade.

– O senhor me fez uma pergunta e eu respondi – ouviu o Tenente Silva dizer. – Me permita fazer, eu também, uma pergunta ao senhor. Havia necessidade de tamanha crueldade? E eu lhe pergunto porque, simplesmente, não entendo.

– Eu também não – replicou, no ato, o Coronel. Ou, melhor dizendo, sim, entendo. Agora. No princípio, não. Ele se embriagou e embriagou os seus homens. O álcool e o despeito fizeram que de pobre-diabo ele se transformasse também em um sádico. Despeito, amor ferido, honra ofendida. Essas coisas existem ainda que um policial não as conheça, Tenente.

Parecia apenas um pobre diabo, não um sádico. Um tiro na cabeça chegava. E um enterro discreto. Eram as minhas ordens. A estúpida carnificina, não, naturalmente. Agora isso também não tem a menor importância. Aconteceu como aconteceu e cada qual deve assumir suas responsabilidades. Eu sempre tenho assumido as minhas.

Voltou a tomar ar, ofegante. Lituma ouviu o chefe dizer:

– Então o senhor não esteve presente? Só o Tenente Dufó e um grupo de seus comandados?

Lituma achou que o Coronel estalava a língua, como quem vai cuspir. Mas não o fez.

– Eu lhe dei esse prêmio de consolação, para que com um tiro aplacasse o seu orgulho ferido – disse, com firmeza. – Ele me surpreendeu. Não parecia capaz de tanto.

Também os soldados me surpreenderam. Eram companheiros do desertor, afinal de contas. Em todos, há um fundo animal. Cultos ou não, em todos. Imagino que mais nas classes baixas, entre os caboclos. Ressentimentos, complexos. O álcool e a adulação do chefe devem ter feito o resto. Mas não havia necessidade de uma tal truculência, naturalmente. Não estou arrependido de nada, se isso é o que quer saber. Algum dia se terá visto um recruta raptar e violar a filha do comandante de sua Base? Mas eu teria feito aquilo de maneira rápida e limpa. Um tiro na nuca e ponto final.

"Ele também tem aquele negócio da filha, pensou o guarda. Ilusões, desilusões, isso."

– Violou-a, meu Coronel? – Lituma disse a si mesmo, uma vez mais, que o Tenente formulava as perguntas que ocorriam a ele. – Que a raptou, é um fato. Embora fosse mais justo dizer que fugiram. Os dois estavam apaixonados e queriam se casar. Toda a população de Amotape poderia testemunhar. Que violação poderia ter acontecido?

Lituma achou, de novo, ter ouvido o estalar da língua, que anuncia a cusparada. Quando falou, o Coronel era o homem déspota e autoritário das audiências em seu gabinete:

– A filha do Comandante da Base Aérea de Talara não se apaixona por um recruta – explicou, incomodado por ter que esclarecer uma coisa evidente. – A filha do Coronel Mindreau não se apaixona por um guitarrista de Castilla.

"Puxou a ele", pensou Lituma. Desse pai que supostamente odiava tanto vinha a Alicia Mindreau a mania de maltratar e desprezar os que não são brancos.

– Não fui eu que inventei isso – ouviu o chefe dizer, suavemente. – Foi ela, a senhorita Alicia, que nos contou tudo. Sem que nós lhe perguntássemos, meu Coronel. Contou que se amavam e que, se o padre estivesse em Amotape, teriam se casado. Uma violação, isso?

– E por acaso já não lhe expliquei isso?

– Levantou a voz, o Coronel Mindreau, pela primeira vez naquela noite. – Delusions, delusions. Fantasias enganadoras. Não se apaixonou nem podia se apaixonar por ele. Não percebe que estava fazendo o mesmo de sempre? O mesmo quando foi contar sua história a vocês. O mesmo que contava às Madres, mostrando umas feridas que ela mesma se fizera, a frio, só para me fazer mal. Estava se vingando, me castigando, me fazendo pagar, naquilo que mais podia doer em mim, a morte de sua mãe. Como se... – suspirou, ofegou – essa morte não houvesse sido uma verdadeira via-sacra na minha vida. A cabeça de um policial não consegue entender isso?

"Não, seu filho da puta", pensou Lituma. "Não consegue." Por que complicar desse modo a vida? Por que Alicia não podia ter-se apaixonado por aquele magrinho que tocava tão bem guitarra e cantava com voz terna e romântica? Por que era impossível que brotasse o amor entre a branquinha e o caboclinho? Por que o Coronel via nesse amor uma tortuosa conspiração contra ele?

– Também expliquei isso ao Palomino Molero – ouviu o Coronel dizer, de novo com esse tom impessoal, que o distanciava deles e do que ia dizendo. – Como ao senhor.

Só que com mais detalhes, com mais clareza ainda. E sem ameaças, sem ordens. Não de Coronel para recruta. De homem para

homem. Dando-lhe uma oportunidade de se portar como um cavalheiro, de ser o que não era.

Calou-se, para passar pela boca uma rápida mão, como um mata-moscas. Lituma, entrecerrando os olhos, viu-os: o oficial severo e perfeito, com seu bigodinho reto e seus olhos frios, e o magrinho, embutido em sua farda de recruta, certamente novinha em folha e com os botões brilhantes, e o cabelo recém-cortado, quase raspado, em posição de sentido. Aquele, muito seguro, pequeno e dominador, caminhando por seu gabinete enquanto falava, com um fundo de hélices e motores; e o aviador, muito pálido, sem se atrever a mexer um só dedo, a piscar, a abrir a boca, a respirar.

– Essa menina não é o que parece. Essa menina, embora fale, ria e faça o que fazem as outras meninas, não é igual a elas. É frágil, um cristal, uma flor, uma pombinha indefesa – notou Lituma que o Coronel estava dizendo.

– Eu poderia dizer ao senhor, simplesmente: "Um recruta está proibido de pôr os olhos na filha do Coronel da Base; um rapaz de Castilla não pode aspirar, nem em sonhos, a Alicia Mindreau. Fique sabendo disso e saiba também que não deve se aproximar, nem olhar para ela, nem mesmo sonhar com ela, ou pagará esse atrevimento com a sua vida." Mas, em vez de proibi-lo, eu lhe expliquei, de homem para homem. Acreditando que um guitarrista de Castilla podia ser, também, um ser racional, ter reflexos de pessoa decente. Ele me disse que havia entendido, não suspeitava que Alicinha fosse assim, que nunca mais voltaria a olhar para ela nem a falar com ela.

E nessa mesma noite, o caboclinho hipócrita a raptou e abusou dela. Pensava que ia me pôr entre a espada e a parede, coitado.

Pronto, já a violei. Agora o senhor terá que se resignar e permitir o nosso casamento. Não, rapaz, a mim, minha filha, essa menina doente, pode me fazer todas as chantagens, todas as infâmias, e eu não tenho outro remédio senão carregar essa cruz que Deus me impôs. Ela sim, a ela eu... Mas não você, pobre infeliz.

Calou-se, respirou fundo, ofegou, e, de repente, em algum lugar, um gato miou. Ouviu-se uma corrida de muitas patas. Em seguida, de novo, o silêncio confundido com a sincrônica ressaca. O molhe deixara de se movimentar. E uma vez mais Lituma ouviu que o chefe fazia a pergunta que já lhe mordida a língua:

– Mas por que, então, Ricardo Dufó? Por que ele, sim, podia ser o namorado, o noivo de Alicia Mindreau?

– Porque Ricardo Dufó não é um pelado de Castilla, mas um oficial. Um homem de boa família. Mas, sobretudo, porque é um fraco de caráter e um bobo – disparou o Coronel, como que enfarado de que o mundo fosse tão cego a ponto de não ver a luz do sol. – Porque com o pobre-diabo do Ricardo Dufó eu poderia continuar cuidando dela e a protegendo. Como jurei a sua mãe que faria no dia de sua morte. E Deus e Mercedes sabem que o tenho feito, apesar de tudo o que me tem custado.

Sua voz se perdeu, ele tossiu várias vezes, disfarçando essa irreprimível fraqueza;

Longe, vários gatos agora miavam e guinchavam, frenéticos: estariam brigando ou fodendo? Tudo era confuso neste mundo, porra.

– Mas não vim para nada disso e não vou continuar falando de minha família com o senhor – cortou bruscamente o Coronel.

Mudou de voz uma vez mais, suavizando-a: – E também não quero lhe fazer perder tempo, Tenente.

"Eu não existo para ele", pensou Lituma. Era melhor: assim se sentia mais seguro, sabendo ser esquecido, abolido pelo Coronel. Fez-se uma pausa interminável, na qual o oficial parecia estar empenhado em lutar contra a mudez, tentando pronunciar algumas palavras rebeldes e fugidias.

– O senhor não me faz perder tempo – disse o Tenente Silva.

– Eu lhe agradeço por não mencionar esse problema em sua parte – articulou, por fim, com dificuldade.

– O problema de sua filha, quer dizer? – ouviu o Tenente murmurar. – O fato de que ela tenha insinuado que o senhor abusara dela?

– Eu lhe agradeço que não o mencionasse em sua parte – repetiu o pai de Alicia Mindreau, com uma voz mais segura. Passou a mão pela boca e acrescentou: Não por mim, mas por essa menina. Isso teria sido um prato cheio para os jornalistas. Já vejo as manchetes, todo o pus e a pestilência do jornalismo chovendo sobre nós. Tossiu, ofegou e fez um esforço por parecer sereno antes de murmurar:

– Uma menor de idade deve ser protegida sempre contra o escândalo. A qualquer preço.

– Preciso lhe prevenir de uma coisa, meu Coronel ouviu o chefe dizer. – Não mencionei esse problema porque era muito vago, e, também, pouco pertinente com respeito ao assassinato de Palomino Molero. Mas não alimente ilusões. Quando o assunto vier a público, se vier a público, tudo dependerá do que sua filha disser. Vão acossá-la, vão persegui-la noite e dia, tentando arrancar declarações. E

quanto mais sujas e escandalosas, mais eles as explorarão. O senhor sabe bem disso. Se é como o senhor diz, ela padece de alucinações – delusions, disse que se chamavam? -, seria melhor uma clínica, ou, talvez, o estrangeiro. Desculpe-me, estou me intrometendo em assunto que não me compete.

Calou-se porque a sombra do Coronel fizera um movimento de impaciência.

– Como não sabia se o encontraria, eu lhe deixei um bilhete no Posto, por debaixo da porta - disse, colocando um ponto final na conversa.

– Muito bem, meu Coronel – disse o Tenente Silva.

– Boa noite – despediu-se o Coronel, incisivo.

Mas não foi embora. Lituma viu-o dar meia-volta e caminhar uns poucos passos até a margem da praia, parar ali, cara ao mar, e permanecer imóvel ante a vasta superfície que a luz da lua prateava de trecho em trecho. O cone dourado do farol ia e vinha, delatando ao passar frente a eles, em um segundo, a miúda silhueta arrogante, vestida de caqui, dando-lhes as costas, aguardando que se fossem. Olhou para o Tenente e este o olhou, indeciso.

Afinal, fez um sinal para que partissem. Sem dizer uma palavra, começaram a andar. A areia silenciava suas pisadas e Lituma sentia que suas botinas afundavam. Passaram junto às costas quietas do Coronel – outra vez o vento movia os seus escassos cabelos – e tomaram o rumo, por entre os barcos varados, das densas manchas que eram as casas de Talara. Quando estavam no povoado, Lituma se virou para olhar a prainha. A silhueta do Coronel parecia continuar no mesmo lugar, no próprio limite do mar. Uma sombra um pouquinho mais clara que as sombras circundantes. Mais adiante,

piscavam uns pontinhos amarelos, dispersos no horizonte. Qual dessas lanternas de pescadores seria a do barco do marido de Dona Adriana? Embora aqui a noite estivesse morna, Dom Matias dizia que mar adentro fazia sempre frio, que essa era a razão, não o aborrecimento nem o vício, pela qual os pescadores levavam uma garrafinha de pisco ou de aguardente para suportar a noite em alto-mar.

Talara estava deserta e aprazível. Não se via luz em nenhuma das casinhas de madeira que deixavam para trás. Lituma tinha tantas coisas que perguntar e comentar, mas não se atrevia a abrir a boca, paralisado por uma sensação ambígua, de confusão e tristeza. Seria verdade o que contara a eles ou pura invenção? Verdade, talvez.

Por isso a moça lhe parecera maluquinha, não se enganara. De quando em quando olhava para o Tenente com o rabo dos olhos: levava a guitarra ao ombro, como se fosse um fuzil ou uma enxada, e parecia pensativo, ausente. Como podia ver nessa penumbra, com esses óculos escuros?

Quando se produziu o ruído, Lituma saltou; ao mesmo tempo, foi como se o estivesse esperando. Quebrara o silêncio, breve e brutal, com um eco abafado. Agora tudo estava outra vez quieto e mudo. Permaneceu imóvel, virou-se e olhou para o chefe. Este, depois de haver parado um momento, começou de novo a andar.

– Mas, meu Tenente -correu Lituma, até alcançá-lo. – Não ouviu?

O oficial continuou andando, olhar posto na frente. Apressou o passo.

– Ouviu o quê, Lituma?

– O tiro, meu Tenente – corria, se atrapalhava todo Lituma, a seu lado. – Lá na praia. Será que não ouviu?

– Ouvi um ruído que poderia ser mil coisas, Lituma – disse seu chefe em tom de reprimenda. – O peido de um bêbado. O arrote de uma baleia. Mil coisas. Não tenho nenhuma prova de que esse ruído tenha sido um tiro.

O coração de Lituma batia muito forte. Seu corpo começara a suar, ele já sentia a camisa úmida e também o rosto. Caminhava ao lado do Tenente, aturdido, tropeçando, sem entender nada.

– Então não vamos vê-lo? – perguntou, sentindo uma espécie de vertigem, alguns metros depois.

– Ver o quê, Lituma?

– Se o Coronel Mindreau se matou, meu Tenente – balbuciou. – E por acaso não foi isso, o tiro que ouvimos?

– Logo saberemos, Lituma – disse o Tenente Silva, se compadecendo de sua ignorância. – Se foi ou não foi, a gente logo saberá. Como você é apressado. Espere que chegue alguém, algum pescador, algum vagabundo, alguém que o encontre, para nos dar a notícia. Se é verdade que aquele senhor se matou, como você está pensando que aconteceu. Ou melhor, espere que cheguemos ao Posto. Pode ser que aí se esclareça o mistério que o atormenta. Não ouviu O Coronel dizer que nos deixou lá uma nota?

Lituma não disse nada e continuou caminhando ao lado do chefe. De uma das desertas ruazinhas transversais saiu um estertor mecânico, como se alguém sintonizasse um rádio. No terraço do Hotel Royal, o porteiro dormia profundamente, embrulhado em um cobertor e com a cabeça sobre o corrimão.

– Ou seja, o senhor acredita que essa nota é o testamento dele, meu Tenente? – murmurou afinal, já na reta do Posto. – Que ele foi nos procurar e já sabia que, depois de falar com a gente, ia se matar?

– Puta merda, mas como você é vagaroso, meu filho – suspirou o chefe. E lhe deu uma palmada no braço, levantando o ânimo do subordinado.

– Ainda bem que, embora custe, no fim você começa a entender as coisas. Não é, Lituma?

Não falaram mais até chegar à casinha deteriorada e mal pintada que era o Posto. O Tenente mandava ofícios e mais ofícios ao Comando Geral da Guarda Civil, explicando que se não fizessem alguma coisa logo o teto desabaria em cima de suas cabeças, e que os xadrezes eram uma peneira de onde os presos não fugiam por compaixão ou cortesia, pois as tábuas das paredes tinham sido atacadas pelos cupins e roídas pelos ratões. Respondiam-lhe que talvez no próximo orçamento incluíssem uma verba.

Uma nuvem ocultara a lua e o Tenente precisou acender um fósforo para encontrar a fechadura. Forcejou um bom tempo, como sempre, antes que a chave girasse. Acendendo outro fósforo, procurou no chão de tábuas, primeiro no umbral, logo mais para dentro, até que a chaminha chamuscou a ponta dos dedos dele e ele precisou soprá-la, praguejando. Lituma correu a acender Os lampiões; mas o fez tão desajeitadamente que ele próprio pensou estar levando um século. A claridade brotou afinal: uma língua vermelha, de coração azulado, que ziguezagueou alguns segundos antes de firmar-se. O envelope estava semi-afundado em uma das frestas entre as tábuas e Lituma viu o chefe, acorocado, pegá-lo e levantá-lo delicadamente, como se se tratasse de um objeto

frágil e precioso. Intuiu todos os movimentos que faria e que, com efeito, fez o Tenente: atirar o quepe para trás, tirar os óculos e sentar em um canto da escrivaninha, as pernas bem abertas, enquanto, sempre muito cuidadosamente, abria o envelope e, com dois dedos, extraía dele um papelzinho branco, quase transparente. Lituma percebeu algumas linhas de letra parelha, cobrindo toda a página. Aproximou o lampião de modo que o chefe pudesse ler sem dificuldade.

Viu, cheio de ansiedade, que os olhos do Tenente andavam, devagar, da esquerda para a direita, da esquerda para a direita, e que a cara dele pouco a pouco se contraía em uma expressão de desgosto ou perplexidade ou de ambas as coisas.

– Então, meu Tenente? – perguntou, quando achou que o oficial tinha terminado de ler.

– Porra – ouviu o chefe dizer, ao mesmo tempo em que o via descer a mão: o papelzinho branco ficou pendurado, à altura do joelho dele.

– Ele se matou? – insistiu Lituma. E, estendendo o braço: – Posso ver, meu Tenente?

– O puto tinha tudo preparado – murmurou o chefe, entregando-lhe o papel. Lituma se precipitou a pegá-lo, a lê-lo, e, enquanto lia, acreditando e não acreditando, entendendo e não entendendo, ouviu que o Tenente acrescentava: – Não apenas se matou, Lituma. O puto matou também a moça.

Lituma levantou a cabeça e olhou para o chefe, sem saber o que dizer nem o que fazer. Tinha o lampião na mão esquerda e essas sombras que se alargavam e movimentavam significavam sem dúvida que estava tremendo. Uma careta deformou a cara do

Tenente e Lituma o viu piscar e apertar as pálpebras como se uma luz aguda o cegasse.

– Que vamos fazer agora? – balbuciou, sentindo-se culpado de alguma coisa. – Ir à Base, à casa do Coronel, para ver se é verdade que matou a moça?

– E você pensa que pode não ser verdade, Lituma? admoestou-o o Tenente.

– Não sei – replicou o guarda. – Em todo caso, sim, acho que é verdade que ele matou a moça. Por isso estava tão estranho na praia. E também acho que é verdade que ele se matou, que esse foi o tiro que ouvimos. Puta merda, puta merda.

– Você tem razão – disse o Tenente Silva, alguns segundos depois. – Puta merda.

Estiveram um momento calados, imóveis, entre essas sombras que bailavam nas paredes, no chão, sobre os móveis e os utensílios destrambelhados do Posto.

– Que vamos fazer agora, meu Tenente? – repetiu, por fim, Lituma.

– Não sei o que você vai fazer – respondeu o oficial, pondo-se de pé, bruscamente, como quem se lembra de alguma coisa urgentíssima. Parecia possuído de uma energia violenta. – Mas, por enquanto, eu aconselho você a não fazer nada, exceto dormir. Até que alguém venha acordá-lo com a notícia dessas mortes.

Ele o viu, decidido, dirigir-se a passos largos até as sombras da rua, fazendo os gestos característicos: arrumar o coldre que levava à cintura, pendurado no cinturão, e cravar na cara os óculos escuros.

– Para onde está indo o senhor, meu Tenente? – balbuciou, espantado, adivinhando o que ia ouvir.

– Vou trepar agora mesmo com aquela gorda de merda –  
ouviu-o dizer, já invisível.

## VIII

Dona Adriana riu de novo e Lituma achou que, embora toda Talara bisbilhotasse, choramingasse ou especulasse sobre os grandes acontecimentos, a dona da pensão não fazia outra coisa senão rir. Andava assim há três dias. E assim os tinha recebido e despedido na hora do café da manhã, no almoço e no jantar, transanteontem, anteontem, ontem e hoje mesmo: à pura gargalhada. O Tenente Silva, em compensação, andava de mau humor e pouco à vontade, nem mais nem menos como se houvesse comido o maior peru do mundo. Pela décima quinta vez em três dias, Lituma pensou: "Que porra aconteceu a essa dupla?" Os sinos do Padre Domingo repicaram no povoado, chamando para a missa. Sem parar de rir, Dona Adriana fez o sinal-da-cruz.

– O que acha que farão com esse tenentinho, com o Dufó? – pigarreou Dom Jerônimo.

Era hora do almoço e, além do taxista de Talara, o Tenente Silva e Lituma, também estava na pensão um casal jovem que viera de Zorritos para assistir a um batizado.

– Será julgado em foro privativo – replicou com maus modos o Tenente Silva, sem levantar os olhos do prato semi-vazio. – Isto é, um Tribunal militar.

– Mas alguma coisa vai lhe acontecer, não? – insistiu Dom Jerônimo. Comia um guisadinho com arroz branco e se abanava com um jornal; mastigava com a boca aberta e regava o contorno de restos. – Porque eu acho que um sujeito que faz o que dizem que

esse Dufó fez com Palomino Molero não pode ir tão tranqüilo para casa, não é, Tenente?

– Também acho que não pode ir tão tranqüilo para casa – concordou o Tenente, com a boca cheia e um aborrecimento evidente porque não o deixavam comer em paz. – Alguma coisa vai lhe acontecer, imagino.

Dona Adriana voltou a rir e Lituma sentiu que o Tenente ficava tenso e afundava no assento ao ver a dona da pensão se aproximar. Deveria estar tão nervoso que nem as moscas do rosto ele espantava. Ela vestia um vestidinho estampado, de decote muito aberto, e vinha sacudida, movimentando peitos e quadris com bastante ímpeto.

Ele a via saudável, contente consigo mesma e com o mundo.

– Tome um pouquinho de água, Tenente, e não coma tão depressa que a comida pode ir pelo outro lado – riu Dona Adriana, dando umas palmadinhas bem mais brincalhonas que suas palavras nas costas do oficial.

– A senhora ultimamente anda gastando muito bom humor – disse Lituma, olhando-a sem a reconhecer. Era outra pessoa, virara uma coquete, que bicho a mordera?

– Por alguma coisa será – disse Dona Adriana, recolhendo os pratos do casal de Zorritos e se afastando na direção da cozinha. E se foi sacudindo o traseiro como se lhes estivesse dando adeus, adeus. "Meu Deus!", pensou Lituma.

– O senhor sabe por que ela anda assim, tão risonha, há três dias, meu Tenente? – perguntou.

Em vez de responder, o oficial atirou sobre ele um olhar homicida por trás dos óculos escuros, e se virou para contemplar a

rua. Lá, na areia, um urubu bicava alguma coisa com fúria. Subitamente bateu asas e levantou vôo.

– Quer que lhe diga uma coisa, Tenente? – disse Dom Jerônimo. – Espero que não fique bravo.

– Se posso ficar bravo, é melhor que não me diga nada – grunhiu o Tenente. – Não estou com ânimo para bobagens.

– Mensagem recebida e entendida – grunhiu o taxista.

– Vamos ter mais mortos? – riu Dona Adriana, da cozinha.

"Ficou até gostosona", disse a si mesmo o guarda. Pensou: "Preciso ir visitar as putas do Chinês Liau. Estou ficando enferrujado." A mesa do oficial e Lituma e a do taxista estavam separadas e suas vozes, para chegarem aos destinatários, tinham que passar sobre o casal de Zorritos. Eram jovens, estavam emperiquitados e se viravam para olhar uns e outros, interessados no que se dizia.

– Embora não lhe agrade, vou dizer logo, para que o senhor fique sabendo – decidiu Dom Jerônimo golpeando a mesa com o jornal. – Não há um só talarenho, homem, mulher ou cachorro, que engula essa história. Nem o abutre que está aí engole essa.

Porque a ave de rapina voltara e aí estava, preta e horrorosa, encarniçando-se contra uma lagartixa que tinha no bico. O Tenente continuou comendo, indiferente, concentrado em seus pensamentos e em sua carranca.

– E que história é essa, se é que se pode saber, Dom Jerônimo? – perguntou Lituma.

– Que o Coronel Mindreau matou a filha e, depois, se matou – disse o taxista, cuspiendo restos. – É preciso ser muito idiota para acreditar em semelhante coisa, ora, – Eu – afirmou Lituma. – Eu

sou um desses idiotas que acreditam que o Coronel matou a moça e depois se matou.

– Não banque o inocente, amigo Lituma – pigarreou Dom Jerônimo, franzindo a cara. – Liquidaram esses dois para que não falassem. Para poderem culpar o Mindreau pelo assassinato do Palomino Molero. Não banque o bobo, cara.

– É isso o que andam dizendo agora? – O Tenente Silva levantou a cabeça do prato. – Que mataram o Coronel Mindreau? E dizem quem o matou?

– Os peixes graúdos, claro – abriu os braços Dom Jerônimo. – E quem seria. Não banque o inocente também, Tenente, que aqui estamos em casa. O que há é que o senhor não pode falar. Todo mundo anda dizendo que taparam sua boca e não o deixam esclarecer as coisas. Como sempre, ora.

O Tenente encolheu os ombros, como se todos esses rumores não tivessem nenhuma importância para ele.

– Se até inventaram que ele abusava da filhinha. Dom Jerônimo salpicou arroz. – Que porcos. Pobre coitado. Não acha, Adrianinha?

– Acho uma porção de coisas, ah, ah, ah – riu a esposa de Dom Matias.

– Ou seja, as pessoas acreditam que tudo isso é inventado – murmurou o Tenente, voltando ao prato com uma careta azeda.

– Claro – disse Dom Jerônimo. – Para esconder os culpados, e para que ia ser?

Soou a sereia da refinaria e o abutre levantou a cabeça e se encolheu. Ficou assim alguns segundos, encolhido, esperando. Afastou-se, por fim, dando pulinhos.

– Mas então por que mataram o Palomino Molero, segundo essa gente? – perguntou Lituma.

– Por um contrabando de muitos milhões – afirmou Dom Jerônimo com certeza. – Primeiro mataram o aviador, porque descobriu alguma coisa. Mas, como o Coronel Mindreau descobriu a trapaça, ou estava para descobrir, eles o mataram e mataram a moça. E como sabem o que as pessoas gostam, inventaram essa imundície, de que liquidara o Molero por ciúmes de uma filha de quem, dizem, ele abusava. Com essa cortina de fumaça conseguiram o que queriam. Que ninguém fale do principal. Os milhõezinhos.

– Porra, como inventam coisas – suspirou o Tenente. Raspava o garfo no prato como se quisesse quebrá-lo.

– Não diga palavrões que sua língua pode cair – disse Dona Adriana, rindo. Plantou-se ao lado do Tenente com um pratinho de doce de manga, e, ao colocá-lo na mesa, aproximou-se tanto que a sua larga coxa roçou no braço do oficial. Este o retirou, rápido. – Ah, ah, ah...

"Quanto dengue", pensou Lituma. O que é que estava acontecendo com Dona Adriana? Não apenas zombava do Tenente, provocava-o demais. O chefe continuava sem reagir.

Parecia reprimido e desmoralizado com os atrevimentos e as gozações de Dona Adriana. Também ele mudara muito. Em qualquer outra ocasião, esses desplantes da dona da pensão o teriam deixado louco de felicidade e teria investido a cem por hora. Agora, nada o tiraria da apatia de ruminante triste em que estava sumido há três dias. Que merda tinha acontecido naquela noite, então?

– Em Zorritos também ficamos sabendo desse contrabando – interveio de repente o homem que viera ao batizado. Era jovem,

usava brilhantina no cabelo e mostrava um dente de ouro. Vestia camisa cor de laranja, dura de tão engomada, e falava se atropelando. Olhou para a que devia ser sua mulher. – Não é certo, Marisinha?

– Sim, Panchito – disse ela. – Certíssimo.

– Parece que traziam até frigideres<sup>[17]</sup> e fogões acrescentou o rapaz. – Para terem cometido um crime assim, devia haver muitos milhões no meio.

– Estou só tendo pena é da Alicinha Mindreau disse a de Zorritos, arresando os olhos como se fosse derramar lágrimas. – A garota é a vítima inocente de tudo isto.

Pobre menina. Quanta injustiça. O que mais me dá raiva é não acontecer nada aos verdadeiros culpados. Vão ficar com o dinheiro e livres. Não é, Panchito?

– Aqui, só se fodem os pobres – resmungou Dom Jerônimo. – Peixe graúdo, nunca. Não é, Tenente?

O Tenente se levantou tão bruscamente que mesa e cadeira balançaram.

– Bem, vou indo – anunciou, cheio de tudo e todos. E, para Lituma: – Você fica?

– Vou agorinha mesmo, meu Tenente. Me deixe, pelo menos, tomar um café.

– bom proveito – grunhiu o Tenente Silva, pondo o quepe e evitando olhar para a dona da pensão, que, do balcão, acompanhou-o até a porta da rua com um olharzinho gozador e adeusinhos.

Uns minutos depois, quando lhe trouxe a xícara de café, Dona Adriana sentou diante de Lituma, na cadeira que o Tenente ocupara.

– Não agüento mais de curiosidade – disse o guarda, baixando o tom da voz para que os outros fregueses não o ouvissem. – Não vai me contar o que houve na outra noite entre a senhora e o Tenente?

– Pergunte a ele – replicou a dona da pensão, a redonda cara refulgindo de malícia.

– Já lhe perguntei mais de dez vezes, Dona Adriana – insistiu Lituma, a meia-voz. – Mas se faz de desentendido e não diz coisa nenhuma. Vamos, não seja egoísta, conte o que houve.

– Ser curioso assim é próprio de mulheres, Lituma zombou Dona Adriana, sem que o sorrisinho zombeteiro que a adornava há três dias deixasse o seu rosto.

“Parece uma menina que fez uma travessura”, pensou Lituma. “E ficou até mais moça.”

– Também disseram que podia ser alguma coisa de espionagem, mais que de contrabando – ouviu Dom Jerônimo dizer, depois que se levantara e conversava com o casal de Zorritos, apoiado no espaldar de uma cadeira. Foi o que ouvi do dono do Cinema Talara. E Dom Teotônio Calle Frias é um homem sério, que não fala só por falar.

– Se ele disse isso, por alguma razão deve dizer sustentou Panchito.

– Quando o rio soa, pedras traz – corroborou Marisa.

– Mas, Dona Adrianinha, não se chateie pela pergunta, tenho que fazê-la, senão a curiosidade me come – sussurrou Lituma, procurando as palavras. – Foi para a cama com o Tenente? A senhora lhe fez a vontade?

– Como se atreve a me perguntar isso, malcriado? sussurrou a dona da pensão, ameaçando-o com o indicador. Queria parecer

zangada mas não estava: a luzinha sardônica e satisfeita bulia sempre em seus olhinhos escuros, e sua boca continuava entreaberta no sorriso ambíguo de quem está se lembrando, entre feliz e arrependido, de alguma maldade. – E, para começar, baixe a voz, que o Matias pode ouvir você.

– E que o Palomino Molero descobrira que andavam passando segredos militares ao Equador e por isso o mataram – dizia Dom Jerônimo. – E que o chefe do bando de espões era talvez o mesmíssimo Coronel Mindreau.

– Puxa, puxa – comentava o de Zorritos. – Uma história de cinema.

– Sim, sim, de cinema.

– Não pode me ouvir, Dona Adrianinha, os roncos dele chegam até aqui – sussurrou Lituma. – A coisa é que, não sei, a senhora vê, tudo ficou tão estranho desde aquela noite. Passo o tempo todo tentando adivinhar o que pode ter acontecido aqui para que a senhora esteja, desde então, muito fresca, e o Tenente tão abatido.

A dona da pensão soltou uma gargalhada e riu um bom tempo com tanta força que seus olhinhos ficaram cheios de lágrimas. O corpo rebolava, as grandes tetas dançavam, livres e ubérimas, sob o vestidinho estampado.

– Claro que anda abatido – disse. – Acho que quebrei seu orgulho para sempre, Lituma. Seu chefe nunca mais voltará a bancar o violador, ah, ah, ah.

– Eu não estranho nada disso que Dom Teotônio Calle Frias anda contando – dizia o de Zorritos, lambendo o dente de ouro. – Desde o princípio, eu cheirei alguma coisa esquisita no ar: atrás desse sangue deve andar a mão do Equador.

– Mas o que fez para quebrar o seu orgulho, Dona Adriana? Como é que pôde deixar o Tenente tão deprimido? Não seja tão orgulhosa, também. Conte. Me conte.

– Além do mais, na certa que, antes de matá-la, eles violaram essa garota, a Alicia Mindreau – suspirou a de Zorritos. Era uma moreninha de cabelos crespos, animada, embutida em um vestido azul elétrico. – Isso é o que fazem sempre. Desses macacos a gente pode esperar qualquer coisa. E olhe que eu tenho parentes no Equador.

– Entrou com o revólver na mão tentando me meter medo – sussurrou a dona da pensão, controlando o riso que quase não podia conter e entrecerrando os olhos como se quisesse ver, de novo, a cena que a divertia tanto.

– Eu estava dormindo e tive um susto tremendo. Pensei que fosse um ladrão. Não, era seu chefe. Entrou arrebatando a fechadura dessa porta. Aquele sem-vergonha.

Pensando que ia me assustar. Coitado, coitado.

– Eu não ouvi nada a respeito – resmungou Dom Jerônimo, esticando a cabeça por entre o jornal com que afugentava as moscas. – Mas, claro, eu não estranharia que, além de matá-la, eles a violassem. Vários, sem dúvida.

– Começou a me dizer uma porção de grosserias sussurrou Dona Adriana.

– Quais? – interrompeu-a Lituma.

– Não posso mais viver com essa vontade. Estou ficando maluco de tanto desejo. E esse tesão não me deixa mais viver direito, já passou dos limites. Se não for minha, acabarei me dando um tiro um dia destes. Ou dando um na senhora.

– Que gozado – se retorceu de riso Lituma. – É verdade que disse que estava ficando maluco ou a senhora é que inventou isso só de maldade?

– Pensou que ia me comover ou assustar, ou as duas coisas – disse Dona Adriana, dando palmadas nas costas do guarda. – Que surpresa ele levou, Lituma.

– Na certa. Na certa - disse o de Zorritos. – Vários, é claro. É sempre assim.

– E a senhora o que fez, Dona Adrianinha?

– Tirei o camisão e fiquei peladinha – sussurrou Dona Adriana, ruborizando-se. – Sim, bem assim: tinha tirado a anágua. Estava peladinha. Foi uma coisa repentina, um movimento simultâneo de ambos os braços: levantaram a peça de roupa com um gesto violento e a atiraram na cama. Na cara que emergiu por debaixo dos cabelos revoltos, sobre essas carnes roliças que embranqueciam a penumbra, não havia medo mas uma fúria indescritível.

– Pelada? – piscou duas, três vezes, Lituma.

– Então comecei a dizer ao seu chefe umas coisas que ele nunca sonhou – explicou Dona Adriana. -' Melhor dizendo, umas porcarias que ele nunca sonhou.

– Umas porcarias? – continuou piscando Lituma, puro ouvidos.

– Muito bem, estou aqui, o que está esperando para se pelar, caboclinho – disse Dona Adriana, com a voz vibrando de desprezo e indignação. Botava o peito para fora, o ventre, e tinha os braços como asas de um grande jarro. – Ou tem vergonha de mostrá-la? Será tão pequenininha, papaizinho? Vamos, vamos, depressa, baixe as calças e me mostre. Venha, me coma de uma vez. Mostre o macho

que você é, papaizinho. Me foda cinco vezes sem tirar, como meu marido faz toda noite. Ele é velho e você jovem, por isso você vai bater o recorde dele, não é mesmo, papaizinho?

Vamos, me foda, seis, sete vezes. Acha que vai poder?

– Mas, mas... – balbuciou Lituma, atônito. – É a senhora que está dizendo essas coisas, Dona Adrianinha?

– Mas, mas... – balbuciou o Tenente. – Que é que está havendo com a senhora?

– Eu também não me reconhecia, Lituma – sussurrou a dona da pensão. – Eu também não sabia de onde me saíam esses palavrões. Mas agradeço ao Senhor Cativo de Ayabaca pela inspiração que me deu. Fiz a romaria uma vez, no puro pé, até Ayabaca, nas festas de outubro. Foi por isso, claro, que me iluminou naquele instante. O coitado ficou tão abobado como você mesmo agora. Vamos, então, papaizinho, tire as calças, quero ver sua piroquinha, quero saber de que tamanho é e começar a contar quantas vezes você vai me fazer gozar. Chegará a oito?

– Mas, mas... – gaguejou Lituma, a cara ardendo, os olhos como discos.

– A senhora não tem o direito de me gozar assim gaguejou o Tenente, sem fechar a boca.

– Porque isso tudo eu dizia de um jeitinho ainda mais sacana do que você está ouvindo agora, Lituma – explicou a dona da pensão. – com tanta ironia e uma raiva tão grande que ganhei dele só na moral. Ficou estonteado, você precisava ver como ficou.

– Não duvido, Dona Adriana, qualquer outro em seu lugar também – disse Lituma. – Se eu mesmo estou estonteado, só de ouvir. E ele, o que fez, então?

– Claro que não tirou as calças e não fez nada – disse Dona Adriana. – E todas aquelas vontades que ele trazia viraram fumaça.

– Não vim para que a senhora me goze – clamou o Tenente, sem saber onde se meter -, senhora Dona Adriana.

– Claro que não, filho da puta. Você veio aqui para me meter medo com essa pistolinha e para me violar, para se sentir muito macho. Então, me foda, seu super-homem, vamos, depressa. Me foda dez vezes sem tirar, papaizinho. Assim vou ficar satisfeita. Está esperando o quê?

– A senhora ficou louca – sussurrou Lituma.

– Sim, fiquei louca – suspirou a dona da pensão. Mas me saí bem. Porque, graças à minha loucura, seu chefe foi cantar em outra freguesia. E com o rabo metido entre as pernas. E se fazendo de ofendido, veja só, esse grande sacana.

– Vim lhe confessar um sentimento sincero e a senhora fica aí me gozando e ainda me ofende – protestou o Tenente. – E se rebaixando a falar como uma puta, além do mais.

– Veja só como ficou. Está nas últimas – acrescentou Dona Adriana. – Agora chega a me dar pena.

Ria outra vez às gargalhadas, feliz com ela e suas tiradas. Lituma se sentiu inundado de solidariedade e simpatia para com o chefe. Com razão andava tão fodido, porque o haviam humilhado em sua dignidade de homem.

Quando o contasse, os inconquistáveis fariam um grande alvoroço. Diriam que Dona Adriana merecia, mais que a Chunga, ser a rainha dos inconquistáveis, e cantariam o hino em sua honra.

– Também andam dizendo que poderia ser coisa de veadagem – insinuou o de Zorritos.

– De veadagem? Ah, sim? – piscou Dom Jerônimo, regozijando-se. – Poderia, poderia.

– Claro que poderia – disse o de Zorritos. – Nos quartéis abundam os casos de veadagem. E as veadagens, já se sabe, mais cedo ou mais tarde terminam em crime. Desculpe que a gente fique falando destas coisas na sua frente, Marisinha.

– Não tem nada de errado, Panchito. A vida é a vida, não é mesmo?

– Poderia, poderia – refletia Dom Jerônimo. – Mas quem comia quem? Como era esse negócio?

– Ninguém acredita na história do suicídio do Coronel Mindreau – mudou de tema, de repente, Dona Adriana.

– É o que estou vendo – murmurou Lituma.

– A verdade é que eu também não – acrescentou a dona da pensão. – Afinal, como foi?

– A senhora também não acredita? – Lituma se levantou e assinou o vale pelo almoço. – Apesar de tudo, eu, sim, acredito na história que a senhora me contou. E olhe que ela é mais fantástica que o suicídio do Coronel Mindreau. Até logo, Dona Adriana.

– Escute, Lituma – chamou-o ela. Pôs nele uns olhos brilhantes e safados e baixou muito a voz: – Diga ao Tenente que esta noite vou fazer para ele o tacu-tacu con apartado<sup>[18]</sup> que tanto lhe agrada. Para que goste de novo um pouquinho de mim.

Mostrou um risinho coquete e Lituma também deixou escapar o riso.

– Vou lhe dizer assim mesmo, Dona Adriana. Até logo.

Porra, quem é que pode entender as mulheres? Caminhava em direção à porta quando ouviu Dom Jerônimo, às suas costas:

– Amigo Lituma, por que não diz à gente quanto foi que os peixes graúdos pagaram ao Tenente para inventar essa história do suicídio do Coronel?

– Não gosto dessas brincadeiras – replicou, sem se virar. – E o Tenente, menos, ainda. Se soubesse o que o senhor anda dizendo, isso lhe custaria caro, Dom Jerônimo.

Ouviu que o velho taxista murmurava "Tira de merda", e, por um segundo, hesitou se voltava. Mas não o fez. Saiu ao calor opressivo da rua. Avançou pelo ardente areal, entre uma algaravia de meninos que chutavam uma bola de pano e cujas sombras teciam uma agitada geografia à volta de seus pés. Começou a suar; a camisa grudou em seu corpo.

Incrível o que lhe contara Dona Adriana. Seria verdade? Sim, devia ser. Agora entendia por que o Tenente andava com a alma nos pés desde aquela noite.

Na verdade, também o Tenente não era para brincadeiras. Desejar a gorda naquele momento, em meio à tragédia. Ora, que desejo! Mas como lhe saiu mal aquela história. Dona Adrianinha, quem podia imaginar, uma mulher tão decidida assim? Imaginou-a, pelada, se divertindo à custa do Tenente, o robusto corpo vibrando enquanto gesticulava, e o oficial, abobado, não querendo acreditar no que ouvia e via. Qualquer um teria perdido a arrancada e sentido vontade de sair correndo. Teve um ataque de riso.

No Posto encontrou o Tenente sem camisa, na escrivaninha, empapado de suor. Com uma das mãos se abanava, e na outra segurava um telegrama, muito perto de seus óculos. Lituma adivinhou, sob as lentes escuras, os olhos do oficial se movimentando sobre as linhas do telegrama.

– O sacana em tudo isto é que ninguém acredita que o Coronel Mindreau matou a filha e, em seguida, se matou – disse. – Falam de grandes sacanagens, meu Tenente. Que foi um crime por causa de um contrabando, que é caso de espionagem, que aí tem a mão do Equador. E até que é coisa de veados. Imagine só que estupidez.

– Más notícias para você – disse o Tenente, virando-se para ele.  
– Você foi transferido para um postinho meio fantasma, no Departamento de Junín. Deve ficar lá no cafundó-do-judas. Eles pagam o ônibus.

– Para Junín? – disse Lituma, olhando hipnotizado o telegrama. – Eu?

– Eu também fui transferido, mas ainda não sei para onde – concordou o Tenente. – Talvez para lá, também.

– Isso deve ser muito longe – balbuciou Lituma.

– Está vendo, seu pedaço de burro – admoestou-o o chefe, com algum afeto. – Tanto queria esclarecer o mistério de Palomino Molero. Pronto. Já esclareci. E que foi que ganhamos? Que o mandem para a serra, longe do seu calorzinho e da sua gente. E para mim talvez um buraco bem pior. É assim que se agradecem os bons serviços nesta Guarda Civil para a qual você teve a babaquice de entrar. Que vai ser de você lá, Lituma, onde é que se viu um gallinazo na montanha? Estou morrendo de pena só de pensar no frio que vai sentir.

– Filhosdumagrandíssima – filosofou o guarda.

[1] No Carnavalón, Senhor Carnaval, personagem típico do carnaval da serra peruana. É um boneco, feito com sobras de panos, que, ao morrer, no último dos três dias de carnaval, deixa testamento em que cobra promessas eleitorais ou providências de autoridades públicas.

[2] No original, avioneros. Tratamento que se dá, popularmente, aos recrutas da Aeronáutica. Manteve-se aviador e aviadores na fala do homem do povo.

[3] Voltam a este livro de MVL boa parte dos personagens de seus romances, de A Casa Verde, por exemplo: Lituma, José, Mono, Josefino, a Chunga, mangaches e gallinazos (gallinazo é uma aura, uma ave de rapina) dos bairros pobres de Piura.

[4] Grau, Miguel. Almirante peruano (1838-1839) morto em combate contra forças chilenas.

[5] Leo Marini, conhecido cantor de boleros dos anos 50-60.

[6] Tondero, dança popular peruana, da costa.

[7] Dos Almas, bolero de autoria de Don Fabián.

[8] Cuculí, pomba silvestre, comum no Peru e no Chile, de cor cinzenta e uma faixa de azul muito vivo à volta dos olhos. É notável por seu canto.

[9] Mulitas, curiosa denominação dada a um recipiente de pisco (aguardente de uva), provavelmente relacionada ao tradicional transporte do produto em lombo de mula.

[10] Chicha, bebida feita à base de diversos cereais, especialmente do grão de milho fermentado.

[11] Piqueo, pequenas porções de queijo, presunto, cebola, azeitonas; aperitivos.

[12] Seco de chabelo, guisado de carne de cabrito cozida, refogada com cenoura, condimentada com coentro e que se acompanha com arroz branco.

[13] Clarito. Como a branquinha, em referência à cachaça, clarito é o pisco purinho.

[\[14\]](#) Chiclayano, natural de Chiclayo, no litoral peruano, Departamento de Lambayeque.

[\[15\]](#) Paíta, do Departamento de Piura, Norte do Peru.

[\[16\]](#) Bote e huaracha, danças populares. A segunda, de origem africana, foi introduzida em Cuba e daí alcançou toda a América Central.

[\[17\]](#) Frigideres, de Frigidaire, nome registrado de geladeira e que, popularmente, é usado para qualquer outro de diferente marca.

[\[18\]](#) Tacu-tacu com apanado, feijão mexido com bife à milanesa.